This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

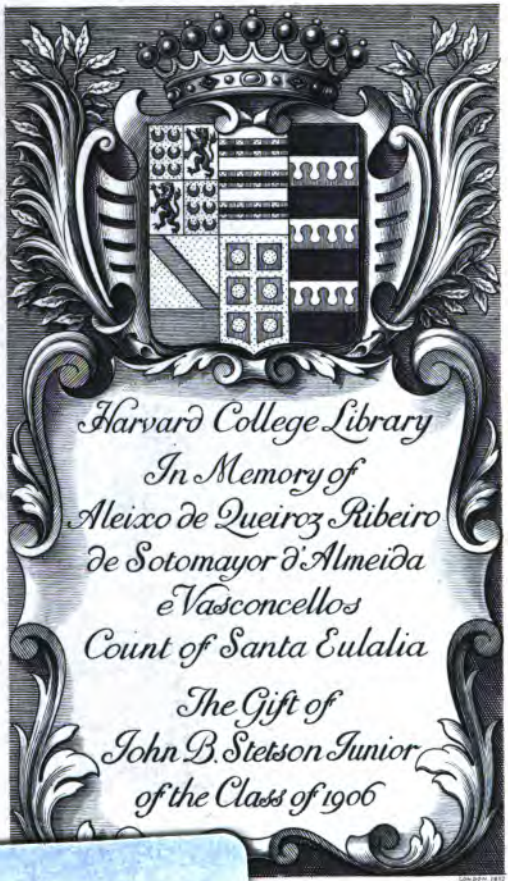
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

WIDENER
HN MSZR N

ort 5929, 150, 105



O CHRISTIERNO

REI DE DINAMARCA

VIAJANDO INCOGNITO PELOS SEUS ESTADOS,

OU

A CONSTANCIA, E HEROISMO

DE

HUMA MULHER.

DRAMA EM TRES ACTOS

POR

Luiz José Baiarda.

Lisboa.

Na Typographia de J. A. S. Rodrigues

NA RUA DA CONDEÇA N.º 19.

1841.

Vende-se nas Lojas de Antonio Marques da Silva, na Rua Augusta N.os 2 e 37 A, em Lisboa.

Port 5929.150.105

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
9 DEC 1924

PERSONAGENS.

CHRISTIERNO — Rei de Dinamarca.
WINTER — Velho, seu primeiro Ministro.
CAMARISTA — Velho.

Estas tres Personagens apparecem no 1.° *e* 2.° *Acto de viajantes sem distinctivo.*

GUILHERME — Governador da Praça, e Cidade.
FREDERICO — Prezo: espozo de
CARLOTA — *Debaixo do nome de Driman anda no* 1.° *e* 2.° *Acto de bonet, e tem distinctivo.*
BRISSON — Creado de escada acima de Guilherme.
ELIZABETA — Creada.
1.° PERTENDENTE.
HUMA PEXEIRA.
HUMA MULHER.
HUM CORTADOR.
ESTALAJADEIRO.
ESTUDANTE.
GAUDORF — Abeatado.
HUM OFFICIAL.
ABIAS — Hebreo.
O PERFEITO DA CIDADE.

Soldados — Pertendentes — Hebreus — e Nobres da Cidade — Muzica — e Povo.

A Scena he na Cidade de Flensbourg no Reino de Dinamarca.

ACTO PRIMEIRO.

O Theatro representa huma sala de entrada no Palacio do Governador.

SCENA I.

Brisson *só, figurando que acabou de varrer, e com o espanejador na mão.*

Bri. Que trabalhosa he a vida de hum pobre criado!.... O descanço não foi feito para elle: levanta-se sedo, deita-se tarde, e nunca dobra joelho. Quando fazia de comprador, lá era mais suave, e as cizas usuaes pagavão em parte o incommodo, que tinha; mas desde que fui promovido do nobre cargo de criado pollido, quero dizer, de escada abaixo, e escada acima; desde que me encartárão em Mercurio politico de missivas de homens, e senhoras, o trabalho he muito, e a ganancia pouca. A's vezes lá vai seu rixdalle de alguns tollos que ignorando a estrada real por onde devem caminhar, julgão que, por eu ser creado do Governador, tem em

mim hum farol que os alumie.... Coitados! como são asnos; e quanto se enganão?.... não he nesta candeia de ferro velho, em que devem lançar o seu azeite; procurem outra casta de candieiros de mais bicos, e maiores torcidas, que de certo não hão-de perder o seu tempo. Oh! chega a Sr.ª Elizabeta?.... Pois temos embaixada pela prôa.... Vamos, Sr. Brisson; ouvido prompto, canella rija, e pé ligeiro.

SCENA II.

ELIZABETA, E O DITO.

ELIZ. Sr. Brisson....

BRI. Elizabeta Sr.ª, que determina?....

ELIZ. Manda Sua Ex.ª a Sr.ª Governadora, que V. m. sem perda de tempo receba as petições dos pertendentes, para as entregar logo ao Secretario do Sr. Governador; e que vista a sua farda rica para a acompanhar a casa da Modista Franceza Madama Pilha!....

BRI. E V. m. não vai tambem na sucia?....

ELIZ. Fico incumbida de certos arranjos.

BRI. Pois tenho pena.

ELIZ. Pena!.... e porque?....

BRI. Além de ter o gôsto de ir na sua amavel companhia, não me parece bonito huma Sr.ª de tanto respeito, como he Sua Ex.ª, vá só com hum marmanjo, que na retaguarda lhe vai servindo de cabide do chaile, e dos célebres indispensaveis, que de saquinhos, que crão, passárão a pastas de requerimentos.

ELIZ. A moda tudo dispensa. E V. m. não

tem nada com isso; cale o bico, e sirva sua ama.

Bri. Tem razão, tem razão, Sr.ª Elizabeta: mas estou estranhando o seu modo arreminado. Ha tempos, que me não mostra aquelle agrado que antes me mostrava: V. m. hade-se lembrar de quando, ambos desabafavamos ácerca da estimação, que a Fidalga fazia de Driman, que sendo então creado como eu, foi admittido a Secretario particular.

Eliz. Sim, estou lembrada; mas eu fallava porque o ciume me obrigava; porque desde que Driman entrou para esta casa, logo me namorei do seu ár encantador.

Bri. Esse ár tem feito muito mal a algumas raparigas do meu conhecimento.

Eliz. Julguei então que a Sr.ª vendo a sua formosura se tivesse namorado delle.

Eri. He verdade que a cara parece mais de fêmêa que de macho: e a mesma vóz....

Eliz. Enternece, e encanta.... olhe, não posso negar-lhe que morro por elle.

Bri. Não morra, menina, que isso he asneira: faça a sua deligencia; e se elle a desprezar, aqui me tem, que sou porto franco dessa fazenda. (Já agora vá de peta.)

Eliz. Olhe, Sr. Brisson, parece-me que nisso hade vir a dar....

Bri. Está dito, conte comigo; e fez bem de se declarar, quando não podia comprometter-me com outra, e a coiza havia então de ser mais custoza; mas sempre se lhe havia de dar volta, para a Sr.ª não ficar descontente. (Não, tambem não és tu que me has de clu-ricar.)

Eliz. Hoje perdi todas as esperanças; encontrei Driman, que hia para entrar no gabinete de nosso amo Governador: fallo-lhe, e não podendo supportar a chama que me abrazava, abri-lhe o meu coração.

Bri. Oh! fez muito bem, porque esse vapor compremido podia inflammar-se, e arrebentar a caldeira dos seus affectos.

Eliz. Patentiei-lhe o amor que me inflamma, o fogo em que me consumia, e os segredos do meu peito.

Bri. Nisso he que a Sr.ª fez asneira: qual he a mulher que cahe na parvoice de dizer o que sente!.... E elle que fez, que disse?

Eliz. Sobresaltado, me respondeo.... Elizabeta, sou muito infeliz: não quero illudir-te.... Eu não sou o que tu julgas, nem posso ser teu espozo; e foi-se.

Bri. Eu logo disse, que aquella cara não era para esses ataques: sempre he homem, que não tem barba, nem esperanças talvez de a ter: mas eu tenho-me demorado muito; e já me esquecia o recado que me deste.... não se admire que lhe falle por tu; porque isto he signal evidente, do muito que já a estimo pela sua franqueza, e sinceridade. Vai para dentro, que quero fazer entrar os pertendentes, para vestir-me, e ir na retaguarda da Sr.ª

Eliz. Então posso contar....

Bri. Pois não... Não vê a minha franqueza?..

Eliz. O dito dito. (Já que não pude vencer o outro, não devo perder esta occazião de arranjar-me.) A Deus, Sr. Brisson, faça de conta que sou toda sua. — (*Vai-se.*)

Bri. Viva a Sr.ª E que me dizem á menina! como não póde ancorar no porto do seu destino, queria arribar para esta bahia; mas hade encontrar vento contrario, que a faça navegar para o largo. Ora vamos a isto. Agora entremos em caracter; carranca em baixo, poucas palavras, e ar secalhão.... Este he o melhor modo de ouvir as partes. — (*Abre a porta.*)

SCENA III.

O DITO, DIVERSOS PERTENDENTES DE AMBOS OS SEXOS, ALGUNS COM REQUERIMENTOS.

Bri. Entrem, Senhores, mas nada de confuzão: em ordem, em ordem Senhores.... assim, assim — (*arranjando-os em fileira: a hum destes*) O seu requerimento.

1.º Pert. Ei-lo aqui.... mas....

Bri. Mas, o que Sr?.... Se tiver justiça, Sua Ex.ª não he capaz de faltar a ella.... (Parece-me que estou na ordem.)

1.º Pert. Eu não digo isso.... mas.... (*mettendo-lhe na mão dinheiro.*)

Bri. Sim, bem sei.... pois não.... V. m. tem razão!.... venha cá — (*tirando-o da fila*) dezabafe comigo.... explique-se.... diga, diga, meu amigo....

1.º Pert. Espero da sua bondade que faça hir ás mãos de Sua Ex.ª este memorial, que serve só de lembrar o informe de hum requerimento que fiz ao Monarcha, e que veio a informar: quer-se a brevidade.

Bri. Hade ser servido.... Oh! pois não....

V. m. tem maneiras, que encantão, e catitão.... fica na minha lembrança.... Não quer mais nada?

1.° Pert. Nada mais. A's suas ordens.... (*cortezia e vai-se.*)

Bri. Fique certo no meu cuidado.—(*acompanha-o.*) Este he dos que não sabem aproveitar o azeite. (*Para outro*) Venha.... (*O pertendente da-lhe hum requerimento.*) Retire-se—(*Vai-se o pertendente.*) Como não escorregou não leva rapa-pé.... (*Para huma mulher*) E tu que queres, mulher?....

Mulh. Ui!.... V. m. está muito confiado!.... Que queres, mulher!.... Dobre essa lingua, que eu bem o conheço. Ainda hontem pegava na alcofa, já hoje nos grimpa....

Bri. Valha-me o ceo.... Sr.ª, aqui não se grita.

Mulh. Aqui he que se deve gritar, para nos fazer-mos ouvir de quem nos pode fazer justiça.

Bri. Oh! mulher, ponha-se daqui para fora: quando não, vai para a Cadêa. Não sabe que Sua Ex.ª está dormindo? Deitou-se tarde, e quer descançar.

Mulh. Pois eu espero, que tenho muito que fallar-lhe.

Bri. Se traz requerimento dê-mo; e senão, espere-o lá fora quando sahir.... vamos, saia, tenho dito.

Mulh. Tambem eu já disse.... (*senta-se no chão.*)

Bri. A mulher he o diabo, que me appareceo.... se ella he pexeira.

Mulh. Sou peixeira, sim; e por isso me lembro, de quando me compravas o peixe por cinco e o incampavas a teu amo por dez.... mas a culpa tem quem te poz neste lugar.

Bri. (Este demonio deita-me a perder.)

SCENA IV.

Carlota, e os dittos.

Carl. Brisson que motim he este?....

Bri. Que hade ser? He esta mulher, que está berrando como huma cabra, e não ha razão, que a convença.... eu te arrenego, demonio, eu te arrenego!

Mulh. Saiba V. S.ª que este homem, tratou-me mal, e por isso levantei a vóz....

Carl. Ah! Brisson, tu não deves offender aos que vem requerer.... Nem Sua Ex.ª deve approvar hum tal comportamento, nem o Monarcha o tolera. Devemos ser politicos para com todos, para que o sejão tambem comnosco.

Bri. Eu, Sr.... (Não posso tratar por Sr.a quem há pouco foi tanto como eu.)

Carl. Basta.... Não se falle mais disto, em attenção á decencia desta caza. E vós, se tendes que requerer de viva vóz a Sua Ex.ª vinde ámanhã, pois hoje não falla a ninguem; passou incommodado, e certas ordens que recebeo lhe roubão toda a attenção: deixai os vossos requerimentos, e retirai-vos.—(*Dão-lhe os requerimentos.*) Tende paciencia com a demóra e ide certos que farei toda a diligencia pela brevida-

de dos despachos.—(*Vão-se os pertendentes dando os requerimentos.*)

Mulh. Ah! isto sim Sr., isto he outro modo: eu ámanhã virei queixar-me do malvado beleguim, que não só me roubou o peixe, mas fez-me perder a venda de todo o dia. A's ordens de V. S.ª — (*Vai-se.*)

Carl. E tu, Brisson, retira-te; vai cuidar nos teus deveres: mas lembra-te que teu amo não te poz nesse lugar para espancares os mizeraveis, que lhe vem pedir justiça: o teu portamento he infame, porque não só fazes odear a authoridade a que serves; mas augmentas as afflicções dos infelizes, que para merecerem compaixão, basta-lhes só serem requerentes, a quem a injustiça, e prepotencia talvez persegue, e maltrata.

Bri. (Como ja se pilhou de cima, já me dá regras o tal sovellão.) Fico inteirado, e farei o meu dever. (Isto sem dúvida he suprano, que fugio de alguma capadocia.) — (*Vai-se.*)

Carl. (*Depois de ter examinado a scena*) Quanto me he penozo fingir... Oh Deos! tu que só podes penetrar o coração do homem, he que me tens dado vigor, e constancia para soffrer os trabalhos a que o amor do espôzo me obrigou. A cada momento julgo ser trahida, e penso que a minha fraqueza me descobre. Quando terminará o meu fingimento, e apertarei nos braços o meu querido Frederico.... A amizade, que o Monarca te dedicava, e a franqueza com que expressavas teus rectos sentimentos abrirão-te o abysmo da desgraça, e me separárão dos teus braços: a calumnia mais horri-

vel se armou contra ti, animada pelo facho da negra inveja, e fomentada pelos perversos que se queimão na toxa da santa verdade. Há 18 mezes, que existo coberta desta mascara que occulta a fragilidade do meu sexo. Sirvo ao perseguidor de meu espozo.... Sim, eu não avanço as minhas ideias, quando chamo ao Governador desta prizão de Estado e da Cidade perseguidor de Frederico. Tenho certas informações, que me induzem a acreditá-lo autor da trama horrivel, que o fez traidor aos olhos do recto Monarcha, Frederico, que nunca pôde soffrer que a impostura triunfasse, encarregado pelo Soberano de examinar a conducta de Guilherme, o mostrou aos seus olhos no verdadeiro caracter de seus crimes, e indigno deste mesmo emprego que exercita.... Mas oh Ceos!.... E qual foi o rezultado deste honrozo serviço publico?.... Levantou-se contra elle a cohorte dos indignos, que illudem para medrarem, nublou-se o orizonte de toda huma Corte, abrirão-se as cataratas da traição, e na horrivel alluvião das calumnias, maledicencia, e perversidade foi arrojada a victima, a que se dirigião seus raios.... Oh meu Deos! so esta he a recompensa do homem recto, não sei como haja quem queira seguir a virtude!.... Ceos! que digo!.... que proferes, Carlota!.... Não blasfemes; e se até aqui tens tido constancia para rezistires a tantos trabalhos, continúa firme no teu projecto; e lembra-te, que a força occulta que te conduzio para esta caza te denota, que aqui existe o espôzo que te roubárão.... Sinto passos.... he Guilherme...., seu rosto palido

o faz réo, e accuza..... supite-se a dor que me affige, e illuda-se este perverso, até aclarar a incerteza em que existo.

SCENA V.

GUILHERME, E A DITA.

GUIL. Driman, estamos sós?....

CARL. Sim Sr..... mas eu me affirmo melhor.—(*Vê a scena.*) Fallai sem susto, que ninguem nos escuta.

GUIL. Penso que estás certo do apreço, que sempre mostrei consagrar-te; foste-me recommendado por hum amigo de Copenhague, e tendo conhecido pelo decurso de mais de hum anno a tua fidelidade, de creado que eras da minha consorte te fiz meu Secretario particular, cujo cargo dezempenhas com huma prudencia, que não he natural na tua idade juvenil. Sim, todos te louvão pelo modo affavel com que ouves os pertendentes, e os affagas.

CARL. Sr., o vosso louvor me confunde; eu não mereço tanto.

GUIL. Mereces muito.... e eu saberei recompensar-te. O lugar que exerces, as mais das vezes he escabrozo pelo inviolavel segredo, que se exige de quem o serve.

CARL. Conheço que o nosso peito deve ser cofre aferrolhado, donde não saião os negocios que se nos confião. Assim o tenho praticado. (Aonde irá este discurso?)

GUIL. Certo na tua fidelidade, quero hoje abrir-te o meu peito. Mas primeiro devo outra

vez lembrar-te os favores que te hei feito; que sempre foste tratado, não como servo, mas sim como filho, e que este amor não deve ser recompensado com ingratidão. Tens bastante descernimento para conhecer, e pesar na balança da razão estas verdades, e antes que te franqueie o meu peito, exijo de ti que jures guardar até á morte hum segredo que....

Carl. Sr.... (Não sei que vaticina o coração!.... seus baques me atraiçoão!.... Oh Deos!....)

Guil. Que tens, Driman?.... Recuzas-me a tua amizade?.... Não queres jurar?....

Carl. Ah! Sr., peço-vos que não penseis que a minha alma seja susceptivel de atraiçoar o meu bemfeitor. Eu não sou ingrato, prézo a honra, e saberei trilhar a estrada que ella me apontar. Deveis lembrar-vos que eu não ambiciono saber os arcanos do vosso peito, que não pertendi indagar, nem indago os vossos segredos, e que vós mesmo he que quereis manifestar-mos.

Guil. E que vens a concluir?

Carl. Que acho improprio o juramento que exigis de mim.

Guil. Improprio!.. Hum juramento he o testimunho da nossa conducta, e huma certeza da honra, e fidelidade que se espera de nós.

Carl. Mas se elle se exigir para executarmos acções criminozas, oppostas á honra, e á virtude, o juramento perde a força, e a pessoa que o dá fica dezembaraçada do seu vinculo. Ah! Sr., consenti que vos diga que o sagrado acto de um juramento só deve ter lugar raras vezes,

porque habituados a chama-lo em nosso abono, perde-se o respeito, e não se lhe dá o valor que exige para manter a ordem da sociedade.

Guil. E como heide contar com a tua fidelidade?

Carl. Da mesma forma que tendes contado com ella para o desempenho do meu cargo: e de mais Sr., de que serve esse juramento?.. ou me julgais honrado, ou não. Se sou honrado, basta a minha palavra, e se traidor, de nada valem juramentos para entes tão abominaveis. A experiencia do mundo nos tem feito conhecer esta verdade.

Guil. Eu não quero altercar comtigo; e como cheguei ás circumstancias de saberes, que no meu peito existe hum segredo, que me punge; como já não posso occultar-te que negocio importante me inquieta, eu vou narrar-te a funesta cauza que me afflige. Quero julgar-te incapaz de traição; mas quero tambem prevenir-te, que serás victima do meu rancor se teus labios narrarem a mais pequena parte desta infausta, e horrivel tragedia.

Carl. (Oh! meu Deos! da-me forças!) Fallai Sr., e contai com a minha discrição....

Guil. Lê esta carta.... (*Dá-lha.*)

Carl. (*Lendo*) » Amigo. Apressadamente faço esta para advertir a V. Ex.ª que o nosso Monarcha sahio de Copenhague para vizitar incognitamente algumas Cidades, sem dizer aonde se dirigia: em consequencia do que vos avizo para que estejais prevenido e acautelado ás perspicazes vistas deste Monarcha, que pelas suas virtudes he adorado do Povo. No Paço não se

diz qual seja o fim desta viagem; mas todos estamos persuadidos qüe ella só tende a impedir violencias, abusos do poder, e a conhecer os males do Povo. Pode ser que chegue a esta Cidade, e como sei que ahi tendes prezo a Frederico, que vos quiz perder no conceito do Monarcha, e a vossa sagacidade calumniou e fez condemnar a huma prizão perpetua como detractor da Magestade, torno a prevenir-vos para que lhe deis o fim que sempre vos aconselhei: dai-lhe a morte; nada mais facil para vós.... e assim nos livramos de sustos.

(N. B. *Esta carta quer ser lida com aquelles sobresaltos proprios da acção; quando chega á palavra* —sustos—*perde os sentidos, e cahe o corpo perdido.*)

Gpin. (*Soccorrendo-a*) Que he isto?.. Não ha quem acuda? ..(*levantando a carta.*) Creados, venhão cá fóra.... (*Tornando a si Carlota*) Já respira.... anima-te, Driman....

Carl. Oh Deos! que afflicção!....

Guil. Que fatal deliquio foi este? Se és tão fraco, que soccorro poderei achar em ti? que conselhos de huma alma puzilanime?

Carl. Nem todos são dotados de hum valor tão subido, que possão resistir quando sabem que geme a innocencia para folgar o crime; nem todos são tão feros que se embebão no sangue do homem recto....

Guil. (*Com susto e arrogancia*) Que dizes, Driman?..

Carl. Nada, Sr... desculpai os desvarios da minha imaginação: o que fallou até aqui foi a humanidade, e não o Secretario do Governador. (Ah! perverso!....)

SCENA VI.

BRISSON, ELIZABETA, E OS DITOS. *Brisson com farda de criado apeado, e hum indispensavel na mão.*

BRI. A Sr.ª manda saber se V. Ex.ª chamou... (Ai, que o Secretario está com cara de quem padece lombrigas.)

ELIZ. Diz que ouvio hum motim.... (Aqui houve coiza.)

GUIL. Retirai-vos, pois não sois precizos.

BRI. Sua Ex.ª manda participar-lhe, que vai á Modista Franceza, e que de lá para a caza do Sr. Prefeito da Cidade; que talvez jante com a Ex.ma Consorte, e que veja se determina alguma coiza.

GUIL. Que estimarei se divirta; e se os negocios me derem logar, á noite lhe farei companhia: vai-te.

BRI. Sim Sr.... (Venha, Sr.ª Elizabeta, não olhe para o pequeno, que perde o seu tempo.) — (*Vai-se.*)

ELIZ. (Elles estão a modo de assustados..... Eu não me engano; aqui ha historia, e historia grande.) — (*Vai-se.*)

GUIL. (*Reparando na scena.*) Primeiro, estás de posse do importante segredo da minha alma. Não te quero occultar nem a mais pequena circumstancia. Sabe que este Frederico encantou o coração do Soberano pela virtuoza conducta, que teve com Soffia, hoje Condeça de Jedial, quando, seduzida pelo filho do primeiro Ministro, se

vio na maior desgraça. Alcançou favores da Magestade, e ufano com a sua elevação, era hum rispido censor dos Nobres, que lhe jurárão huma odio eterno: mal podem os homens da minha classe soffrer impunemente os ataques que se lhes fazem. Frederico, encarregado do Monarcha para se informar da minha pessoa, não quiz ceder aos empenhos para occultar os desvarios, e vexames, que eu tinha praticado n'huma commissão de que fui encarregado. Desmascarou-me, e quiz perder-me, sem respeito á minha pessoa, e nobreza. Então levantou com isso os animos dos meus amigos, jura-se-lhe a queda, e arma-se a trama; espalhão-se no Paço pasquins odizos, que não poupavão a sagrada pessoa de hum Monarcha recto. São logo attribuidos a Frederico, porque sagazmente se achou quem lhe soubesse emitar a letra. Procede-se nos termos Judiciaes, e he sentenciado a prisão perpetua em huma torre: os amigos que tenho ao lado do Rei justificão-me, e sou despachado para Governador da Cidade de Flensbourg, e deste Castello. Como a sentença de Frederico não lhe designava prisão, ou castello, fiz que simuladamente fosse conduzido para este, onde jaz ha dois annos, e lhe tenho feito sentir toda a força do meu rancor.

Carl. (Cego! .... Que horroroza conspiração!).

Guil. Carlota, sua esposa, huma dessas mulheres muito afferradas a principios virtuosos, e que não conheço, desappareceu rapidamente da Cidade pouco depois do perdido consorte. Desta circumstancia fui logo avisado. Christierno,

usáz perspicaz para conhecer traições, sempre lhe pareceo impossivel que o caracter honrado de Frederico fosse susceptivel de hum tal crime. Certas vezes eu mesmo lhe ouvi proferir: = Este crime de Frederico he trama horrivel, que não posso descobrir; mas tremão os traidores, se os chego a conhecer. =

Carl. O Monarcha, que tem sondado o coração humano, sabe que raras vezes o homem amante da verdade, e franco se vale da abjecta, e ridicula capa do anonimo para detractar o seu similhante. O Monarcha não erra no seu juizo.

Guil. Tenho-te esplanado os arcanos da minha alma. Receio que Christierno, sabedor da circumstancia e empenho que fiz em conduzir Frederico para esta torre, appareça rapidamente, e venha a descubri-lo; e assim quero de huma vez terminar a sua existencia, e dar fim aos sobresaltos do meu coração.

Carl. Que dizeis, Sr.? .... Pois quereis dar a paz ao vosso coração perpetrando novos crimes? .... Pensais que a continuação dos attentados possão abafar remorsos flagellantes? Julgais que o sangue dessa victima innocente hade lavar as nódoas de huma conducta depravada? .... Ah! .... não .... não .... elle he o verniz que a illumina: seu sangue, que nunca se apaga, esculpido no macilento rosto do tyranno, os labios lividos e tremulos, olhos vagos, e falas confuzas, tudo, tudo o denuncia ao mundo flagello da innocencia, e precipicio da virtude. Em cada ente, que encontra, vê a victima que o accuza, teme de encarar os humanos, e tem no peito as furias do Inferno, que, aferra-

das no coração, lhe espremem o terrivel veneno das pragas, da dezesperação, do odio, e rancor com que horroriza a natureza: tal he o quadro de huma alma tyranna. Se vos agrada a pintura, tirai-lhe a copia, ponde-a em prática, e ouvireis as pragas da humanidade.

Guil. Eu não posso comprehender taus discursos; e esses gestos dezesperados que ostentas não abonão a conducta que esperava. Acazo não approvas o meu procedimento?

Carl. Sou muito sincera, para vos dizer que sim. A tyrannia nunca agradou a hum coração sensivel, e esses actos sanguinarios são oppostos á natureza.

Guil. E que importa a natureza quando periga a nossa felicidade? Para a manter tudo nos he licito.

Carl. Esse he o Alcorão dos tyrannos; essa he a pessima moral, que a ambição ensina, e que os orgulhozos approvão para manterem vãos caprixos, quimericas grandezas, que apenas brilhão, mas que na prezença dos homens illuminados perdem a estima.

Guil. Basta, Driman, basta: tu vais excedendo os limites do respeito, que me deves: tu insultas-me? Não te lembras de quem sou?.....

Carl. E's hum monstro..... (Oh Ceo! que me perco.) Sois o meu Governador..... meu azilo e amparo: se ouvistes huma fraze despida da lizonja, he porque estavamos sós..... saberei conter-me d'ora em diante para cumprir deveres sagrados a que estou ligado. (Sigão-se os intentos deste monstro, e salve-se o espozo.)

Guil. Quero capacitar-me dessa promessa, e

hoje mesmo vesei o seu desempenho: socega a tua alma atribulada: esquece esses sentimentos humanos: elles são oppostos á nossa felicidade, nem com elles se pode medrar no turbilhão das grandezas. Se eu tivesse acolhido as vozes ocasas, que a favor de Frederico me dizia a consciencia, nem teria gostado o grato sabor da vingança, nem sobre a desgraça da minha victima teria levantado o throno da minha gloria. Driman, chegou o instante precizo de findarem os meus receios, e firmar-se a minha dita. Eu não quero violentar-te a que derrames o sangue do meu inimigo..... Sei que para tanto não terias valor; mas quero que desças ao calabouço, em que existe Frederico, em companhia de hum homem mascarado do quem me confio; elle te aprezentará as chaves, que nunca larguei de mim, e com tanta vigilancia, que eu mesmo tomei a tarefa de lhe levar o parco alimento..... Este homem cravará hum punhal no peito de Frederico; tu então o ajudarás a sepultar o cadaver n'hum fosso arruinado, que alli existe; lá se hão de encontrar os instrumentos necessarios.

Carl. Mas, Sr., deixai que vos lembre, que o segredo que passa de dous, já não he segredo; e que pertendendo vós sepultar no centro da terra os nossos crimes, parece os fazeis mais publicos quando os confiais a hum terceiro..... Deixai, Sr., que eu só seja sciente: o perigo em que me encontro dá-me o valor precizo: seja eu só o verdugo do vosso inimigo.

Guil. Tenho determinado, e todas as reflexões serão intempestivas. Não receies que falle,

que hum ha de ser companheiro no sepulcro de Frederico, e.....

Carl. Hum novo crime!!.... ainda a perda de sua vida.....

Guil. He hum ente abjecto, hum vil plebeo, cuja existencia não se faz preciza. Retiro-me ao meu gabinete, e lá te espero. Escuzo lembrar-te sigillo, e discrição; sabes que sou nobre, e poderozo, que governo homens, e tenho os dados precizos para te fazer desapparecer da Sociedade no momento em que me fores traidor. — (*Vai-se.*)

Carl. E's nóbre!..... Ah! não, não pode ser nobre quem alverga no peito hum coração viperino! Não he illustre quem trilha a estrada dos crimes. Eis patente a cabala horrivel, que me roubou o consorte, e illudindo hum Monarcha justiceiro, entregou a innocencia nos braços de hum facinorozo vingativo. Oh Deus! eu te rogo que me infundas coragem: se tanto tempo me tens protegido vendando os olhos a este monstro, e occultando-lhe o meu disfarce, não me desampares no lance mais perigozo. Tu animaste huma Judith quando, decepando a cabeça de Hollofernes, deu liberdade a um Povo escravo; infunde-me a mesma coragem, para que de um golpe salve o espozo, extingua hum tyranno, e seja Carlota o exemplo do amor conjugal. (*Vai-se.*)

Mutação 1.ª — Sala de Estalagem.

SCENA VII.

CHRISTIERNO, WINTER, CAMARISTA, *todos de viagem, sem distincção alguma.* ESTALAJADEIRO.

ESTAL. Acha-se prompto o almoço, e como acabastes do vosso passeio, julgo propria a refeição.

CHRIST. Descançaremos primeiro; que vos parece, meu tio? ..... (*Para Winter.*)

WINT. Muito bem.

CHRIST. Tendes ouvido? Daqui a pouco, amigo.

ESTAL. Como quizerdes. Julgo que passareis a noite com descanço, e achareis as camas com toda a decencia.....

CHRIST. Sim, sim passamos bem, e se houver incommodo, esse provém da jornada.

ESTAL. Eu me retiro: se quizerdes alguma coiza, tocai a campainha. A's vossas ordens.....

CHRIST. Esperai, e dizei-me..... Aqui não ha Policia?.....

ESTAL. Pois não..... E o seu chefe he hum Magistrado recto. Mas porque me fazeis essa perguntа?

CHRIST. Porque estando aqui ha 24 horas, tendo decorrido parte da Cidade, que não he muito grande, e sendo estranhos, ainda ninguem nos perguntou pelos passaportes!

ESTAL. Isso não admira: os muitos afazeres, com que se achão os encarregados dessa commissão, fazem com que não reparem nessas bagatelas. Mas parece-me que essa pregunta tem

outro fundamento. . . . vejo-vos assustados. . . . . e olhando huns para os outros.

Christ. (Illuda-se, para se profundar a verdade.) — (*para Winter.*) Sim, algum receio. . . .

Estal. Bem sei, tenho entendido; já vejo que não trazeis passaportes, e que talvez a furto sahisseis de Copenhague para salvardes a pelle.

Christ. Parece-me que adivinhais. . . Tendes bastante penetração.

Estal. Nem menos se deve esperar de hum Estalajadeiro: as pessoas de diversas condições, caracter, e costumes, que aqui se tem alojado, dão huma perfeita lição. Tres annos de Estalagem fazem o dono della ente completo de malicias, e tambem pouca vergonha. Mas vamos ao que nos importa. Vós podeis estar descançados, porque nesta hospedaria, como os modernos lhe chamão, não tendes que temer.

Christ. E porque tão grande conceito mereceis, que. . . . . .

Estal. Eu tenho conceito porque sei prevenir as coizas, e por isso os meus quartos estão cheios. Os Officiaes tem por obrigação vigiarem-nos, e conhecerem se os passageiros vem munidos dos passes competentes: eu, a quem a pratica tem feito mestre, e sei que muitos lá por seus dares, e tomares nem sempre os trazem, uzei da esperteza seguinte. Por exemplo, quanto deveria ganhar hum Official, que, fazendo a sua obrigação, viesse á minha Estalagem, e prendesse o passageiro que não tem passaporte? . . . . Hum Ducado. Eu então dou-lhe tres, que logo carrego na conta do Hospede, que não lhe peza paga-los. E desta forma a minha Estalagem

tem fama, o Hospede vive descançado, he Official contente, e muito meu amigo.

Gravet. Tendes acertado na prática do mundo. (Quantos abusos temos a corrigir!) (*Para Winter.*) Mas admiro que a tanto chegue a venalidade desta harpeas, a quem se confia a segurança dos Cidadãos!....

Estal. Elles nem todos são assim..... mas que quereis?..... que queres?..... A precisão he inimiga da virtude..... poucos teres, despezas enormes; em fim, elles hão de andar acenados, vestir, e calçar, sustentar molher, e filhos legitimos e naturaes, que assim fazem os homens de bem; sociedades, jogos, etc. etc. etc., tudo isto leva dinheiro; os emolumentos são pequenos; e se não houverem destes ganchos, de certo não podem viver.

Chefe. Apezar de estar nas circumstancias de me aproveitar da corrupção destes infames, não posso aprovar que se mantenhão vicios com o abuzo da authoridade: não heide soffrer que se atropelle a boa moral, e que a segurança dos Cidadãos soffra o menor insulto com o ocio da Lei, que deve punir tão enormes attentados.

Estal. Oh lá! que enfado he esse?..... Pareceis-me hum Monarcha a decretar!..... Não heide soffrer que se atropelle a boa moral.... (*entretanto-o.*) Pois hade soffrer, sim Sr.: isto não he novo; he já muito antigo..... Se se vos mette em cabeça emendar o mundo, estais enganado. Lembrai-vos, que he huma bolla; e se, como dizem os Sabios, elle gira, ainda que hoje se vire para outro lado, daqui a pouco tornamos á mesma. Isto he tão verdade, que

em pequenas coizas se observa. As modas, que os Alfaiates, e Modistas dizem que são novas, he mentira; são velhas, e mais que velhas; e tudo isto nasce das voltas que dá o mundo. As senhoras uzárão de cinturas conforme lhas deu a madre natureza; depois fôrão encolhendo, encolhendo, que desapparecêrão: ei-las agora, que se deixárão escorregar, e já chegão nos marcos das nádegas. Os homens principiárão uzando as cazacas lizas, passárão para as japonas, e ei-los ahi mettidos outra vez n'hum furaz, que se não sabe o que são. (*Tocão dentro campainha.*) Mas sou chamado lá dentro. Não posso ser mais extenso, do que tenho pena; porque, alem de ser amigo de conversar, queria-vos tirar as teias de aranha, que ainda tendes ná cabeça: ás vossas ordens.... (*Indo-se.*)

Christ. Lembrai-vos da paga dos Officiaes; a segurança sempre he boa.

Estal. Descançai; vou certo no que devo fazer. Servo reverente. (*Vai-se.*)

Christ. Que tenho ouvido!.... E he possivel que assim se abuze da Regia Authoridade!.... He possivel, que no recinto desta Cidade se illuda tão facilmente a vigilancia dos Magistrados?.... Mas não me devo espantar; elles não são anjos, são homens, e como taes susceptiveis de serem enganados. Vêem caras, e não corações, e mal se pode descubrir o refalçado peito, que abrange tanta malicia. Winter, foste inspirado pelo Ceo, quando me insinuaste esta digressão pelos meus Estados. De Copenhague até aqui tenho notado abuzos, que he precizo emendar. A educação, esta fonte do

onde emanão todas as felicidades humanas, e que differença os homens dos brutos, está esquecida, e aquelles existirão n'hum cáhos, se Christierno lhes não acudir. A ignorancia he a peste dos Imperios; ella só agrada aos impostores, a quem sustenta. E assim como a luz he preciza para dissipar as trévas, assim o estado das siencias dissipa os prejuizos, e mostra-nos o farol da boa moral, e sã filozofia, que confunde os perversos; elles a aborrecem, e trabalhão na sua destruição para manterem o idiotismo, que occulta enganos, e falsidades.

Wint. Mas debalde trabalhão, meu Soberano, porque, á vossa similhança, os rectos Monarchas derramão luzes por entre o seu Povo, seguem a missão para que Deos os enviou, e premeião, e punem com os olhos na Justiça, e só ambicionão o amor dos Povos.

Christ. Camarista, não te esqueças de notar no mappa das lembranças, o que ouviste ao Estalajadeiro, para em tempo opportuno dar o remedio precizo. Tu, que te mostraste opposto a que sahisse da minha Côrte, dize, não estás ainda convencido da razão do meu Mestre?

Cam. O receio de que a Magestade não soffresse algum prejuizo.....

Christ. Nada soffre a Magestade, quando apparece entre o Povo. Hum Rei he pai, e que melhor pode elle estar, do que entre os seus filhos?.....

Cam. Verdade innegavel. Mas os incómmodos de huma jornada podem causar-vos damno, e quem preza o seu Monarcha deve dezejar a conservação dos seus dias, assaz precizos para felicidade dos seus Subditos.

Chant. E como poderei fazer a sua felicidade, se existir no ocio, e na apathia? Sou Monarcha, e esta attribuição impõe-me o dever de velar sobre o meu Povo. Hum Soberano he o mesmo que o senhor de huma grande herdade, que não produzirá fructo, se o proprietario entregar o amanho a operarios mercenarios, só amantes do interesse. Se elle proprio não vigiar, se os não fiou a arrancar o joio, e a sizania, que nasce a par do trigo, em vez de colher sazonados fructos colherá abrolhos, e verá malogrado o seu trabalho. Da mesma sorte, se eu não separar do Cidadão pacifico, o turbulento; se não decepar a sizania dos abusos com a foice da execução das Leis, verei destruida a herdade que o Ceo me concedeu, e as ovelhas, que devo apascentar, serão devoradas pelos vorazes lobos da prepotencia, egoismo, e tyrannia. Guidem os Monarchas em serem justiceiros, punão o crime, e premeiem a virtude, que o seu Throno terá sólidas bazes no amor dos Povos.

Wint. Discorreis com acerto proprio de hum Rei; e a maior gloria, que tenho, he quando me honrais com o nome de vosso Mestre.

SCENA VIII.

Estalajadeiro e os ditos.

Estal. Meus Srs., venho pedir-vos hum favor, que me parece podereis fazer.

Wint. Fallai, que nós dezejamos ser prestaveis.

Estal. O Secretario do nosso Governador foi

se Correio, e o de Copenhague já tinha partido: o homem está afflicto; e como a esta Estalagem vem muitos postilhões de diversas partes do Reino, procurou-me para saber se haveria algum para a Côrte. Lembrou-me, que dissestes a hum dos vossos companheiros, que deveria partir para a Capital; e nestes termos pedis-obzequia-lo, que, além dos mereces, sempre he bom ter um padrinho ao pé de quem governa. Penso que a papelada he de penduração, porque elle está afflictissimo, e diz que quer conhecer a pessoa a quem se entregar.

Christ. E he o Secretario do Governador!..

Estal. Quase mais coiza: he Secretario particular ... recommendaçõcs, recommendações ... Estes Srs. sempre tem seus afilhados: e este julga que tem padrinho gordo, porque, sendo criado, passou para o Gabinete de Sua Ex.ª, e já tem sua condecoração.

Christ. Se tem virtude, e probidade he bem merecida, porque as condecorações fôrão inventadas para serem o premio da honra.

Estal. Se pela cara se conhece quem tem lombrigas, a deste parece mais talhada para mulher, do que para homem: he mesmo hum cherubim!

Christ. Dizei-lhe que entre.

Estal. Sim Sr. (Este homem parece Lente de moral: cada falla he huma sentença.) — (*Vai-se.*)

Wint. Sr., receio que a facilidade, com que fallais a todos, vos descubra. Este homem he addido a Guilherme, talvez seja de Copenhague.....

Christ. Se me conhecer, impor-lhe-hei silencio, e será punido se o transgredir.

Carl. Elle chega.

SCENA IX.

Carlota, Estalajadeiro, e os ditos.

Estal. Sáo aquelles .... póde V. S.ª fallar-lhe; retiro-me, porque chegou gente nova. (O' lá .... ficarão pasmados!..... a modo que se conhecem.) — (*Vai-se.*)

Carl. Cavalheiros .... (Oh Ceos! aquellas feições....) (*Todos denotão conhecê-la, e olhão attentos.*)

Christ. (Seu rôsto não me he desconhecido .... aquella vóz.... acreditára que vira Carlota.) Eu sei, Sr., que a partida do Correio vos transtorna, e que dezejaveis hum postilhão que fosse para Copenhague. Descançai, que estais servido, se vos quizerdes utilizar de hum, que logo heide fazer partir.

Carl. (Eu não me engano..... esta he a sua vóz.... Os fulgôres da Magestade resplandecem em seu rôsto a par da beneficencia.... eu leio nos seus labios a justiça que o caracterisa.... que faço, que não caio a seus pés.) — (*Ajoelhando a Christierno precipitadamente*) Justiça, Sr., justiça....

Christ. A quem fallais?....

Carl. Ao meu Soberano, a Christierno, pai dos infelizes....

Christ. E tu és....

Carl. Carlota, a malfada consorte do infeliz Frederico....

Christ. Levanta-te.... Não posso negar-te quem sou. Guarda segredo. Não quero que me conheção. Mas que significão esses trages? Porque occultas teu sexo?....

Carl. Para valer ao innocente espozo....

Christ. Frederico he réo: eu mesmo vi as provas; e se as não visse, nunca o acreditaria.... Ingrato!.... (*limpando os olhos*) calumniar o seu Rei.... uzar das armas do ridiculo para insultar-me.... a mim, que o amava como pai.... Ah! quando aquelle me enganou, todos me atraiçoão.

Wint. Que dizeis?....

Christ. Verdades: todos me illudem.

Wint. Estais apaixonado, e a ingratidão de Frederico vos cega. Mas eu fui vosso Mestre, sou vosso primeiro Ministro, sou nobre, e nunca vos illudi, que me lembre, e se vos enganei foi porque fui enganado: e como vós não exceptuais ninguem, a vossos pés deponho todos os cargos, que não quero honras com a nota de traidor; isto posso eu fazer, pois sou senhor da minha vontade, e vós da minha cabeça.

Christ. Eu não fallo de Winter: tu és fiel, e honrado.

Wint. Não sou eu só: muitos ha que o são. Dinamarca tem Nobres com honra, e virtude; e se fogem da Côrte, he porque os zangãos com os seus zunidos lhes fazem atordoar a cabeça.

Christ. Nunca te vi tão exaltado....

Wint. Nem eu a vós tão injusto.... Mas perdoai-me, que eu, apezar de ser vosso Mes-

tre, errei em vos estar contratiando na occazião, em que huma infeliz, que o acazo vos aprezentou, pede justiça.

Christ. Sim, e ella está em primeiro logar. Carlota, para Frederico não pode haver clemencia, porque he réo sentenciado com provas evidentes.

Carl. Dizei antes, he hum infeliz calumniado, perseguido pela inveja, que soube illudir-vos.

Christ. Que dizes?....

Carl. O que deve dizer huma consorte, que vê o espozo entregue a huma fera, que não se farta de o perseguir: ha dois annos seva no infeliz o seu rancor hum déspota munido da authoridade, que o pertende hoje mesmo assassinar, fazendo-me espectadora da horrivel tragedia. Vêde, Senhor, vêde esta carta, que lhe soube extorquir: ella he a prova da traição; ella quem condemna Guilherme, e absolve Frederico. (*Dá-lhe a carta.*)

Christ. (*Depois de ter lido*) Aonde estou?... Que tenho lido!.... Vacilla a minha imaginação ao aspecto de tantos horrores!.... E he Guilherme o Governador de hum Povo!..... Oh Ceos!.... Hum lobo para apascentar mansas ovelhas, em breve as tragará, ou estas se tornarão em ferozes leões, que ameacem estragos, e ruina: a prática das injustiças he quem gera crimes, e traições. Carlota, tenho conhecido que és o exemplo das consortes; teu amor será premiado, e só o Ceo te podia suggerir a singular ideia do teu disfarce. Vai para o lado desse tyranno, vigia no teu consorte, que a es-

pada da minha severa justiça não tarda a cahir sobre a cabeça desse prepotente, que offende a minha gloria, e abuza do poder. Vai.... Mas não; vem comigo: primeiro quero de tudo ser sciente. Vamos, honrado Winter; eu quero ouvir teus conselhos, quero hoje dar huma exemplo severo: seja elle raio abrazador, que confunda os tyrannos que assolão o Povo, onde os Monarchas encontrão amor, virtude, e felicidade.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

O Theatro representa huma Praça: á hum lado huma Estalagem, com hum distico, que diga = Estalagem de Posta, = *e do outro hum açougue.*

SCENA I.

O Estalajadeiro e hum Estudante. *Sahindo da Estalagem deverão haver alguns Judeos que apparecerão de quando em quando com chinelas e quinquilherias.*

Estal. Muito me conta. Com que Christierno anda viajando?....

Estud. Agora mesmo mo participa meu Pai nesta carta, a fim de que não apresse a minha jornada para Copenhague, e a faça com descanço.

Estal. Prova de que elle estima seu filho.

Estud. He hum pobre homem!...Coitado!... Não tem luzes algumas; he hum pobre idiota.

Estal. De quem falla V. m.

Estud. De meu pai.

Estal. Bella recompensa do amor, que lhe tem, de o mandar educar, gastando talvez o que não tinha a fim de o fazer gente. Elle que officio tem?....

Estud. Ferreiro.

Estal. Então he bem feito, já que foi tollo de o tirar da forja para lhe metter na cabeça os fumos de Doutor.

Estud. O velho, coitado! trabalha, e eu divirto-me. Apezar da sua carta, quero partir hoje mesmo; receio demorar-me; bem sabe....

Estal. Sim, sim.... He cuidar nisso, pois a fazenda que me trouxe para a Estalagem tem muito risco.

Estud. A pobre rapariga não fez senão chorar toda a noite, receando que o pai désse com ella.... Já me lembrou partir, e deixa-la.... e ella que se arranjasse lá com o pai como lhe parecesse.... mas tenho remorsos, e já que fiz a asneira de me valer da sua innocencia, quero reçarcir-lhe o damno que lhe causei.

Estal. E faz bem: sempre he bom pagar o que se deve.

Estud. Já agora levo-a comigo até Copenhague.

Estal. Entendo: caza-se com ella.

Estud. Tão tollo era eu....

Estal. Então como diabo quer V. m. reçarcir o credito á rapariga?....

Estud. Como? Muito bem. Ponho-a a servir em alguma caza honrada.

Estal. Bello reçarcimento!!....

Estud. E muito favor lhe faço. Quantos ha que as deixão por ahi á matroca? Mas isso

não, que repugna á minha consciencia, e nunca heide consentir que a desgraçada fique exposta ao furor dos seus parentes.

Estal. Sabe que mais, isso he maroteira: já, e já a rapariga fóra da minha Estalagem: não consinto nessas devassidões. ....(Vejamos se lhe pilho mais algum ducado) não consinto.

Estud. Mas já consentistes dando-me quarto, e pagando-te muito bem delle: Gandorf já te untou bem as mãos. ....

Estal. He porque pensei que era para bom fim; mas agora que conhego a pouca vergonha, rua, e tenho dito.

Estud. Ah bom velhaco! bom hypocrita! como sabes fazer o teu negocio. ....

Estal. E' a primeira vez que tal me acontece!.... a minha Estalagem sendo cóe de profanação!.... quem me enganou foi o tal Gandorf.

Estud. O' amigo, nada de petas: sou Estudante, e não caio em ararás; tu o que querias era mais dinheiro: nada, nada; basta: o que lá vai, lá vai.

Estal. Vou já fazer húma solemne declaração deste attentado para ser punido.

Estud. Quem! tu!.... E's muito velhaco para cahires nessa. Tão criminozo és tu, como eu: disso não tenho medo. Estou bem instruido de quem és: não sou eu o primeiro, que me valho do teu prestimo. O hypocrita de Gandorf me disse....

Estal. E tenho muita honra disso: sim, tenho muita honra; porque servi de amparo a raparigas, que se não fosse o meu agazalho, es-

tarião perdidas, perdidas inteiramente. (O tal amigo he mais esperto, do que eu pensava! Se elle he Estudante!) Oh! ahi vem os meus hospedes; almoçárão, e certamente vão a passeio.

SCENA II.

CHRISTIERNO, WINTER, CAMARISTA, E OS DITOS.

ESTUD. Dize-me, que qualidade de gente he esta?....

ESTAL. Não sei: penso que são pessoas grandes; mas julgo que tem borbulha. O mais rapaz tem boa prezença, e falla, que parece que cada palavra he hum proverbio.

ESTUD. Não sejão elles espias?....

ESTAL. Qual!.... As caras não são disso. Esses meos senhores dão-se logo a conhecer.

CHRIST. Honrado Patrão, agradeço-vos o bello almoço que nos déstes.

ESTAL. Eu sempre procuro o agazalho dos meos hospedes. Este Sr. tambem aqui apozentou, e segue jornada para Copenhague.

CHRIST. Para Copenhague!.... Sem dúvida será a vossa patria.

ESTUD. Não, Cavalheiro: a minha patria he Holstein.

ESTAL. Ora pois, conversem, que eu vou ao açougue pagar certa despeza, e untar as mãos ao Cortador, para que se lhe escorreguem os ossos quando me pezar a carne. Eu já venho. —(*Entra no açougue, em que durante esta scena deverão ter entrado e sahido alguns homens que figurão comprar carne.*)

Christ. Hides a negocios, ou por passa-tempo?

Estud. Vou requerer. Acabei os meus estudos na Universidade, e pertendo seguir a Magistratura.

Christ. Dizem que o Soberano está na firme rezolução de não dar esses logares senão a homens de merito. Estou certo que hireis acompanhado de Documentos, que prôvem a vossa aptidão.

Estud. Documentos levo eu, e demais vou recommendado a quem hade alcançar-me o logar que pertendo, apezar dos meus informes não serem talvez os melhores.

Christ. Conheço as primeiras personagens da Côrte; dizei-me o nome desse tão grande protector.

Estud. O dinheiro.

Christ. O dinheiro?.... Hides enganado, amigo. Christierno, e os seus rectos Ministros não conhecem contemplações; têem degradado da Côrte o suborno, e dezejão collocar no honrozo, e difficil cargo da Magistratura homens de probidade, e que mereção a confiança publica. — (*Aqui deve entrar huma mulher para o açougue.*)

Estud. Da rectidão do Soberano, e dos seus Ministros estou eu certo: mas tudo se faz.....

Christ. Certifico-vos que perdeis o vosso tempo. Eu venho da Côrte, e do proprio Soberano ouvi os seus sentimentos, quando lhe requeri hum desses logares. Elle está rezolvido a não entregar a administração da Justiça a principiantes. Quer que sejão sábios, prudentes,

e exemplares; e decretou, que nenhum opposítor seria agraciado, se não tivesse pelo menos tres annos de prática, e désse provas do cabal dezempenho do seu cargo. A experiencia lhe tem feito conhecer que, assim como o Cirurgião que principia, e erra muitas vezes a cura da chaga que tem patente, e aprende á custa do enfermo, assim o novo Ministro não acerta com a justiça dos autos, e á custa das Partes colhe a prática, que deveria ter para encurtar demoras, e evitar chicanas e processos, que servem só de alimentar intrigas, que a ambição promove com desgraça de muitas familias.

Estud. (Bem disse o Estalajadeiro que elle era Doutor.)

SCENA III.

A mulher *sahindo, e chorando, com huma pouca de carne na mão, e logo* o Cortador *seguro pelo* Estalajadeiro.

Mulh. Isto he pouca vergonha.... São tudo ossos, e pelles...., Infeliz de mim!.... fóra, ladrão.

Estal. Não se perca, vizinho.... não se perca: lembre-se que tem familia.

Cort. Vai-te daqui, impertinente.... largue-me, largue-me....

Mulh. Ainda em cima de me dar tudo ossos, e pelles, me ameaça?.... Ora vejão os Srs. se tenho ou não razão: peço-lhe hum bocadinho de peito para fazer hum caldo a meu marido, que está doente, e dá-me isto.... (*mostrando-o.*) Infeliz de quem he pobre!....

Cort. Se lhe não serve para caldos, e tem o marido doente, dê-lhos de sarda, que são apetitozos.

Múlh. Ah! bom ladrão!.... a culpa tem o Almotacé, que te não tranca com os ossos na cadeia.... Mas eu vou daqui mesmo já queixar-me.

Cort. Vai-te da minha prezença, e não me tentes, mulher do Diabo.

Estal. Prudencia, vizinho, prudencia.

Christ. (Que fera encarniçada!) Mas isso he impiedade.... Vós, que servis ao Povo, deveis ter mais agazalho com os pobres.

Cort. E que tendes vós com isto!.... Sois Almotacé?.... Em?....

Christ. Talvez seja muito mais.

Cort. Intromettei-vos com a vossa vida, e não sejais abelhudo.

Wint. (Vêde, Sr., não vos percão o respeito.) (*A Christierno.*)

Christ. (Nunca ha falta de respeito quando o caracter anda occulto) (*O mesmo.*) Vinde cá, infeliz mulher: aqui tendes.... (*dá-lhe dinheiro*) Comprai a vacca, que necessitardes, e acudi a vosso marido.

Estud. (Isto de raparigas sempre achão compaixão.) (*Ao Estalajadeiro.*)

Estal. (As lagrimas da belleza são a caparrela do genero masculino.) (*O mesmo.*)

Christ. Ficastes admirada?.... Que vos surprehende?....

Mulh. Admira-me a vossa generozidade: acostumada á desgraça, estranho os lances da ventura. Eu sou pobre, não posso mostrar-vos

o meu agradecimento como pede a vossa acção generoza. Consenti que a vossos pés vos testemunhe em publico a minha gratidão. (*Ajoelha.*)

Christ. Basta, basta: levantai-vos.

Estal. Eis alli outra isca, que chama os peixes ao anzol.

Mulh. O Ceo vos avivente, mortal bem-fazejo. E tu, (*para o Cortador*) infame, tantos diabos te persigão, como de ossos tens imbutido aos pobres, e de arrateis de carne furtado ao pezo. — (*Vai-se.*)

Cort. Vale o seres mulher, se não eu te diria!

Estal. Ah! Sr. Estudante, vamos arranjar a sua partida: ponha-me fóra da Estalagem o embrulho que lá me metteu. Ande, que não sei o que me adivinha o coração. — (*Vai-se para a Estalagem.*)

Estud. Pois vamos. Cavalheiros, esta noite sigo jornada para Copenhague; antes que parta terei a honra de receber os vossos preceitos.

Christ. Assim o espero. — (*Entra na Estalagem o Estudante.*)

Cort. Vamos sacudir as moscas por cauza da vareja, e deixar o mar que ronca.

Christ. O' amigo, esperai: queria dizer-vos..

Cort. Temos missão?..... gostarei de ouvir-vos: o Estalajadeiro já me disse que a vossa mania é emendar o Mundo.

Christ. Quero sómente lembrar-vos, que deveis ter mais agrado para o Publico, para que este não grite; porque se Christierno chega a ouvir as suas vozes....

Cort. Só essa me faria rir..... ah, ah, ah, — (*rindo.*)

Christ. Rides?....

Cort. Pois não! Christierno está muito longe, tem muito em que cuidar, para poder dar attenção aos gritos que o Povo dá quando lhe carrego a carne de ossos.

Christ. Mas a Camara?

Cort. Tomára a Camara dar conta do muito que tem a fazer: licenças, posturas, bandos, vereações, etc. Os Almotacés, esses fazem correições, e andão-me na piugada; mas eu sou passaro velho, que não cahe no visco. E assim he procizo para que viva. Os Marchantes mandão para o talho pelles e ossos; e eu ossos, e pelles vendo: querem o dinheiro para si, e dão ao pobre Cortador huma ridicularia, que não chega para nada: recebemos as rezes por conta, e por inteiro; tem mil quebras; mas destas me tenho eu sabido livrar, porque este dêdo, na occazião de pezar, faz acção, cobre as quebras dos ossos que faltão, e dá tambem para as patuscas. Se assim não fosse, não poderia eu vestir huma cazaca fina.

Christ. (Que infame!) He subtil a vossa argencia; mas lembrava-me, que vos seria mais util uzardes do vosso dêdo com os ricos, e deixardes os pobres, que não tem que se lhe tire.

Cort. Com os ricos!.... Salva tal logar. Dos gritos desses meos Srs. he que eu tenho medo, tem muita substancia, e berrão muito forte: e os pobres, como andão cahindo de fraqueza, apenas dão huns pios, que nem eu mesmo os oiço. (*Entra hum homem no açougue.*) Mas temos gente no talho, vou avia-la. — (*Vai-se.*)

Christ. Que ente tão malvado! .... Winter, não estremeceste com as vozes deste infame?

Wint. Os sons da perversidade atemorizão o homem de virtude.

Christ. Mal pude reconcentar em mim o furor que me excitou a sua pessima narração. Ah! e quantas viboras pertendem devorar o inerme Povo! ..... Quantos tigres lhe bebem o sangue! He preciso, sim, he preciso d'huma vez terminar tantos estragos, e punir hum ladrão politico, que sabe illudir as Leis para ser flagello do Publico.

Cam. Promulgando huma Lei.....

Christ. Lembras bem, Camarista: hei-de promulgar huma Lei, que faça executar as outras. Bastantes tem a Dinamarca, dictadas pela Sabedoria. Mas a Lei sem execução, he corpo sem alma.

Cam. Receio que a assiduidade que tendes vos seja nociva.

Christ. Já vejo, que prezas mais a minha saude, que a minha gloria; mas eu estimo mais esta do que aquella. Todos os homens são movidos pelo interesse. Os Monarchas são homens, e qual será o interesse que os move? Serão acazo riquezas? honras? .... Se ellas são as fontes donde estas nascem, como as podem ambicionar? O interesse de hum bom Monarcha he de fazer-se amar do seu Povo: este amor ganha-se estabelecendo a beneficencia, e degradando a tyrannia, e para se conseguir este fim punem-se os perversos, e premeião-se os benemeritos; porque a verdadeira beneficencia consiste na restricta execu-

ção das Leis, sem respeito a classes e jerarchias: todos são vassallos, todos são filhos do mesmo pai, com igual direito ao seu amor, e beneficencia.

Wint. Não póde ser infeliz o Reino que possue hum tão bom Monarcha.

Christ. Não quizera ver Winter no caracter de adulador.

Wint. A adulação he hum veneno que mata: meus labios nunca a tragárão, nem a depozitárão no vosso regio peito. Se fui vosso Mestre, deixai que me regozige com o fructo das minhas lições. Mas eu, Sr., julgo que as providencias que déstes ácerca da infeliz e virtuoza Carlota, e de seu perseguido esposo exigem talvez a vossa prezença, e que serão horas....

Christ. Tudo tenho prevenido. Fallaste ao Perfeito da Cidade?.....

Cam. Sim, meu Soberano; e lhe entreguei o vosso Decreto.

Christ. Agora me recordo, que já mo tinhas participado. Quando seja necessaria a minha prezença, eu serei advertido. Hoje verá a Dinamarca hum exemplo terrivel, que amedronte os perversos, e faça conter os prepotentes nos limites da razão. Flagellos do meu Povo, tremei, tremei de Christierno. Elle desembainhou a espada da Justiça, e só a recolherá, quando tiver vingado a perseguida innocencia.

Wint. Se não quereis ser conhecido, supitai o vosso zêlo, pois vejo que nos observão. — (*Reparando nos Hebreos, que ora sahem, ora entrão em montes.*)

Christ. E que fazem alli parados?....

Wint. He costume. Aquelles entes ambulantes uzão do mesmo estilo em Copenhague: apparecem, e somem-se de repente, porque hoje vestem á Europea, e ámanhãa á Hebraica; todos os uzos e caracteres lhes são communs.

Christ. E que utilidade trazem elles aos meus Estados?

Wint. Se me não engano, penso que nos querem introduzir a moda dos çapatos mouriscos.

Christ. Pois a Dinamarca não tem braços que os façáo? Tão faltos de habilidade são os Dinamarquezes, que não possão em tudo igualar, e até exceder nos estranhos nas suas obras? Winter, siga-se o exemplo das Nações cultas: estimule-se o engenho Nacional, premeando-se o que se avantajar neste ou naquelle ofício, e em pouco tempo veremos a Nação ser emula das estranhas nas artes e sciencias; que a ociozidade he a origem de todos os vicios.

Wint. Mudemos de discurso, que alguem se encaminha para este sitio..... Vêde, Senhor, a figura he recommendavel.

SCENA IV.

Gandorp e os ditos.

Christ. Não auguro bem daquelle modo affectado.

Wint. A cara he de piedade.

Christ. E o coração talvez de féra: debaixo daquella lã andão muitos lobos disfarçados.

Wint. Elle olha-nos com attenção.

Christ. Procura conversa com elle (*A Winter*).

Gand. (Aquelles sujeitos não tirão os olhos de mim! Saberão elles do meu prestimo?)

Cam. (O Monarcha he incançavel!)

Wint. Amigo, o Ceo vos guarde.

Gand. E a paz do Senhor seja na sua companhia.

Wint. Nós somos estrangeiros na Cidade, e dezejavamos quem nos inculcasse huma hospedaria.....

Gand. Nada mais facil; perto estais. Esta...

Christ. Sim, já ahi estivemos: mas....

Gand. Comprehendo. Não gostais della. Tendes razão: aqui he alvergue das patifarias. O dono dá coito a ladrões, consente que se profane a innocencia, recolhendo para isso as filhas que seduzidas se deixão levar pelo caminho da perdição. (Como o patife não sabe pagar a quem o serve, hei-de tirar a minha desforra.)

Christ. Pois soffre-se hum escolho tão perigozo?

Gand. He porque se ignora a qualidade da rez..... Agora mesmo tem elle de portas a dentro a filha de hum pobre Tanoeiro seduzida por hum Estudante, filho de hum Ferreiro seu amigo. Este rapaz hospedou-se em caza do Tanoeiro, a quem o pai o recommendou: o homem sinceramente lhe facilitou a caza: a filha, que era louca, assim que vio o tal boneco, perdeo a cabeça, e foge com elle. Mas que desgraça! ..... Quem tal diria! ..... Oh Ceo! perdoai-me este crime involuntario..... O tal patife encontrou-me: com as lagrimas nos olhos me pede que lhe valha: narra-me os seus amori-

cos, e diz-me que o Tanoeiro, conhecendo a trâmoia, queria matar a filha: que esta fugira, e que não tinha onde a recolher para a livrar da furia paterna, em quanto elle não a recebia em Santo Matrimonio. Ah! crocodilo, que choravas para atraiçoares a minha virtude!.... Eu, como quem mal não uza mal não cuida, lembrei-me deste Estalajadeiro..... fallei-lhe; ajusto o quarto por bom dinheiro; recolhe a rapariga; e eis-me constituido conductor desgraçado da pura innocencia aos altares da prostituição. — (*Chora muito forte.*)

Wint. Mas se por esse modo salvastes huma filha de ser victima.....

Gand. Victima he ella já daquelle lobo: porque soube hoje do mesmo Tanoeiro, com quem tenho amizade, que elle nada sabia; e que indo hontem para caza, já não encontrára a filha... Isto, isto (*chorando*) são punhaes que me atravessão o coração.... Atraiçoar o meu amigo...

Christ. (Este homem he perverso: e aqui ha vingança occulta. — (*A Winter.*)

Wint. (Assim o entendo.)

Gand. Mas eu já fui descarregar a minha consciencia atenuada; já participei ao pai aonde estava a filha, e elle não tarda que não venha revindicar a sua injuria, e eu quero prezenciar a confuzão do perverso. (Como mangou comigo ha-de pagar a mangação.)

Christ. (Não sei como supporto a ira.) Talvez sejais conhecido, e por isso vos seja mais sensivel este lance.

Gand. Eu chamo-me Gandorf. Sou hum homem que pela minha virtude todos me estimão.

O meu credito fez com que me escolhessem para vigia secreto, o que o vulgo chama espias, ou denunciantes.

Wint. São uteis á Sociedade: são os esploradores dos crimes que a dissimulação sabe occultar aos Magistrados; mas na sua escolha deve haver toda a cautela para que em vez de uteis se não tornem prejudiciaes.

Gand. Louvado Deos, nunca concorri para a perda do meu similhante, o Ceo seja louvado: nunca por meu respeito corréo o sangue humano. Adoptei no meu officio hum systema, com que me tenho dado muito bem.

Christ. Então nunca denunciaste?

Gand. Denunciei, sim Sr..... mas eu não devo fallar: o louvor em bôca propria parece mal. Nada, nada de vangloria.

Wint. Já que principiastes.....

Christ. Satisfazei a nossa curiozidade.

Gand. Não quero ser importuno. Todo o homem deve mostrar actividade no seu emprego, e nêste muito principalmente. Levanto-me, cuido no pasto espiritual, e depois vou á vida temporal. Se hei-de fazer huma denuncia todos os dias, faço-as de mez a mez. Mas nunca denuncio homem que tenha crimes provaveis, porque então concorria para a perda do meu similhante.

Christ. Logo então.....

Gand. Faço isso á toa: digo hum nome que me parece ás vezes lá se encontra com hum innocente: he verdade que he prezo; mas no fim prova a sua innocencia, e sae solto: desta forma preencho o meu emprego, sem concorrer para a desgraça de muitas familias.

Chanet. Vamo-nos daqui; já estou horrorizado com o aspecto de tantos monstros. E he possivel, que procurando destruir os crimes, elles nasção a cada instante á minha vista?..... Que horror me inspira a presença deste perverso!..... Hypocrita! tu mesmo te vieste entregar! o teu crime te denuncia. Winter, eis aqui o maior inimigo do Throno, e do Altar: eis aqui os libertinos, que he precizo temer: são estes os que projectão traições, e as imputão a outros: são estes os impostores que illudem os incautos. Fulmine-se contra elles o anathema do rancor, e separem-se para sempre da face da terra para descanço da humanidade. (*Vai-se com Winter e Camarista.*)

Gand. Que diabo he isto!..... O homem esquentou-se. O cazo he que elle assustou-me.... Que gente será esta..... O certo he que eu fui tollo em lhe fallar com tanta temeridade; mas que ha-de ser, se eu sou hum pobre Diabo, que não tem malicia? Esta minha virtude ainda me ha-de perder. Oh! ahi vem o Sr. Estalajadeiro..... não tarda, que me veja vingado.

SCENA V.

Estalajadeiro e o dito.

Estal. Oh lá! os meus passageiros já fôrão a passeio! Viva, Sr. Gandorf....

Gand. O Ceo o ajude.

Estal. Estimei que viesse; quero fazer as pazes com V. m. Chegue-se cá.

Gand. Eu *não* sou homem, que tenha odios inveterados; mas quem trabalha quer ser pago.

Estal. Aqui tem esta pexinxa — (*dando-lhe dinheiro*). (Como o Estudante arreou, sempre he bom fazer-lhe a bôca dôce.) Quando tiver occazião, lembre-se de mim ....

Gand. Bem sabe que somos amigos. (Venha sempre, que assim fica castigado por duas formas.)

SCENA VI.

Heberto e os mesmos.

Heb. Viva, Cavalheiros: compre-me usteedes huns corães?

Estal. Curado estou eu de vocês ha muito tempo.

Heb. Vamos, unas chinelitas.

Estal. E que andem estes embrulhos entulhando as ruas! .... O' Moyzés, vai para a tua terra, e deixa-nos.

Heb. Vêde, Srs., este relojo: dá-se de graça.

Estal. Para me vêr livre delle chamo o Estudante .... O' Sr. Estudante, desça cá abaixo. (Pode ser que se tente com alguma coiza para a rapariga.)

SCENA VII.

Estudante, e os mesmos.

Estud. Então que temos? .... Viva, Sr. Gandorf ....

Gand. Servo seu. (Logo hade ser bonito.)

Estal. Veja se se agrada de algumas bugigangas deste Moyzés. Este relojo diz elle, que

he de graça. (*Dá-lho.*) (Parece-me que he bifado.)

Estud. O que!.... (*vendo-o*) Este he o relojo que hontem me furtárão....

Estal. (Não o disse eu?.... Isto sempre he gente que passeou o mar vermelho a pé enxuto.)

Estud. Dize:—(*para o Hebreo*) quem te vendeo este relojo?

Heb. Una persona muito honorata.

Estud. Pois vai a essa honorata que to pague, pôrque este já não sahe daqui. (*Mete-o na algibeira.*)

Heb. Per Dio, dê-me, Sr., o relojo, que he minha, quando não.... eu faço desordem. (*Gritando.*)

Estal. Dê-lhe o relojo: não queira que o homem brinque com a vara, e haja serpentes, que se divirtão comnosco.

SCENA VIII.

Cortador, e os ditos.

Cort. Que motim he este?....

Heb. Aquelle homem furtar meu relojo.

Estud. Vai-te calando, quando não, mando-te para as areias do dezerto, ladrão.

Gand. Retiro-me, que isto vai-se embrulhando, e eu não quero servir de testemunha. (*Indo-se.*)

SCENA IX.

HUM OFFICIAL, E SOLDADOS CERCÃO OS DITOS.

OFF. Ninguem se mova.... (*Ficão cercados.*)

ESTAL. Má palavra.

OFF. O Cortador do Talho N.° 118? (*Lendo.*)

CORT. Aqui estou.

OFF. Passe para alli. (*Mette-o na escolta.*)

ESTAL. (Eu já antevia esta desgraça áquelle patife: hum ladrão do Povo! he bem feito.)

GAND. A minha alma está afflictissima....

OFF. Gandorf = Espia? (*Lendo.*)

GAND. Criado de quem o nomeia, e do Ceo que o conserve.

OFF. Passe para alli. (*O mesmo.*)

GAND. Eu, Sr., não sei em que peccasse; sou hum devoto....

OFF. Silencio. (*Forte.*)

GAND. (Valha-me Deos!)

ESTAL. (Tremendos baques me está dando o coração.)

OFF. Brunwel Estalajadeiro?.... (*Lendo.*)

ESTAL. (Máo! Ei-lo comigo.) Sou eu....

OFF. Dai-me conta de hum Estudante....

ESTAL. Elle aqui, Sr., he este. (*Apontando logo para o Estudante, e isto muito depressa.*) Ainda tremo do susto que gramei.

OFF. Vá caminhando. (*O mesmo.*)

ESTAL. (Que será isto!....) Olhe, Sr. Official, não seja engano!....

Off. Não ha engano; e mesmo que não seja o dezignado, tenho ordem de conduzir todos que aqui encontrasse. (*O mesmo.*)

Estal. Todos! (Então estou arruinado! Isto he denuncia de algum patife por cauza da rapariga.)

Off. Arrange-se, Sr. Estalajadeiro. (*O mesmo.*)

Estal. Assim sejão arranjados os meus inimigos.

Off. Anda para alli. (*Para o Hebreo.*)

Heb. Sou huma persona de muita honra.

Estud. He bem prêzo, por ser bifante de relojos.

Off. Tambem!! Como erão poucos os nacionaes, vierão estes de encommenda da Judéa. Porei nota á margem. Sr. Cabo, entre V. m. com estes Soldados na Estalagem, procure tudo; prenda quem for de suspeita; e huma rapariga, que ahi hade encontrar, filha de hum Tanoeiro, entregue-a a seu pai, que a guardará até receber as ordens superiores.

Estal. Pobre da minha Estalagem, que fica ao desamparo: estou perdido, arruinadinho... (*Chorando.*)

Off. Não te amofines, que tudo vem precavido. Demorar-se-ha com sentinellas até que os Officiaes competentes fação inventario, e lavrem os autos que a Lei determina.

Estal. Isto agora he mais! (*Para Gandorfi*) Você, só Hypocrita, he a cauza da minha desgraça!....

Gand. Tudo se conspira contra a innocencia.... (*Chorando.*) Paciencia....

Estal. Deixe-me ao menos tirar este avental, e vestir huma casaca.

Off. Para tudo hade haver tempo. Vamos indo, Camaradas.

Estud. A minha desgraça provêm daquella maldita mulher; não póde ser outra couza.

Estal. O certo é que os trabalhos levantão-se debaixo dos pés. (*Muito afflicto.*) A Deus, prenda dos meus olhos! .... (*Chorando.*)

Off. Silencio, Srs., silencio. (*Vão-se todos.*)

Mutação 1.ª

Subterraneo escuro, com huma porta ao fundo: deve-se figurar hum fosso, que terá ao pé pucaretas, enchadas, etc. Esta prisão he figurada nas abóbadas do Castello.

SCENA X.

Frederico *está deitado sobre huma pouca de palha, e tem ao pé huma bilha com agua: está muito abatido.*

Fred Nesta sepultura de vivos, neste terrivel subterraneo, onde respira hum continuado silencio, as minhas ideias se exaltão, e me aprezentão o quadro de uma vida mais cruel do que a minha morte. Apenas vejo hum ente, que não posso conhecer, porque, mascarado o rôsto, me occulta a voz quando me traz o parco sustento que alimenta huma existencia que desejo terminar, para de hum golpe findarem tantos tormentos, tantas afflicções.

(*Encosta-se, ou senta-se.*) Ah!.... Eis a recompensa, que pertenceu a quem sempre prezou a verdade.... Eis a paga que teve, quem pertendeu desmascarar hum perverso, que a hypocrisia dissimulada occultava aos olhos do meu virtuoso Soberano. Verdade, santa verdade, quão difficultozo he o teu acesso!.... Tirado de huma masmorra de Copenhague, fui conduzido para este subterraneo, onde, n'uma seguida noite, ignoro quem seja o meu carcereiro, e tyranno guarda!.... Guilherme! triumphaste, cruel: pôde mais a tua calumnia que a justiça do meu Soberano.... Christierno, que prezava a franqueza da minha alma, o que, não lhe importando jerarchias, premeia a virtude aonde a encontra.... Ah! damnozos calumniadores! São tão fortes os vossos artificios, que, transtornando as formas da virtude, fazeis crueis, e dos mais terriveis attentados virtudes, que se recompensão, e premeião! Mas que setta (*levanta-se*) penetrante me traspassa o coração!..... Que medonho quadro tenho prezente!.... E's tu.... Carlota!.... Espoza tão virtuoza, quanto infeliz, que me sensibizas!.... Eu te vejo, incerta, vagabunda, chamares Frederico, que te ama, mas que para sempre perdeste.... Eu te vejo, motejada, vilipendiada, e perseguida pelos meus inimigos, delirante pedires soccorro aos Ceos, que os tyrannos não te escutão, nem as vozes da desgraça penetrão barbaros corações.... Ah! tu choras, espoza, e no seio do innocente fructo do nosso amor depozitas os suspiros, e as lagrimas, que me dedicas?.... Já que não pos-

so abraçar o meu filho, o meu Frederico.... Oh Deos!.... esta ideia mata-me.... não posso mais.... eu morro. (*Cahe sem sentidos.*)

SCENA XI.

Abre-se a porta, que logo se fecha por dentro; e sáe CARLOTA, *que traz huma lanterna com luz: o Theatro fica a meia illuminação.*

CARL. Que medonha escuridão!.... quazi que succumbo ao seu aspecto!.... Que significará o tyranno fazer-me entrar primeiro que esse perverso, que se vende ao crime? Elle fechou a porta, e me disse: = não tarda o executor dos meus projectos. = Serei eu tambem victima da sua cólera?.... Ah! nada devo temer: quem por tanto tempo tem sabido rezistir, não deve desanimar, quando espera vencer auxiliada de hum recto Soberano. O amor de espoza me inflamma, e o Ceo me inspirou para salvar o consorte com a quéda do prepotente que o persegue.... Oh Deos! que vejo? Frederico.... (*caminha para elle, e suspende-se.*) Mas não: contenha-se o meu amor; não devo logo dar-me a conhecer.... semivivo, não poderá resistir ao choque d'huma alegria repentina. Em que estado o encontro!.... asquerozo, (*chegando-se*) putridos os vestidos que o cobrem, entregue a hum desfallecimento, que apenas respira (*chorando*). He muito.... ho muito padecer.... Oh tyrannia!.... E ainda ha mortaes que te queimão incenso!... Ah!... venhão esses monstros; vejão, contemplem o

quadro do homem justo perseguido pelo crime; fartem-se estes barbaros; alegrem-se á vista do quadro espantozo, que eu invocarei as almas sensiveis para comigo chorarem o ente sacrificado pelo egoismo, e traição (*chora*).

Fred. Que vozes são estas, que penetrão meus ouvidos?.... Que raios me assombrão?... Será a morte, que se apressa?.... (*levantando-se a custo.*)

Carl. (*Ajudando-o*) Não he a morte, he hum ente que vos compadece, e que chora os vossos males.

Fred. Esta voz!.... Oh meus Deos!.... que idea.... que lembrança me assalta!.... mas não, não he possivel!... desvarios da razão, que me figurão as quimeras como realidades.

Carl. Ah!.... (*Suspirando.*)

Fred. Suspirais!.... Gemeis!.... Sois victima da calumnia?.... Sois, assim como eu, alvo da desgraça?

Carl. (Oh Deos! que lance!.... minha alma já não pode supportar a explozão do amor.)

Fred. Ah! fallai.... consolai-me com as vossas vozes.... Condemnado a huma noite eterna, degradado de ouvir as almas sensiveis.... oh!... vós sois perseguido, e comigo vós sepultárão nesta caverna: graças ao meu tyranno, que me concede este lenitivo. Narrai-me as vossas penas.

Carl. Ellas são immensas: ellas são o retrato das vossas.

Fred. Isto não he engano.... a sua voz sôa nos meus ouvidos, (*reparando nella com muita attenção*) qual soava a de Carlota....

seu rosto he qual o seu.... porcos es tragos.... Mas eu estimo-a muito, para que a possa desconhecer. Carlota....

Carl. Frederico.... (*Ficão abraçados.*)

Fred. E he possivel que te aperto nos meus braços? .... Mas satisfaze a minha incerteza!.... Que significa esse trage?.... Vens a salvar-me, ou és victima como eu?....

Carl. Sou victima como tu, porque sómente Frederico, não pode Carlota folgar. Mal te arrebatárão de Copenhague, sendo Guilherme nomeado Governador desta Cidade, e Castello, desconfiei, que era trama do indigno para mais te opprimir: occorre-me este disfarce; participo-o a Sofia, Condessa de Sedoal; ella me proporciona os meios, fazendo com que me recommendassem ao perfido Guilherme; entrego-lhe o nosso filho, e parto para esta Cidade: chego; o tyranno me recebe com agazalho, em attenção á pessoa, que me recommendava, e hontem.... (*Sente-se ruido na porta.*) Oh Ceos! vem gente.... quanto se demora o soccorro do Soberano....

Fred. Do Soberano!.... Que dizes, Carlota?....

Carl. Anima-te.... que o Ceo vélla em nossa defeza.

SCENA XII.

Abre-se a porta, e sahe Guilherme com o fato mudado, e mascarado: tras huma lanterna accesa: acclarece o Theatro todo.

Guilh. (*Mudando a voz*) Driman?....

Carl. Chega o algoz.

Fred. O algoz!.... Oh meu Deos! E que não tenha hum ferro... faltão-me as forças!...

Carl. Cobra animo. (E o Monarcha sem apparecer!... De certo triunfa o perverso. Oh Deos! valei-me!....)

Guilh. Driman?....

Carl. (*Caminhando para elle*) Aqui me tendes.

Guilh. Observa esta entrada. Eis o meu inimigo; dê fim a sua existencia. (*Vai para elle: Carlota se lhe lança aos pés, e o suspende.*)

Carl. Suspende....

Guilh. Que intentas?

Carl. Que poupes a victima: que não banhes as mãos no sangue da innocencia. Tu vens enganado, infeliz: eu quero desvendar-te os olhos, e fazer-te patente todo o horror que te espera: se o interesse he quem te incita, retrocede, retrocede os passos, que não hasde vêr o premio deste homicidio: esse ferro, de que te armas, depois de ter extincto a tua victima, será cravado no teu peito em paga do teu crime.

Guilh. E quem se atreverá....

Carl. O monstro a quem serves: esta he a recompensa que a tyrannia dá aos seus satelites.

Guilh. Não te posso escutar.

Carl. Escuta-me, pelo Ceo te conjuro; respeita o homem innocente; se derramas seu sangue, não poderás evitar o teu castigo, e se cedes aos meus rogos, eu te juro que será recompensada a tua sensibilidade. Não exites:

he impossivel, que não sintas remorsos. Que homem ha tão perverso, que a sangue frio tire a existencia ao seu similhante? Essa mascara, que te occulta, já mostra a vergonha que soffres, que nem mesmo te queres manifestar ao desgraçado que o vêr me espera o trance filial. Ora se antes de commetteres o crime já sentes a pena, qual será ella depois de perpetrado?

Guilh. Não escuto discursos importunos. Morra Frederico. (*Vai a cravar o punhal em Frederico, e Carlota se põe diante apontando huma pistola para Guilherme, e diz com rapidez:*)

Carl. Não morrerá, que eu o defendo (*aponta*).

Fred. Oh Deos! (*E succumbe.*)

Guil. Que fazes? (*Tremendo.*)

Carl. Vencer com a força o que não pude alcançar com rogos.

Guil. Traidor!...

Carl. Se quem defende a innocencia he traidor, os que a perseguem não tem nome que os classifique.

Guil. Perverso, tens cavado a tua ruina (*Tirando a mascara*). Conhece-me; aqui tens Guilherme... treme da sua ira.

Fred. O monstro?...

Guil. Tremei, perversos!...

Carl. E's tu!... E's tu!... E mandas-me que trema?... Treme tu... Sim, esses olhos abrazados, essas faces sombrias... tudo, tudo te está accuzando... (*Guilherme faz movimento.*) Se moves hum passo contra a victima, baixas aos infernos neste momento: teme

as iras de huma mulher, que te soube illudir para salvar o esposo.

Guil. Tu és Carlota!... Eu desespero.

Carl. Sou Carlota, sim, sou a espoza constante, que submontou perigos para abater os castellos da tua calumnia: sou a mulher forte, que faz tremer hum colosso de crimes... Não tremas, iniquo; aonde está o teu poder? Porque não desfechas o golpe?... No rosto tens pintado o rancor, nos olhos o furor, e teus labios tremulos te apresentão furia medonha, orfunda dos infernos.

Guil. Cala-te, vil: não queiras, fraca mulher....

Carl. Fraco és tu, e fracos são todos os teus similhantes, quando encontrão o baluarte da constancia, que os espanta, e afugenta.

Guil. Que farei?...

Carl. O que fazem os tyrannos; só achar crimes para confundir a verdade.

Fred. Oh digna, e virtuosa consorte!...

Guil. Astuciosa mulher, quem te suggerio huma idéa tão arriscada? Que fogo infernal te inflammou para com tanta audacia desafiares as minhas iras?

Carl. E a ti, monstro nathorizado, quaes fôrão as furias que te gerárão? Tem apparecido muitos homens crueis, que espantárão o mundo, e o mundo os abortoce; mas tu excedes a todos: alimentar a victima para prolongar os tormentos, he idéa nova, filha de huma alma depravada.

Guil. Lembra-te do quem sou, e de quem és, levantado ha pouco do pó da terra.

Carl. Nisso somos iguaes: todos procedemos da mesma origem, só com a differença de que huns abração a virtude, estes são nobres; e outros os crimes, e por isso são vis e abjectos.

Guil. Não continues com insultos; já os não posso tolerar. Tu estás entregue ao meu poder.

Carl. Enganas-te. Existires, ou não existires depende agora desta mulher, que julgas fraca, mas que está determinada a derrubar hum tyranno pezado aos homens, e escandalo da natureza.

Guil. Essa soberba em pouco verei prostrada, quando ambos espadanando o vil sangue... (*Ouve-se tiros de artilheria como salva real, e grandes rufos.*) Que escuto!... Que novidade será esta! Não sei que possa inferir... Mas eu corro a indagar tudo, e a lançar sobre vós os raios da minha desesperação. (*Vai-se arrebatado, e deixa a porta aberta. Carlota o segue com os olhos.*)

Fred. Quanto he temivel hum monstro no excesso da colera! Espoza querida, o amor te perde.

Carl. Não temas, Frederico, as ameaças de Guilherme, que tocou a meta, e está á borda do precipicio. Esta salva real me annuncia que o Monarcha se patenteou ao seu Povo, e aquella he a demonstração do jubilo dos seus subditos. Tal foi a cegueira do indigno, que nos não vedou a passagem. Vem, Frederico; segue-me: Christierno não pode estar longe, vamos a seus reaes pés; vamos, que o coração

me annuncia que a innocencia venceu os ataques da impostura, e que na prezença de hum Monarcha recto desapparece o imperio da tyrannia.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Sala do primeiro Acto.

SCENA I.

Brisson, e Elizabeta.

Bri. Que sarrabulho, que sarrabulho vai hoje nesta caza...

Eliz. Nosso amo anda como doido... ora manda, ora desmanda, berra, chora, e ninguem o pode entender.

Bri. A repentina chegada do Monarcha ha de ser a causa dessa afflicção: o homem não o esperava; talvez não tenha as cousas em ordem, e por isso....

Eliz. Qual!.... estás muito atrazado.

Bri. Nem eu nunca fui homem de adiantamentos, quando não, já estava endividado com a sua pessoa. Mas que pensas tu de tudo isto?....

Eliz. Dize-me: que he feito do Sr. Driman, Secretario de nosso amo?

Bri. Bem: sabes que sahi com a Senhora.

Vim pára caza, e achei a grande novidade, quando a ir buscar a das sentinellas, não deixarem sahir ninguem, a ponto de eu mesmo ficar embargado.

Eliz. Essa ordem foi dada pelo Sr. Governador: eu mesma a ouvi intimar ao Official da Guarda. Depois entrou no gabinete; fechou-se por dentro: eu então, que não sou nada curioza....

Bal. Adiante, adiante....

Eliz. Escutei, e ouvi, que muito zangado, e batendo o pé na caza, dizia: = Driman Carlota!.... Enganar-me!.... E pude ser illudido por tanto tempo!.... =

Bal. Bem sei... não erão ciumes de nosso amo com alguma Carlota, a quem o Sr. Driman fazia tambem côrte. Eis a razão delle te desprezar; já estava prezo n'outro visco.

Eliz. Não he isso!... He que eu não me expliquei bem. Driman não he homem, he mulher, e chama-se Carlota.

Bal. Não pode ser....

Eliz. Póde ser; e tanto, que eu a vi passar já vestida de mulher entre dois soldados, que por ordem de S. Ex.ª a mettêrão n'hum quarto, e ficárão de sentinella, vigiando-a.

Bal. Ora essa!!.... O que não fazem mulheres não faz o Diabo. Ah cão de mim!... E eu que tantas vezes antes da sua promoção estive jogando a bisca só com ella, sem pescar a coiza!....

Eliz. Aquillo he espia, que puzerão aqui para vigiar nosso amo.

Bal. Embaçou-me a tal menina, está di-

ão: por mulher a não comi eu; mas por supposto vindo da Italia isso sim.

Eliz. Caluda, que ahi vem S. Ex.ª

Bri. Melhor tromba traga o dia de ámanhã. Olé!... e vem de gala!...

SCENA II.

Os dittos, e Guilherme de uniformes ricos.

Guil. Retirai-vos.

Os dois. Sim, Sr. (*indo-se.*)

Guil. Mas não... esperai...

Bri. (Deu-lhe volta o miolo.) (*A Elizabeta.*)

Eliz. (A cara o diz.) (*A Brisson.*)

Guil. Tu, Brisson, vai com Elizabeta para caza de S. Ex.ª o Prefeito da Cidade, e dirás a minha espoza que depois da recepção do Monarcha a irei procurar. parte, e não digão por ora nada ácerca de Carlota. Se assim o fizerem saberei premiá-los, ao contrario tremão das minhas iras. Ide, que as sentinellas já tem ordem para vos deixar sahir.

Bri. Seremos exactos. (Agora não fagas de mulher; sê huma vez homem, guarda segredo.)

Eliz. (Olhem quem falla!... o palrador mór.)

Bri. Vamos. (*Vão-se os dois.*)

Guil. Que repentina foi esta vinda do Soberano!... Ah! e com quanta razão me aconselhava o meu amigo a morte de Frederico!... Mas a minha alma nunca pôde annuir aos seus conselhos... Nunca... Mas quem se poderia

lembrar de que houvesse huma mulher com sentimentos tão heroicos?... Carlota, apezar de ser neste momento o incentivo do meu ódio, não pode deixar de ser a causa da minha admiração. Mas a tua perda está tramada. Hoje mesmo, apenas apontar a noite, serás conduzida com teu espozo á bordo de hum navio que sahe com os degradados, e remettidos ao Chefe do Presidio, que os ha de receber como reos; devem cumprir hum degredo vitalicio. Sim, já tenho feito a ordem, e este será o meio de os evitar da vista do Soberano... Só esta idéa me atemoriza. Muito temo a sua real prezença, pois receio que a minha confuzão me denuncie. Os Sentinellas, que os vigião, tranquillizão em parte o meu espirito. Esta cautela foi salutar, pois o choque que recebi á vista do encontro de Carlota, e os repentinos tiros de tal maneira me desorientárão, que deixei aberto o subterraneo. Mas recobremos quanto nos fôr possivel o socego perdido; vamos apparecer ao Soberano. Mas quem chega?.... O Prefeito da Cidade!... Que motivo o conduzirá á minha prezença?

SCENA III.

O Prefeito da Cidade, e o dito.

Guil. Entrai, amigo. Neste momento não sei quem vos pode conduzir a esta fortaleza?

Pref. Ordens do Soberano.

Guil. Ordens do Soberano!... Dizei, que serei prompto em cumpri-las.

Prep. Desde que se patenteou, todos os Nobres, e Authoridades da Cidade o tem hido felicitar, e só vós....

Guilh. He verdade que fui omisso em cumprir esse dever; mas certos encargos inherentes ao logar de Governador me impossibilitárão.

Prep. Christierno está summamente irritado. Não faz senão admirar-se da vossa omissão. Não quer dar a sua entrada sem que appareçais. Diz que ha criminozos a punir, e que a vossa presença he indispensavel. Pela amizade, que vos tenho, consenti que vos censure hum descuido que assáz he criminozo. O vosso primeiro cuidado deveria ser apparecer ao Soberano como primeiro Chefe que sois desta Cidade; e todos murmurão do vosso comportamento.

Guil. E que manda o Monarcha?

Prep. Ordenou-me, que vos viesse intimar em seu Real nome, que em continente vades á Sala da Camara, aonde existe ouvindo como pai sensivel os seus subditos, e que eu mesmo vos acompanhe, sem nunca vos deixar hum momento. Vamos, amigo: eu sinto o vosso desgosto, mas não posso evita-lo. Devo apresentar ao Monarcha as chaves da Cidade, pois esta honra me compete em razão do meu cargo. Não nos demoremos: vamos, que o tempo inata.

Guil. Vamos. (Cada vez se augmentão mais os sobresaltos do meu peito.) — (*Vão-se.*)

SCENA IV.

WINTER, E OFFICIAL COM ALGUNS SOLDADOS.

WINT. (*Depois de se ter retirado o Prefeito, e examinado a Scena*) Sr. Official, ouvi este Decreto do meu Soberano — (*lendo*). » O Meu Primeiro Ministro Winter, do Meu Conselho, junto com hum Official de confiança, que o Coronel do Regimento desta Praça lhe designar, passe á fortaleza de Flensbourg, residencia dos Governadores Militares da mesma Cidade, e logo que o actual Governador tiver sahido com o Prefeito Civil, indaguem todo aquelle recinto, apoderem-se de todos os seus papeis, e conduzão á Minha Real Presença a Carlota, e a seu esposo Frederico, prezo em huma das prizões da dita fortaleza. » Aqui tendes a ordem do vosso Chefe, para que todos vos obedeção no bom desempenho desta diligencia. Parti.

OFF. Daqui observo huma porta com duas sentinellas.

WINT. Indagai o que seja, que aqui vos aguardo.

OFF. Obedeço. (*Entra.*)

WINT. Justiceiro Monarcha, tu serás a admiração dos seculos futuros. Infeliz Guilherme, e bem infeliz, pois transgredistes tantos sagrados deveres! Mal pensas o raio, que está prestes a fulminar-te!.. Nada mais offensivo podias commetter contra a Magestade, de que abuzares da Regia Authoridade em menoscabo do

Bova, que deve ser protegido..... Mas que vejo!.... Carlota!....

SCENA V.

CARLOTA, OFFICIAL, E O PITO.

WERC. Sois vós, Sr.ª, que jazieis encerrada?... Já nesses trages?... Acaso terá Guilherme descuberto o engano? Saberá que faltastes ao Soberano?

CARL. O tyranno Guilherme conheceu o meu sexo, e quem eu era no momento que elle pouco queria assassinar Frederico. O Ceo, Sr., foi quem me encheu de coragem para rebater seus infames projectos. A' vista de huma pistola, que empunhei, treme, e descóra, titubeia, não sabendo se attendesse a raiva, ou a morte, que via patente. Soa a artilheria; crescem os seus sobresaltos, suspende a rezolução, até que partindo furioso, me deixou nos braços do infeliz consorte. Vendo que deixava aberto o subterraneo, quiz partir com Frederico para nos lançarmos aos pés de Christierno.... mas, oh Ceos!.... nesse instante fui surpreza. Frederico arrancado dos meus braços para ser submerso no mesmo sepulcro, e eu encerrada n'hum quarto, onde me fizerão mudar de trage. Dos intentos do traidor nada sei, nem mesmo lhe participei o feliz encontro, que tive com o nosso amavel Soberano. Ah Sr.! que lance tão cruel para o meu coração foi a vista do punhal, que a raiva queria ensopar no pei-

to de meu espozo, cuja presença he capaz de enternecer os mais duros penhascos!.....

Wint. Vamos, Snr.ª; vamos buscar a vosso espozo, essa victima sacrificada nos altares da verdade. Não se perca tempo.

Carl. E quaes são os intentos do Monarcha?

Wint. Eu os ignoro; mandou-me que vos conduzisse á sua prezença. Queria de supito surpehender no conflicto a Guilherme; queria aterra-lo com a Sua Real Prezença; mas os vivas de hum Militar, que conheceu a Sua Real Pessoa, unidos aos do Povo, lhe transtornárão o seu primeiro plano. Muito tremeu pela existencia de Frederico, e agora vejo, que se o Ceo nos não auxiliasse, teriamos a lamentar a sua morte. Guilherme foi conduzido á Sua Real Prezença pelo Prefeito, e em consequencia deste Decreto vedada a sahida a todos desta fortaleza. Agora conheço, que elle não suspeita que o grande Christierno he sabedor dos seus crimes. Vós, que conheceis o sitio do subterraneo, acompanhai-me; vamos buscar vosso espozo; vinde receber o premio que merece a vossa constancia, e heroismo. Aprendão os perversos a não opprimir a innocencia, e a respeitar a virtude. Vamos. — (*Vão-se todos para dentro.*)

Mutação.

Grande Praça de Flensbourg.

SCENA VI.

Estalajadeiro, Estudante, Contador, Gandor, Moyzés, e alguns Hebreos entre Soldados que os vigião.

Estal. Que no fim da minha vida me veja obrigado a soffrer huma vergonha destas!.. paciencia. — (*Chora.*)

Gand. Não chore, homem, não chore, que não parece bem: ponha os olhos na terra, e o coração no alto, e entregue tudo nas mãos da Providencia.

Estal. Ah patife!.. Vossê, vossê he a cauza de tudo que me acontece. Vossê foi quem me metteu a rapariga em caza, quem se lembrou da minha Estalagem, e por ser hum vingativo infame, deu á lingua, e aprezentou comigo em vaza-barris.....

Gand. (*Ajoelha, e diz rapido.*) Tudo merecem as minhas culpas..... lá está o Ceo, que vê o pezar da minha alma.

Estud. Levanta-te, que perdes o tempo. Já não ha quem coma essas araras: grandissimo impostor, a tua ambição nos perdeu.

Gand. Mais, ainda mais; tudo isso mereço para ficar puro. A virtude, quanto mais se humilha, mais se exalta. (*Levanta-se.*)

Cort. Que Diabo de chiadeira he esta, aqui no meio da rua?.. Callem-se, malditos, que isso agora ainda he peior. Sabem que mais, todos nós somos os culpados. Se eu não fallasse, não tinha acontecido nada.... mas esta maldita lingua....

Gand. He o pedaço mais depravado que o homem tem.... Verdade innegavel!....

Estal. Mas quem havia de adivinhar que era o Rei?.... Não ha, não ha huma infelicidade como esta!.... Quando podia ter feito a minha fortuna, cavei a minha desgraça. Tê-lo de portas a dentro, e fazer-lhe a publica confissão dos meus crimes?.... Dizer-lhe que lhe queria tirar as teias de aranha da cabeça!.... Ora esta!....

Cort. Fizeste bem, quizeste tirar-lho as teias de aranha; mas eu penso que elle hade acabar a casta do aranhiço.

Estud. Coragem, amigos.... Isto não hade ser nada. He huma reprehensão, que nos quererá dar, com a vergonha de estarmos aqui....

Estal. Aqui não ha outro remedio, senão fazer-lhe huma grande choradeira. Todos dizem que he clemente....

Moyz. Mas per Dio!.. Io que não fiz nada, que sôno innocente?....

Estud. Não fizeste nada?.. E a bilação do meu relojo he bagatela?

Moyz. Traição, calumnia, impostura!

Estal. Este Diabo falla todas as linguas!.. O' Moyzés, não te affligas; o mais que te póde acontecer, he ires para o dezerto comer manná.

SCENA VII.

A MULHER, A PEXEIRA, E VARIAS PESSOAS DE AMBOS OS SEXOS.

MULH. Vamos, amigas; venhão ver quem me fez tanto bem! forte generozidade! Vamos depressa para tomar logar.

PEX. E he bonito o Sr. Rei?....

MULH. He hum mocetão de truz! o rosto mette respeito, e.... olha, eu não me sei explicar....

PEX. Bem sei: quereis dizer, que he amavel?... Tomára eu já vê-lo... e se lhe chego a fallar, heide queixar-me do maldito mulsim, que me furtou o peixe, dizendo que estava podre... heide pôr na fôrca aquelle ladrão. Olé....

MULH. A tropa não póde tardar.... o Regimento já sahio do quartel.... Vem tão aceiados!.... E então a musica!.... Isso he mesmo hum brinco.

CORT. Sr. Estalajadeiro, lá está a causa da minha ruina.

ESTAL. Por ellas veio o mal ao mundo.

MULH. (*Reparando no Cortador*) Oh! estás cá, meu amigo das pelles?... E com tropa!... Bem, bem. Agora veremos se a pompa, e o acem he para os ricos, e para as hospedarias, que dão pexinxa, ou se se hade repartir igualmente com os pobres?.... Veremos, veremos.

CORT. Tanto falles que arrebentes, Diabo... (Este encontro he que me atrapalha.)

PEX. (*Para o Estalajadeiro*) Ai.... ainda

agora repáro! Que faz aqui, meu freguez?..... Está prezo?.....

Estal. Ah! tia Brites, (*chorando*) estou arruinado.

Moyz. (Oh Diabo! esta he a Pexeira a quem imbuti o cordão de cobre por oiro: se me vê, fico arruinado.)

Pex. Mas que lhe aconteceu?.....

Estal. Não renove as minhas mágoas..... (*chorando.*) Foi-se a Estalagem Trogana; acabou-se o Estalajadeiro; e tudo por isto..... por isto..... (*apontando para a lingua.*)

Pex. Coitado do meu freguez!..... Mas ainda agora ou repáro..... tambem cá estás, ladrão!..... Dá-me cá o meu dinheiro que me roubaste (*para Moyzés*).

Moyz. Eu não conheço a vossê.....

Pex. Eu me farei conhecida. Lá está o contraste que diz que he de cobre, e não oiro o cordão, que me vendeste. Eu tenho testemunhas... hei-de-te perseguir até no Inferno.

(*Ouve-se Muzica Militar ao longe.*)

Mulh. Deixe esse mariola, que ahi vem a tropa: venha vêr.....

Pex. Em chegando o Sr. Rei, heide gritar contra ti: Justiça, Justiça.

Estal. Isto será bonito; mas cada pancada que dá o zabumba, he huma bala que me atravessa.

(*Vem sahindo o Regimento no maior aceio com grande banda de Muzica, que orna o Theatro, como determinar o Ensaiador.*)

SCENA VIII.

O Prefeito da Cidade *vem para a Scena com a gente da Governança; e vem as chaves da Cidade, doiradas, em huma bandeja: hum dos da Governança trás huma Bandeira Dinamarqueza, que figura ser a da Camara.*

Pref. Ditozos Habitantes de Flensbourg, chegou o momento de prezenciardes o grande espectaculo da entrada triunfante do vosso Monarcha. A pompa não he possivel que possa corresponder ao alto objecto a que se destina, não só pela brevidade com que este Rei appareceu entre o seu Povo, mas porque não ha grandeza, ou apparato, por maior que seja, que não mereça hum Soberano que trabalha incessantemente na felicidade dos seus filhos. Já que os nossos devêres se não podem cumprir por esta fórma, seja o prazer quem lhe prove a vossa adhezão, e retumbem em seus ouvidos os alegres vivas que lhe tributâmos. Viva Christierno, Rei de Dinamarca!

Todos. Viva!

Aprezentão-se armas, abatem-se as Bandeiras, toca a Musica, e salvão as fortalezas á entrada de Christierno.

SCENA IX.

CHRISTIERNO, WINTER, CAMARISTA, OFFICIAL, E GRANDES DA CIDADE, GUILHERME, E AJUDANTES DE ORDENS, *tudo no maior apparato, e acio. Durante este tempo o Prefeito pega nas chaves, e de joelhos as dá ao Soberano, que as entrega a Winter, e este as colloca no mesmo sitio: no fim de tudo repete o Prefeito:*

PREF. Viva Christierno, Rei, e Pai dos seus Subditos!

TODOS. Viva!....

CHRIST. Acceito com prazer o grato titulo de pai dos meus vassallos: juro que heide trabalhar por cumprir, e preher cher as sagradas obrigações, que me impõem. Habitantes de Flensbourg, tendes no vosso acio, não hum Rei conquistador, que, coberto de triunfos marciaes, tenha que chorar vidas, que a furia da guerra não sabe poupar. Vêdes hum Monarcha pacifico, que vivendo em boa alliança com os seus vizinhos, mantem a paz, e o bem geral do seu Povo. Não dezejo augmentar os meus estados; elles são bastantes a formar a minha gloria, e magnificencia. A grandeza de hum Soberano não consiste na posse de terras dezertas, e incultas, mas sim no augmento da cultura, na protecção das artes, e sciencias, na extensão do commercio, na execução das Leis, e na boa moral dos Povos. Desde que empunhei o sceptro dos meus antecessores, seguindo o exemplo dos bons Monarchas, declarei guerra á impostura,

e á tyrannia, e juro novamente sobterrar esses soberbos colossos de perversidade, que, encubertos com huma falsa virtude, são hypocritas damnozos sempre á Religião, e ao Estado. Tremei, perversos; que o juramento está feito: eu o saberei cumprir. Alegrai-vos, ó Povo, porção sensivel do meu peito, que o vosso Monarcha abrio o cofre das graças para premiar o merito; e a espada da Justiça lhe orna a dextra para confundir nos abysmos as viboras, que se alimentão com a vossa desgraça.

Estal. (Tudo aquillo bem traduzido, quer dizer: A Deos, Sr. Brombel Estalajadeiro, que vai marchado para a eternidade!)

Gand. (Vaidades humanas, a Deos, a Deos para sempre!)

(*Durante estes dois á partes, Christierno falla ao ouvido ao Camarista, e este parte.*)

Christ. Tenho recebido as vossas homenagens; he justo que as saiba agradecer. Chegai-vos, Grandes, ornamento da Magestade; vinde, Povo, alicerce do meu Throno. Chegai-vos todos, e vêde a maior victoria do vosso Soberano. Meus trabalhos não tem sido baldados: Official, faze aproximar os prezos confiados á tua vigilancia.

(*O Official faz aproximar os prezos.*)

Estal. (Agora he que são ellas: estou envergonhadissimo!)

Gand. (Vamos a esta disciplina: valhão-me as minhas devoções.)

Cort. (A couza sempre he mais custoza, e dura do que eu pensava.)

(*Todos os prezos ajoelhando*) Senhor!....

Christ. Governador, aproxima-te. (No rosto tem escripta a traição.) Official, entrega a Guilherme a nota do preto.

Off. Obedeço. (*Dá-lhá.*)

Guilh. (Mal posso encarar seu aspecto!)

Christ. Lê, Governador; quero que o meu Povo conheça os beneficios, que me deve na manifestação dos perversos: admira, Guilherme, como em tão diminuto tempo os sopheci: isto prova, que se fosses mais vigilante no desempenho do teu cargo, o quadro da minha gloria não seria agora obscurecido com a prezença destes monstros.

Guilh. Meu Soberano....

Christ. Quando a verdade se manifesta, as desculpas são intempestivas. Lê.

Guilh. Brouvel Estalajadeiro. — (*Lendo.*)

Estal. Aqui está, meu Sr.

Christ. Eis aqui huma fera, que tem crescido nos annos, e nos crimes. Alvergava a innocencia para a entregar a hum perfeito seductor, que nutrindo tospes apetites, sem respeito ao sagrado domicilio da amizade, arrancou dos braços de seu pai a filha incauta. Foi este o indigno — (*para o Estudante*). Aqui o tendes, vêde-o, chefes de familias; ponde-vos em guarda contra estes lobos vorazes, que não conhecem Lei, atropellão a natureza, e promovem a prostituição.

Estal. } A vossa bondade....
Estud. }

Christ. Consiste em punir crimes tão execrandos.

Estal. Lembrai-vos, que tive a honra de

hospedar-vos, que só esta gloria me consolla. A Magestade he hum sol vivificante, que allumia, e não queima.

Christ. A Magestade he hum sol vivificante para os bons, e abrazador dos máos, e por isso os raios da minha Justiça hão de abrazar os perversos como tu. Profeito, fazé-os conduzir á cadeia! A Lei he clara; sejão julgados, e soffrão a pena.

Estud. Sr., resarsindo a injuria, que fiz, com a posse da minha mão....

Christ. Satisfazes o damno particular, mas não indemnizas o Povo do escandalo que déste. Lembro-te que não sigas a carreira que intentavas. O officio de julgar não pertence a homens que desconhecem os deveres da hospitalidade, e só tem por Lei o seu gôsto. Apartai-vos.

Estal. (Agora he que fiquei sem teias, nem cabeça. Antes eu nascesse sem lingua.)

Christ. Winter, já desbaratei dois inimigos do Throno, e do meu Povo.... penso que hei de vencer?

Wint. Quem obra com tanta rectidão sempre triunfou. A essa artilheria não ha forças que rezistão.

Christ. Governador, vejo-te perturbado.... Alegra-te: sei que o homem deve lamentar o seu similhante quando he réo, mas o bem da Sociedade modifica essa mágoa. Continúa!

Gov. Wil, Cortador....

Mul. Ahi vem o embaixo osado.

Cort. Rei, e Senhor, sou réo; eu confesso a minha culpa.

Christ. Não posso vêr-te sem horfor: os gritos dos pobres, que dizias que eu não podia ouvir em Copenhague, estão reconcentrados no meu coração: eu os ouço distinctamente; elles pedem vingança contra hum roubador publico que astuto sabe illudir a vigilancia dos Delegados da Regia Authoridade. Classe infeliz, e indigente, sereis sempre o meu maior cuidado. Prefeito, seja este infame julgado conforme as Leis; e se os ladrões publicos tem confisco de bens para o meu Regio Erario, os deste repartão-se pelos pobres, para em parte resarsir tantas extorções. De hoje ávante seja decepado o dedo polegar de todo que for convencido de taes latrocinios. Possa este exemplo conter os máis nos limites do seu officio. Parte.

Gart. Piedade!.....

Christ. Não mais. (*Retira-se para os outros.*) Mas (*Para Gandorf que está de joelhos*) que furia se me aprezenta!..... Vêde-o com a piedade no rosto, e o veneno dos crimes no coração; chora para enganar, e illudir com damno irreparavel. Hypocritas se reunem a mentira, a seducção, a caballa, e a libertinagem: alegrão-se ao som dos gemidos, e em nome do Ceo perpetrão traições, levando ao cadafalso victimas sacrificadas pela vingança. Aparta-te de mim, que não tarda que oiças a espantoza sentença, que horrorize os teus similhantes.

Gand. Oh Ceo!.... compadece-te da minha alma.

Christ. Lê, Governador. (*Retira-se para os outros.*)

Guil. Restão tres Hebreos, que, segundo

a ordem, fôrão prezos por se acharem juntos aos outros; e só vem notado hum Moyzés, por ter furtado o relojo ao reo Estudante.

Moyz. (*Ajoelhando*) Aqui está Moyzés, que nunca foi ladrão.

Pex. (*Aos pés do Rei*) Não digo eu isso, meu Soberano: quero justiça, e justiça teza contra este enganador. Vendeu-me cobre por oiro, e anda enganando o genero humano.

Christ. Levanta-te. Recorre ao Magistrado, que, provada a verdade da tua accuzação, serás satisfeita. Elle he recto; não temas.....

Moyz. Eu sou hum pobre estrangeiro.....

Christ. Que estás sujeito ás Leis deste Paiz. Os Estrangeiros tem livre accesso no meu Reino, e me glorio de lhes ser util; mas não devem illudir os meus Povos. Prefeito, lembro-te toda a protecção para os Estrangeiros, mas informa-te da sua conducta, para que não sejão prejudiciaes áquelles que os agazalhão. Tenho decretado. Os outros sejão soltos, se nada os accuza.

Pex. Não te largo, embusteiro. (*Retirão para os outros.*)

Moyz. (Acabou a camara optica.)

Christ. Estão dissipadas parte das sombras, que offuscavão o prezente quadro, mas resta dar-lhe agora o maior colorido, vendo cahir por terra o ente mais depravado. Governador, quero que te horrorizes: aqui tens a prova do seu delicto. Lê, e não te entristeças com a punição dos malvados, que ella he preciza. Lê. (*Da-lhe a carta, que Carlota lhe tinha dado.*)

Guil. (*Muito confuso, abre, e diz:*) Estou

perdido (*cahindo-lhe aos pés, e Christierno faz signal a Winter, que parta*).

Guil. Meu Soberano?....

Christ. Cala-te.... que o tyranno não deve fallar na prezença do Monarcha sensivel. Official, tira-lhe os distinctivos, que o adornão: quando tos outorguei, julgava que eras homem e não fera; e como elles são os resplandores que denotão a virtude da nossa alma, não quero que brilhem mais sobre o coração de hum monstro. (*O Official lhos tira.*)

Guil. (Aonde me esconderei.... tudo me affligе.)

SCENA ULTIMA.

Carlota, Frederico, Winter, Camarista, e os ditos.

Christ. Vem, Carlota, esmalte das consortes; vem, Frederico.... (*Este quer ajoelhar*) Não, levanta-te; vem aos meus braços: a virtude não deve prostrar-se; só á soberba compete essa humiliação. — (*Conservando Frederico nos braços*). Aqui tens, alma tyranna, coração viperino, o resultado da tua calumnia. Aqui tens o amigo do Rei, o amante da verdade, e por isso perseguido.... neste estado mizeravel, que arranca as lagrimas dos meus olhos.... Oh excesso de ternura inaudita!.... tu és meu espanto. Santa verdade, se ha mortaes, que te aborrecem, eu te dedico cultos, e todo o Monarcha te preza. Não occultes o rosto barbaro, não roubes os olhos ao esplendor da virtude!..

Antes que espires has de vêr como celebro os meus triunfos: escuta ámanhãa, quando o Sol tiver feito metade do seu giro, quando existir na força do seu clarão. Gandorf, e Guilherme, no lugar dos supplicios, soffrão a pena ultima: acabe a hum tempo o hypocrita, e o tyranno. Como ambos são concordes nas idéas atraiçoadas, ambos tenhão o mesmo supplicio para descanço dos Povos, e dos Monarchas. Frederico, desde já és o Governador desta Cidade. Suba a virtude ao logar que lhe compete; e entre os applauzos dos corações sensiveis, ao estrondo da artilheria, e hymnos marciaes festejemos a queda da tyrannia, a exaltação da virtude.

(*O Official faz signal.* = *Salva real de artilheria nas fortalezas. Aprezentão-se as armas, e a Muzica toca huma marcha festival. Vão-se ao mesmo tempo conduzidos por tropa: Estudante, Estalajadeiro, Gandorf, Cortador, e Guilherme.*)

Todos. Viva Christierno!.... Viva!....

Christ. Carlota, és singular no heroismo. Vive feliz com o teu espozo, que o Monarcha saberá promover a tua ventura.

Carl. Como já conheceis a caballa, e a innocencia de Frederico, nada mais tenho a dezejar.

Christ. Frederico, não tenho que recommendar-te os meus filhos; conheço-te: e como passas do estado da desgraça ao da opulencia, como foste victima de hum prepotente, estou certo que has de prehencher o teu cargo combinando a piedade com a justiça.

Fred. No dezempenho do meu dever serei hum exacto copista da vossa exactidão, e praza no Ceo, que nunca me afaste dos saudaveis exemplos que nos dais.

Wint. Senhor, dissipárão-se as névoas que offuscavão o quadro da vossa gloria: derrubastes os inimigos a que fazieis guerra: agora vamos cantar o triunfo.

Christ. Vamos, Winter, vamos. E vós, Grandes do meu Reino, Povo, e Magistrados rectos, tendes visto como o crime he sempre punido. O Ceo, que he justo, a patenteia, ainda que se encubra com os atavios da honra, para soffrer a pena. Se tendes admirado a virtuoza espoza, que honra ao seu sexo, se vos alegra a restauração do homem recto, segui os seus passos, e triunfareis. A estrada está patente: = Amar a Lei, obedecer ao Soberano, e prezar a humanidade = são os principios, que nos conduzem a huma paz permanente com a gloria da Nação.

FIM.

CATALOGO

Das Peças de Theatro, que se vendem na Loja de Antonio Marques da Silva, *na Rua Augusta, N.° 2, em Lisboa.*

—•••—

Ambição (A). Tragedia, por *Francisco d'Alpuim de Menezes*: 183.. 8.° br. — 240 rs.

Amizade, Rectidão, e Constancia; Comedia em verso Dramatico composta em Portuguez por *José Joaquim Bordalo*: 8.° br. — 160 rs.

Amor (O) do Patriotismo ou os Tirolezes; Comedia: 4.° — 100 rs.

Astucias de Falcete; Farça: 4.° — 60 rs.

Astucias de Zanguizarra; Farça: 4.° — 100 rs.

Beato (O) ardiloso; Farça: 4.° — 60 rs.

Bruto, Tragedia de *Voltaire*, traduzida em versos Portuguezes: em 8.° br. — 160 rs.

Cahe no logro o mais esperto; Farça: 4.° — 60 rs.

Challe (O), Drama: 4.° — 60 rs.

Correcção (A) das Vaidosas; Farça: — 60 rs.

Desterrado (O), ou o Militar Perseguido: — 160 rs.

Disparates da Loucura na Enfermaria dos Doudos; Farça: — 80 rs.

Doudos (Os), ou o Doudo por Amor, Farça, por *Antonio Xavier d'Azevedo*. A mesma que se tem reprezentado nos Theatros da Rua dos Condes, e Salitre: 1839. 8.° br. — 80 rs.

Elogio Dramatico para se representar no Anniversario de S. M. F. a Senhora D. MARIA II: 8.° — 40 rs.

Ericia, ou a Vestal, Tragedia de Mr. *Arnaud*, traduzida por *Bucage*: 8.° br. — 120 rs.

Estalajadeiro (O) de Milão; Drama: 4.° — 100 rs.

Eufemia ou o Triunfo da Religião, Drama de *Mr. d'Arnaud*, traduzido em versos Portuguezes por *Bucage*: 8.° br. — 160 rs.

Gato (O) por Lebre; Farça: 4.° — 60 rs.

Hariadan Barba-Roxa, Drama em 3 actos, traduzido li mente por *Luiz José Baiardo*, 1839. — 120 rs.

Imperador (O) José II, visitando os Carceres de Alemani Drama: 8.° br. — 240 rs.

Industrias contra Finezas, Comedia: 8.° br. — 160 rs.

Infelizes (Os) de Londres; Drama: 4.° — 60 rs.

Ir buscar lã, e vir tosquiado, ou os Livreiros maniacos; F ça: — 60 rs.

Jesualdo, Tragedia composta em versos Portuguezes por J *Bordalo*: 8.° br. — 200 rs.

Leonide, Comedia: 4.° — 100 rs.

Luvas (As) Amarellas; Comedia em 1 acto, imitada do Fr cez de Mr. *Bayard*, por *Luiz José Baiardo*; 8.° br. 120 rs.

Machabeos (Os), Tragedia de Mr *Howdar de La Motte*, t duzida em verso Portuguez por *João Baptista Gomes*: br. — 200 rs.

Manoel Mendes; Farça. — 60 rs.

Marquez (O) de Pombal; (Sebastião José de Carvalho) o Terremoto de 1775. Drama Original em 3 épocas, e 7 q dros; por *Luiz José Baiardo*: 1839. — 160 rs.

Medico (O) Fingido, e a Doente Namorada; Farça: 4.° 60 rs.

Merope, Tragedia de Mr. *Voltaire*, vertida em versos P tuguezes por *T. A. Craveiro*: — 240 rs.

Mestres (Os) Charlatães, ou o Poeta esquentado; Farça: — 30 rs.

Ministro (O) Constitucional, Drama em 5 actos: br. — 1

Monologo para se recitar nos Theatros: 8.° — 20 rs.

Nova Castro, Tragedia; por *João Baptista Gomes Junr.* 7.ª edição correcta, e augmentada com a Scena da Cor ção, por *José Maria da Costa e Silva*: 1837. 8.° br. 120 rs.

Optima receita com que o marido curou os malefícios de s mulher; Farça; — 60 rs.

Orestes, Tragedia de *Victorio Alfieri d'Asti*; Traduzida verso Portuguez: 8.° br. — 160 rs.

Pedro Grande, ou a Escrava de Mariamburgo na Russia, p *A. X. F. de Azevedo*: — 160 rs.

Somnambula (A), Drama em 2 actos por *M. Scribe e M lesville*: 4.° br. — 80 rs.

Traficante (O), ou o Retrato de muitos homens; Farça: 60 rs.

Vaidade castigada, Farça: 8.° br. — 60 rs.

COMEDIA
MAGICA
INTITULADA
O MOIRO DE ORMUZ,
OU
O PODER DA VIRTUDE.

FICÇÃO ORIGINAL

DE

LUIZ JOSE' BAIARDO.

N.° I.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO LACERDINA. ANNO 1826.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

PERSONAGENS.

AZEM	Disfarçado em Hespanhol, filho d'hum Vizir de Ormuz.
ALIMUR	Principe.
ELLAMIRA	Princeza de Ormuz.
KALIB	Grão Vizir.
1.º DIRVICHE.	
OREB	2.º Dito.
O GENIO DO BEM.	
SAFIM	Eunucos.
ZELLIM	
BARBUK	Creado de Alimur.
JACOMO	Creado de Azem.
SALLEMA	Velhas.
IZAURE	
BRITES	Escrava Espanhola.
ZADIGE	Dita da Georgea.

Dirviches - Escravos - Soldados - Furias.

A SCENA HE EM ORMUZ.

Os Caracteres deste Drama, (que subio á Scena em 15 de Janeiro de 1826) forão representados pelos Actores seguintes.

Azem . . . . *João Evangelista da Costa.*
O Genio do Bem *Antonio Borges Garrido.*
Alimur . . . *José Joaquim Arsejas.*
Kalib . . . . *Joaquim José de Barros.*
1.º Dirviche . *João Evangelista.*
Oreb 2.º dito *Miguel João Vidal.*
Safim . . . . *Theodorico Baptista da Cruz.*
Jacomo . . . *Sebastião José Ambrozini.*
Barbuk . . . *Ignacio Caetano dos Reis.*
Zelim . . . . *Antonio José Pedro.*
Elamira . . . *Ludovina Soares.*
Brites . . . . *Jozefa Guilhermina de Mesquita.*
Salléma . . . *Florinda Benevenuto de Telledo.*
Zadige . . . *Gertrudes Angelica.*

A pintura, e parte do Maquinismo foi da invenção de *Eugenio Joaquim Alves*: sendo os ensaios feitos pela direcção do Actor João Evangelista da Costa.

ACTO I.

O Theatro representa huma costa de mar escabrosa, nas visinhanças de Ormuz: a hum lado hum penedo, que a seu tempo transforma; e no outro, onde bem convier, huma gruta, que tambem muda: junto ao mar ha-de haver hum montesinho que tambem transforma.

SÇENA I.

Ao levantar do panno vê-se o mar muito tempestuoso, vento, relampagos, trovões, e ao som de huma musica tempestuosa apparece hum navio jogado, e batido pelas ondas, sem rumo, que batendo contra a penedia se abisma; e entre as ondas se vê a Azem, e a Jacomo luctando com as vagas, e no fim da musica devem ter chegado á terra: Azem como desfallecido senta-se no penedo, e fica abatido, e Jacomo sacudindo o fato.

Az. OH desgraça!

Jac. Sim Senhor, tem razão: mas os outros que forão para o fundo fazer vida

com os peixinhos ainda são mais desgraçados... Estou feito huma sôpa!.. (1) Olhem para esta miseria... Vaso-me por todos os lados!... Então, que me dizem ao repuxo?!..

Az. (2) Infeliz Azem, quando deixará o destino de te perseguir?!.. Quando cançará a sorte de lançar sobre ti as setas da desgraça! Tudo, tudo te opprime desditoso Azem!...

Jac. Ah Senhor, não me dirá que sugeito he esse de quem falla? Que significa esse Azem?..

Az. Sou eu...

Jac. O que!!... Pois V. m. não se chama o Senhor Jacó Armires de la Fuente?...

Az. Não.

Jac. Não!!.. Isso he possivel?...

Az. Sim, he possivel... eu sou o perseguido Azem... sou aquelle... mas eu devo calar-me, e não augmentar a mágoa com a narração d'huma historia que serve de vergonha á minha infeliz Patria.

Jac. Então pelo que diz, V. m. não he Hespanhol como figura?...

Az. Sou natural dos ardentes climas d'Africa: Ormuz he a minha Patria.

---

(1) Espremendo.
(2) Levantando-se.

Jac. (Moiro!... Safa... esta he nova!...) Se não fosse pelo ver afflicto, e estarmos neste miseravel estado, tinha gosto de saber como Diabo foi V. m. dar á Hespanha... mas deixemo-nos de historias, que eu estou tritando de frio, e parece-me que tambem lhe ha-de acontecer o mesmo; porque o banho foi completo.

Az. Já me não resta esperança alguma, e só a morte...

Jac. Que he lá isso de morte?!.. Salva tal lugar!.. Eu cá por mim não quero morrer ainda. Como escapei de cahir no buxo de algum Tubarão, quero sempre saber que terra he esta. Ora a fallar á verdade a cousa está apertada, e eu não estou nada contente. O sitio será bom, mas a apparencia não o mostra... porque eu nem moscas vejo por aqui.

Az. Se te falta o valor, vai-te, e deixa-me entregue ás minhas afflictivas idéas.

Jac. Sim Senhor, isso he muito bem pensado... pois não!... Se eu não sei caminho, nem carreira, aonde quer, que eu vá dar com os ossos?... Ao menos venha V. m: talvez, que se descubra algum indicio... Ah Senhor, vamo-nos daqui: bem vê o nosso miseravel estado; e eu, apezar do susto em que estou, tenho fome, e isto he consequencia do banho que tomei: por isso os medicos os receitão ás senhoritas da minha terra. Ora an-

de, dê cá a mão, e vamos por este lado.

Az. Bem: eu te acompanho.

Jac. Vamos (1).

Não venhão que se perdem..: (2)

Jac. Que!... que!... (3) V. m. não ouvio!...

Az. Sim... mas pode ser illusão...

Jac. Pois não!... não está má illusão... (4) Não venhão, que se perdem. Isto ouvi eu; por signal que a voz era de papão.

Az. Tudo me confunde. Não sei, que infira.

Jac. Pois eu parece-me que acertei: minha avó dizia-me, que havião moiros encantados. Ora V. m. he moiro, e isto sem duvida ha-de ser algum seu amigo, que o procura: com que gentinha estou eu metido!... [*Trovão, e relampago: escurece.*] Mas... ahi temos novo temporal... sabe que mais, vou-me recolher alli naquelle buraco... que isto desaba em muita chuva: e se á pouco me encharquei em agua salgada, não quero agora pilha-la do Ceo..., as misturadas nunca forão boas para o rheumatico... nada de demoras... eu para cá vou...

---

(1) Hindo.
(2) Genio do Bem dentro.
(3) Tremendo.
(4) Arremedando.

Vai a entrar, e ao mesmo tempo surde muito rapido da mesma gruta huma bixa, que vôa, vomitando fogo; e Jacomo cahe no chão tremendo, e diz:

Misericordia! . . . misericordia! ai que morro! . . . e o peior he, que nesta terra não ha quem me aperte a mão.

Az. Parece que a mesma natureza se arma contra os desgraçados. . . Jacomo, que tens?

Jac. Gosto da pergunta. . . Se ainda ha pouco estive de môlho, aqui me tem agora assado. (1) Sabe que mais, dê no que der . . . vamo-nos daqui para fóra; pois parece-me, que viemos esbarrar com a caldeira de Pedro Botelho. . .

Az. Não succumbas fiel Jacomo, tem coragem. .

Jac. Sim Senhor, coragem! . . . quando a natureza repugna he malhar em ferro frio . . . isto então he tremer a bom tremer! . . .

Az. Mudemos de direcção, sigamos outro caminho . . . e fuja-se destas penhas, que parecem armadas contra nós . . . vem.

Jac. E que remedio! . . . Vamos lá. . .

(2) Parai, infelizes.

Jac. (3) Ora ahi tem . . . novos embar-

(1) Levantando-se.
(2) Genio dentro.
(3) Sempre tremendo.

gos... sabe que mais senhor, que mão lembra agora a sua graça... o melhor he não fazer caso, e irmos seguindo o nosso caminho: a palavras loucas, orelhas moucas

Az. Não sei que faça... tudo me confunde... Quem sabe, se algum Genio bemfazejo me quer proteger!.. Quem sabe...

Jac. Não está máo modo de proteger a gente!... Só se he tactica moderna!... Primeiro o susto, depois a protecção; isto he algum pequeno, que está jogando o jogo das escondidas. Se tem vontade de se divertir com elle, fique-se em paz, que eu cá vou arranjar a minha vida.

Gen. (1) Imbecil, fica immovel.

Jac. (2) Então que me diz a esta!... Aqui estou feito estafermo... Está visto, estou seguro devéras!... Nada (3), não tenho que fazer... pela força he algum diabo, que me está segurando as pernas... ora esta! ..(4)

Az. Oh Ceos!.. Em que labyrinto me encontro!... Isto já não he illusão, são effeitos palpaveis, que não admittem dúvida. Oh tu Ente humano, ou divino... tu, que te empenhas em augmentar o meu

---

(1) Dentro.
(2) Ficando immovel.
(3) Forcejando.
(4) Chorando.

delirio: se me és favoravel, eu te rogo, que te manifestes a meus olhos; e se queres atormentar-me, desfexa por huma vez o cutello da tua ira, e termina huma existencia, que aborreço.

Tranforma-se a Gruta em hum lindo Caramanchão, e sobre hum throno de rosas apparece o Genio do Bem sentado.

SCENA II.

O Genio do Bem, e os ditos.

Az. QUe observo!...

Jac. Chegou o pai avô desta terra.... E que barbas que elle tem!... Está visto aqui não ha barbeiros.

Gen. Aproximai-vos.... (1)

Jac. (2) Oh bello!... que já posso mover as pernas... mas ei-lo com nosco.... Ouvio, Senhor Azem, ou Azenha... sempre de largo por amor das duvidas.

Gen. Não tremais, que eu sou em vosso amparo. Azem, não me admira a confusão em que existes: ella he bem natural. Eu sou o Genio do Bem, que vêllo sobre a sorte dos homens rectos, e per-

(1) Desce, e vem para a Scena.
(2) Movendo-se.

seguidos, sou o amparo da virtude, e ao mesmo tempo o verdugo dos oppressores da humanidade.

Jac. (Sim... Pois vá para a minha terra, e verá, que não ha-de ter mãos a medir.....)

Az. Os prodigios, que tenho presenciado me certeficão, de que hum poder superior vos escuda, e vos não será occulta a minha infausta historia.

Gen. Sim, Azem, eu nada ignoro. Sei, que és filho do recto, e justiceiro Alamir, que sempre desempenhou aolado do Soberano de Ormuz o cargo de Visir com honra, desinteresse, e verdade. O perverso Kalib tramou a sua ruina; porque o crime sempre persegue a virtude: nem os egoistas querem, que a verdade ande ao lado do Throno, para que não estorve a sua hidropica ambição. Teu pai foi perseguido, e desterrado; e apezar da rectidão do Monarca, foi victima da calumnia do infame Kalib. Tu presenciaste a morte do author de teus dias, e como herdeiro das suas virtudes tiveste tambem parte na sua perseguição. Ellamira, unica filha do Monarca, encantada dos dotes com que o Ceo te ennobreceo, consagrou-te o seu coração, e tu virtuosamente a amavas: Kalib que não podia soffrer que lhe usurpasses hum bem, que elle ambicionava, soube illudir o Sobe-

rano, fazendo, que decretasse a tua sahida para fóra de Ormuz, logo depois do trance final do Visir teu pai.

Az. Sim Senhor, ha tres annos que sahi de Ormuz, e aportei na magestosa Hespanha, onde com o soccorro de alguns cabedaes, que meu infeliz pai deixou, tenho existido: mudei de traje, e tomando hum nome supposto, pude occultar a barbara terra, em que nasci. Com algum trabalho me instrui nos idiomas; e acompanhado sempre deste fiel hespanhol que tomei ao meu serviço, pertendia viajar pela França: na Coruñha me embarquei n'hum Navio Francez, que seguia viagem para Bordeos; mas huma horrivel tempestade nos arrojou a esta praia, sendo primeiro victimas do naufragio os infelizes, que nos acompanhavão.

Gen. Não os lamentes, pois a salvo seguem a sua derrota, e hão-de ancorar no porto do seu destino.

Jac. Esta he melhor!.. como póde ser isso, se os pobresitos forão para o fundo como macacos?..

Az. Será possivel!..

Gen. Não exites; todo o estrago, que presenciaste foi fantastico, e disposto pelo meu poder para te conduzir á tua Patria, e livra-la das garras da tyrannia que a pertende tragar.

Az. E como, oh ente divinal?!...

Gen. O Rei de Ormuz he morto. Ellamira, sua filha, e tua amante, he a sua unica herdeira; pelas leis do Reino ella deve subir ao throno, esposando o primeiro Visir, ou seu filho. O ambicioso Kalib, esse barbaro, que privou pela sua intriga a teu pai das honras, e motivou o teu desterro, he hoje pelas suas astucias o primeiro Visir, e já na sua mente se julga déspota deste povo infeliz. Ellamira fiel aos juramentos que fez, de sempre te amar, o aborrece, e odeia; mas o infame apoiado pelos fanaticos Dirvieches, a quer violentar ao consorcio, para empunhar hum sceptro de ferro, que seja o flagello dos humanos. Os Ceos, a quem o povo sempre he caro, e que protegem a virtude; os Ceos, que não tollerão os tyrannos, se não para que sejão aborrecidos; querem dar-te o throno que te pertence, não só como herdeiro do recto Alamir; mas porque na tua alma imprimirão o sello da beneficencia, e o amor dos povos. Azem, estás em campo: tens a combater o fanatismo, que sempre se vale da ignorancia dos povos para exercer o seu imperio. Tu és destinado pelo Ceo para confundir o orgulho, extinguir os abusos, e dar ao povo de Ormuz leis suaves, cuja execução confundão os perversos, e premeiem os benemeritos.

Az. Não posso duvidar desse vaticinio, quando tantos prodigios me certeficão do poder sobrenatural, que vos acompanha. Eu nutro fagueiras esperanças; e me julgo já de posse do unico objecto, que sempre ambicionei. Sim, Senhor: eu vejo Ellamira voar para os meus braços, vejo-a extasiada de amor recompensar os meus affectos, e....

Gen. Azem, o amor bem regulado he huma virtude, que testefica a sensibilidade dos mortaes. O affecto de Ellamira, he a justa recompensa dos assiduos trabalhos que te esperão. Não penses que sejão diminutos; combater a intriga, subplantar a tyrannia, e vencer o fanatismo, he tarefa penosa, que só a constancia das almas virtuosas póde conseguir. Parte, que o meu poder te escuda: elle sempre te ha-de proteger, se fores recto, e seguires a estrada da honra. Eu sou, e sempre serei o defensor dos Monarcas, quando elles sejão dignos de o serem.

Jac. (Desconfio de tanta promessa... Aqui ha sua basofia!)

Az. Fiel aos meus principios, e severo observador dos vossos preceitos, juro seguir sempre a vareda da honra. Mas dignai-vos instruir-me do sollo que pizo, e como deverei comparecer em Ormuz?

Jac. (O homem tem razão! tomára

ver-me entre gente: só se veja, quem só se deseja). (1)

Gen. Tu existes no clima natal, e distas de Ormuz duzentas leguas.

Jac. (Bagatella!.. Aquillo he hum passeio para antes de almoço! Duzentas leguas!)

Az. E como vencerei tão grande distancia? Falto de meios, exaurido de tudo, não posso comprehender como sahirei destas penhas áridas, e desertas.

Gen. Aqui tens este lenço: em quanto o possuires, com elle vencerás os maiores impossiveis, fazendo transtornar a ordem das cousas, e dando-lhe a fórma, que te aprouver. Guarda-o com cautella: nunca o separes de ti; pois no momento em que o perderes, serás preza dos teus inimigos. Adeos, Azem. Eu parto a velar sobre a sorte dos humanos. O Genio do Bem será incançavel em promover a sua felicidade: confundirá os tyrannos, e fará que presidão aos povos, aquelles, que tendo só em vista o bem publico, affastem do mundo o egoismo, a traição, e a impostura, féras devoradoras da humanidade.

Entra no Caramanchão, senta-se, e muda para a gruta; trovão.

---

(1) A' parte.

Jac. (O tal barbudo he pessoa de alto bordo ; pois teve salva de retirada.) Ah Senhor, que me diz a tudo isto?... Quem pensaria, que depois de tantos incommodos o esperava tão grande fortunão!... Eu por mim estou de boca aberta.

Az. O homem infeliz, quando segue á estrada da justiça, e tem por balliza a virtude, sempre triunfa, e vence os seus inimigos.

Jac. Assim será... mas vamos ao que serve. Em primeiro lugar, quero saber, que tratamento lhe-hei de dar ; porque tendo-o supposto até hoje europeo, sahio-me moiro, e de mais a mais, com promessas de ser Rei : ora bem sabe, que cada roca com seu fuso, e cada terra com seu uso, e eu não quero ser impolitico faltando ao respeito.

Az. Basta que me sirvas com o mesmo amor, e fidelidade com que sempre me tens acompanhado. Por ora não me competem as honras, que só são devidas ao explendor do throno. Se a sorte me elevar a tão grande altura, farei consistir todo o acatamento no amor do povo, alcançando este pela rectidão do meu governo.

Jac. (Ora o certo he, que ninguem sabe para o que nasce!... Quem me diria, que eu ainda havia fazer sueia com hum Rei Moiro!..)

Az. Partamos para Ormuz...

Jac. Então como? a pé, a cavallo, ou de sege?... Faça trabalhar o lenço... ande, que esse não he dos marotinhos com que as Adellas nos embação na Europa.

Az. Sim, invoque-se o bom Genio, que me protege, e...

Jac. Tenha mão, Senhor, tenha mão... eu estou cahindo de fraqueza... bem sabe, que desde hontem esta fabrica está parada... assim faça a experiencia, mandando apparecer huma bagatella para perdermos o jejum... hum, ou dois perús assados... Quem sabe se encontraremos pelo caminho alguma estalagem?...

Az. Nada faltará. Cumpra-se a vontade do destino; principie o combate contra a tyrannia, e salve-se a virtude das garras do crime.

Acena com o lenço, e o montesinho muda para hum rico carro puchado por cavallos, ou por aquillo, que for mais conveniente, e o rochedo do lado em huma bixa.

Jac. Então he bico, ou cabeça!... bravo... que estado!.. que bella carroça!.. e o gosto he inglez!.. (1) Safa!.. que bixa! Sempre de largo... Ah Senhor, que vem cá fazer esta animalia?.. Man-

(1) Olhando para a bixa.

de isto embora, que me está assustando.

Az. Não, ella he precisa para te conduzir ao nosso destino...

Jac. O que!!.. Não, essa não vê o Senhor Azem... Eu a cavallo na fera?!.. E se ella ao montar me trincar huma perna, ou se divertir com o cavalleiro como ha de ser isso?.. Nada, nada, eu nunca fui bom picador... cá vou para a traseira (1).

Az. Suspende, não temas: a fereza de que he dotada existe supprimida pelo prodigioso poder, que alli a conduzio. Tanto póde a virtude que amança as feras.

Jac. Não duvido que a virtude amance feras: mas eu, he que nunca amancei pôtros.

Az. Monta-te, e verás como em breve avistamos os soberbos muros da Capital de Ormuz (2).

Jac. Senhora bixa... bem vê que sou mandado... Com licença... (3) Eu já cá estou... Então a bestiaga nem ao menos tem hum cabresto!?..

Ouve-se musica, que não interrompa a falla do Actor, e principia o carro a andar, e a bixa a voar.

(1) Indo para o carro.
(2) Vai para o carro.
(3) Montando-se.

Temos musica!... Bem sei, como se trata de combate... isto he bando para toiros... Eu sou o Neto, e meu amo o Cavalleiro... Ah Senhor... então isto vai para o ar?... Ora aqui vou feito maquina, sem ser movido por vapor... E que passo tão macio tem a féra!... Ah Senhor, basta, basta de subir... (1)

MUTAÇÃO I.

Gabinete curto á mourisca no serralho com hum pequeno soffa no meio, que transforma no que parecer conveniente, e delle ha-de sahir Jacomo a seu tempo.

SCENA III.

Safim só, elle usa de hum bastão, que a seu tempo muda para cobra.

Saf. (2) NAda, nada, não consinto... vão trabalhando, e logo virão ter aqui comigo para as conduzir á Princeza. Forte trabalheira!... Já se não póde ser Ennuco!.. Ha sessenta annos que o sou, e nunca vi o serralho na desordem em que existe. Tomára, que o Visir Ka-

(1) Some-se para o lado para onde for o carro
(2) Fallando para dentro.

lib casasse com a Princeza, só para pôr isto em ordem... Está perdido o respeito, e as mulheres todas levantárão a grimpa. Já não ha lugar vedado. Alimur, Principe de Bassora, entra com o seu page, porque namorado da Princeza, quer redusi-la com finezas; o Visir firmado no alcorão, diz que por força ha-de ser elle o preferido, e a menina fincou os pés á parede, e não póde vêr hum, nem outro. A desordem continúa, a profanação está no seu auge, e eu esperando, que o nosso Mafoma desabe sobre tudo huma trovoada tremenda, em desagravo de tanto sacrilegio. Ahi vem o primeiro profanador.

SCENA IV.

Alimur, Barbuk, e o dito.

Alim. SAfim?...

Saf. Senhor!...

Alim. Quero fallar á Princeza...

Saf. Ainda hoje não sahio do seu aposento... mas eu vou vêr...

Alim. Sim... vai que neste sitio te aguardo.

Saf. Obedeço. (Então a minha quisi-

lia, toda he com o pançudo do Page!.. Tudo está perdido, tudo!..) (1)

Alim. Barbuk... em quanto espero o momento favoravel para fazer a minha respeitosa despedida áquella, que por seus encantos me roubou o coração, e cuja posse infelizmente não pude obter, vai tu preparar tudo para a minha partida: sabia-se de Ormuz, onde perdi a liberdade, e no recinto da Patria trabalharei por esquecer hum objecto, que não posso vêr sem amar.

Barb. Obedeço. (Este entrou na loteria, mas ficou em branco). (2)

Alim. Tenho decidido. Não devo por mais tempo affligir a formosa Ellamira com o meu affecto. Sahindo da Patria, para nos Paizes estranhos, e mais cultos aprender o uso dos bons costumes, afim de hum dia fazer as delicias dos subditos, a que devo presidir, cheguei a Ormuz: Ellamira me cativou, e eu queria, que ao meu lado gozasse não só do meu affecto, mas tambem que me ajudasse a supportar o pezo do governo. Debalde o tentei; porque de hum lado o infame Kalib se oppõe, que ambicioso pertende a sua mão, para com ella gosar do Diadema, que lhe não pertence; e do outro, a mesma Ella-

(1) Vai-se.
(2) Vai-se.

mira, fiel aos votos, que em outro tempo fizera a Azem, jurou que só elle seria o senhor do seu alvedrio. Tenho presenciado as tramas horriveis, que se tem armado para a obrigarem a hum consorcio, que aborrece. O perverso de antemão preparou o laço, perseguio a innocencia, e expulsando para longe o desditoso Azem, tem chamado ao seu partido os Dirviches, fanaticos impostores, que ambiciosos de oiro pugnão pela sua exaltação, temendo, que a verdade appareça, e mostrando-os ao mundo quaes elles são, caia por terra a mascara da impostura, com que illudem este povo cego, e supersticioso; mas que vejo!... Kalib se apressa.... o seu rosto denota sobresalto.

SCENA V.

Kalib, e o dito.

Kal. PRincipe de Bassora, sabendo, que estaveis neste aposento, apressei-me a procurar-vos.

Alim. E que pertendes, Grão Visir?..

Kal. Dar-vos hum conselho.

Alim. Eu o escutarei; quero desde já acostumar-me a ouvir os conselhos de todos, para hum dia, quando subir ao throno, me não aborrecerem. Falla.

Kal. O conselho dos sabios Dirviches, tem decidido, que Ellamira deve hoje subir comigo ao throno. Não tarda que se lhe faça saber esta sentença, que vai firmar a minha gloria. Todos sabem, que pertendieis o seu affecto, e não convém ao meu caracter, e dignidade, que vós sendo meu rival, andeis ao lado da Princeza. Este serralho desde já vos fica sendo vedado, e o mais prudente he ausentar-vos dos meus estados.

Alim. Dos teus estados!... Dize-me: Ellamira já decidio?... Tem ella consentido?..

Kal. Não, Principe.

Alim. Pois então como chamas teu ao que ainda depende da vontade dos outros?

Kal. Os Dirviches, sagrados Ministros do Santo Profeta, o determinão.

Alim. E tanto podem elles neste Reino, que disponhão a seu arbitrio da liberdade do coração humano? Tem elles mais força que a natureza para subplantarem o affecto, que he livre a todos os homens? Podem elles obrigar-me a que ame, quando eu não quero, nem posso amar?.. Oh quanto são efficazes os seus Decretos!.. (1) Bem se vê que tem influencia divina; pois usurpão aos ho-

(1) Ironicamente.

mens os dotes, que o Ceo, e a natureza lhes concedeo.

Kal. Discorreis como apaixonado: mas deveis lembrar-vos, que a lei, e o bem publico o mandão, e a isto tudo cede.

Alim. Dize antes, tudo deve ceder (1). Olha, Kalib, a Lei, e o bem do Povo, são as primeiras virtudes, que devem ornar hum Monarca... são ellas, quem formão o seu maior brilhantismo, e quando existem n'hum coração recto, o povo he feliz, o Soberano adorado, e a sua gloria firma-se sobre sólidas bases. Mas quando a traição, e o egoismo se valem de tão sagrados nomes para fartar a sua ambição, e tyrannia, são objectos effemeros, que tem curta duração, e deixão impresso no coração dos homens o horror, e a exacração.

Kalib. Acaso me julgais capaz de huma traição?

Alim. Sim Visir; porque o homem que se vale da intriga para opprimir o seu similhante, usurpando-lhe honra, e fazenda, não merece outro nome, que não seja o de traidor.

Kal. Vêde, que me insultais....

Alim. Verdades não são insultos: são estimulos, que nos ensinão a seguir a es-

(1) Pegando-lhe na mão.

trada da honra. A perseguição do velho Alamir, e o desterro de seu filho Azem, são obra da tua astuta perversidade, para te apossares da dignidade que lhe pertencia. Isto he huma verdade pública, de que se murmura, e que ha-de attrahir sobre ti a ira celeste. Não era á posse do Throno de Ormuz, quem me fazia solicitar a mão de Ellamira, forão os seus encantos, e virtudes que me prenderão o coração: mas como o seu amor se dedica ao infeliz Azem, desde já desisto da empreza; pois nunca podem ser gratos os affagos forçados, e extorquidos pela violencia. Estes sentimentos são-te desconhecidos; porque tu não amas Ellamira, mas sim os thesouros que possue. Tencionava ausentar-me de Ormuz: mas como não posso acreditar, que os Ceos consintão, que o homem perverso suba ao throno, que pertence á virtude, não hei de partir sem que veja a tua quéda, o meu coração me prognostica, que a innocencia ha de triunfar com opprobrio dos seus opressores. Adeos Visir. (1)

Kal. A suprema dignidade de que se reveste, o izenta do meu rancor, e só o respeito pôde conter o ressentimento, que os seus insultos me excitárão. Quando a mão de Ellamira me fizer seu igual, Or-

(1) Vai-se.

mas será sempre inimigo de Bassora, e huma guerra permanente será o seu flagello. Tenho triunfado, e ás minhas astucias devo a gloria, que me espera. Seja agora a brandura, que modére o rancor da ingrata, que me odeia... Chega Safim.

SCENA VI.

Safim, e o dito.

Saf. ALtissimo Senhor...

Kal. Aonde a Princeza?...

Saf. Vai sahir dos seus aposentos, para no Jardim esperar o Principe de Bassora, que por mim lhe mandou pedir huma audiencia, ainda ha pouco. Elle aqui tinha ficado, e suponho, que aborrecido de esperar se ausentou.

Kal. Vai dizer á Princeza, que eu não quero, que lhe falle, e desde agora fica interdicta a entrada do serralho a todos: parte....

Saf. Mafoma o ajude pela consolação, que me dá. Faz muito bem, meu Senhor: he preciso pôr fim a esta devassidão... Eu vou, e venho...

Kal. Espera. (Não devo irritar mais o animo de Ellamira com esta prohibição: quando estiver senhor da sua mão,

então porei em uso a minha authoridade.) Safim, cumpre os preceitos da tua Senhora, e faze que cercada das mulheres do Harem, lhe falle com aquella pompa, que he devida á sua alta Jerarchia. (Saberei expiar-lhe os passos para sondar os seus projectos.) Chama as mulheres, e avisa o Principe de que a tua Soberana o espera (1).

Saf. Tudo como dantes! Por mais, que faça para reduzir este recinto á decencia, que tinha, não o posso alcançar, e vejo perdido o respeito que se lhe deve. Se até mesmo os Eunucos namorão as Escravas!... Que desacato!... Que sacrilegio!... E se a terra se não abre, he porque as minhas virtudes a fexão. Oh lá de dentro... tudo, tudo á falla. Vamos dar as ordens... e o Profeta derrame sobre mim hum ar da sua graça para que possa impedir a devassidão deste lugar, aos profanos vedado.

---

(1)-- Vai-se.

SCENA VII.

Brites, Sallema, Zadige, Izaure, e mulheres do serralho, todas com véos cahidos: e o dito.

Saf. COm decencia . . . e nada de profanação. . . perfillem-se. . . Vamos á revista. . . Vejamos se já hoje lavárão as caras . . . e se estão conforme os estatutos do serralho. . . Agora levantem os véos (1). Eis patentes as ratoeiras da humanidade. . . *[Vai vendo huma por huma.]* Sempre foste huma desleixada . . . endireita esse corpo . . . assim mulher . . . assim. (2) Tu levanta a cabeça. . . Oh! esta está no rigor da moda. . . Se ella he franceza! . . . Cá está a minha hespanholita em attitude do bem paráo. . . Tenho visto . . . fiquem assim para tomarem o ar, em quanto vou buscar os escravos brancos, e negros para se fazer o cortejo á vossa Princeza. Raparigas, decencia . . . e mais decencia (3). A ti não tenho que recommendar . . . porque esse carão he mais para espantar, do que para attrahir (4).

---

(1) Levantão-nos.
(2) Ensinando.
(3) Para a velha Sallema.
(4) Vai-se.

Sal. Maldito estafermo!... Ai minhas filhas, tenho cincoenta annos de serralho, e sempre aquelle mofino velho foi o flagello das raparigas.

Zad. Eu desejava huma lei, que excluisse os Eunuces dos serralhos.

Izaur. E era muito mais acertado. Aquelles malditos são em tudo, e por tudo aborrecidos: eu mesmo apezar dos meus annos não os posso ver.

Brit. Sempre he gente a quem aborreci.

Sall. E então vivem por huma eternidade!...

Brit. Pelo trabalho que tem, não admira: todo elle se reduz a guardar humas infelizes mulheres, que cercadas de grandes muros, soffrem a mais cruel escravidão. Oh minha querida Patria!... Minha Hespanha, perdi-te para sempre...

Sall. Nada de tristezas, isso já não tem remedio... Agora só deves cuidar em divertir-te... O senhor Safim já se vai demorando para o seu costume..... pois em quanto não chega quero sentar-me neste soffá..... *[O soffá transforma, e delle sahe Jacomo: todas se assustão.]*

SCENA VIII.

Jacomo, e as ditas.

Tod. QUe vejo!...

Jac. Hum homem são, e escorreito, que da parte de seu amo... Mas que admiro... *[Reparando em Brites, e ella faz o mesmo.]*

Brit. Que observo!...

Jac. Não me engano...

Brit. He elle....

Jac. *[Correndo para ella, e abraçando-a.]* E's tu, Brites?

Brit. E tu és Jacomo?...

Jac. Ora a Brites!... Que he feito de ti mulher da fortuna?... Desde, que sahi da casa em que serviamos, nunca te pude bispar. Como diabo vieste dar a esta terra?...

Brit. Nossos amos, tendo precisão de irem a Inglaterra, embarcárão-se, e sendo encontrados por hum corsario barbaresco, fomos captivos. Elles morrêrão de pena, e eu aqui vim dar com os ossos.

Jac. Bem dizia eu algum dia. Esta Brites ainda ha de vender tâmara doce: e ella ahi na terra das palmeiras.

Sall. Porém... nós estamos perdidos....

Zad. Certamente. . . .

Izaur. E sem rémedio.

Jac. Mas porque, meninas? . .

Brit. Porque tu és homem. . . .

Jac. Pois os homens nesta terra he fazenda de contrabando? . . .

Sall. V. m. faz-se tollo? Não sabe que está no serralho? Se vier o excommungado velho, somos todas aspadas. Não sabe que não podemos fallar, senão com homens Eunucos?

Jac. Pois digão-lhe, que sou Eunuco, e fica tudo remediado. Mas não se assustem: eu venho aqui mandado por ordem superior. . . Meu amo he tão poderoso, que faz daquellas brincadeiras. . . Vocês não repárão por onde eu sahi? . . .

Brit. He verdade. . . .

Sall. Mas que amo he esse? . . .

Jac. A historia he muito grande, eu lha contarei em outra occasião. Agora, quero dizer-lhe, que o senhor Azem pelo poder de breliques, e breloques me mandou adiante, para que annunciando a vocês a sua chegada a esta terra, o fação saber á sua Ellamira. . . Oh Brites, vai tu ser a mensageira. . . .

Izaur. Ahi vem o velho. . . .

Brit. E com elle o impertinente Zelim: forte zanga lhe tenho. . . .

Sall. Oh homem, não nos deite a perder, torne para o lugar donde sahio, e deixe-nos em paz.

Jac. Callem-se, que vocês em mim tem hum bom protector.

SCENA IX.

Safim, Zellim, e as ditas. Zellim traz tambem o seu bastão, que muda. Eunucos negros, e brancos.

Saf. [*Entrando, e fallando com Zellim.*] Tu, Zellim, com a tua costumada actividade arranjarás os escravos, e eu as escravas... mas que pouca vergonha!...

Zell. Hum homem!... Oh sacrilegio!...

Saf. Escravos, segurem-no... segurem-no, que ha de ser empallado, e esfollado vivo.... Vamos, prendão-no...

Jac. Se se bollem ficão perdidos...

Zell. Você zomba... christão cachorro?... Eunucos, obedecei ao vosso chefe... prendão-no.

Saf. E tambem a estas infames profanadoras... Morra tudo, e venha gente nova... O Grão Visir saberá este crime... Fallando com hum christão!.. Tudo, tudo ha de ser queimado...

Zell. Oh senhor Safim? isto he desaforo!.. Os escravos não nos obedecem... não vê o insolente a rir-se?..

Saf. Sim!... Esperem, esperem que

eu lho digo (1). Vocês vão para dentro, logo saberáõ o que he bom, e bonito. Marcha daqui para fóra... logo, logo fallaremos.

Tod. Forte desgraça!... (2).

Jac. Não chorem pequenas, que o senhor Azem as livrará das unhas destes sallafrarios.

Zell. O que eu lhe gabo he a pachorra, e o descaramento.

Saf. Escravos, a elle...

Jac. Não se cance, meu senhor, que lhe não obedecem... (Senhor meu amo, valha-me o seu lenço) (3).

Saf. (Estou capaz de os enganar.) Oh malditos vocês mangão com o seu chefe?..

Zell. Obedeção senhores... *[Vão os Eunucos a mover-se, e ficão imoveis á falla de Jacomo].*

Jac. Valha-me senhor meu amo!...

Saf. Esta agora he nova!...

Zell. Estão pegados, senhor Safim, estão pegados. *[Safim agarrando pelo pescoço a Jacomo, e Zellim faz o mesmo.]* Ah senhor patife... falle para alli, e diga quem he esse seu amo?... (4)

Saf. Ah elle he isso!... Voeê zomba

---

(1) Para as mulheres.
(2) Todas chorando, e vão-se.
(3) Continúa a rir.
(4) Jacomo risse.

do Eunuco dos Eunucos? . . . Zellim, tu de lá com esse páo, e eu de cá com este, he dar até não mais.

Zell. Está dito . . . ahi vai.

Ao tempo que levantão os páos, estes se transformão em cobras, que ficão agarradas nas mãos.

Saf. Ah que de Mafoma contra esta bixa! *[O jogo desta scena fica ad libitum dos habeis Actores.]*

Zell. E como chupa a maldita!..Ai!..

Saf. Senhor christão, ou senhor diabo . . . puxe, puxe. . .

Jac. [No lugar da transformação.] Como querem saber quem he meu amo, eu lho digo. . . Chama-se Azem, e da sua parte lhe botei esses buscapés.

O sofá que tinha transformado torna ao seu primeiro estado: some-se Jacomo, e os escravos fogem, ficando só os dois.

Saf. Esta bixa cadella tira-me todo o sangue das veias! . . Não bastava ser Eunuco, se não ficar tambem sem hum braço . . . Ai que morro! . . Quem me acode? . .

Zell. Oh que maldita chuchadeira!

Saf. O velhaco era Cirurgião, e dei-

tou-me bixas, sem eu estar doente. . . ? Não ha quem acuda?

SCENA X.

Barbuk, e os ditos.

Barb. QUe tem senhor Zellim? . . Oh pobres homens! Aonde apanharão essas dependuras? . . .

Saf. Foi huma peça de entrudo, que nos pregárão. . . . Puxe-lhe pelo rabo para vêr se larga. . . .

Zell. Faça isso. . . .

Barb. Nessa não caio eu . . . e se ellas me fillarem . . . nada, nada. . .

Saf. Pois você não vê, que não tem boca no rabo! . . ande, que assim se lhe dá cabo da pelle. . . .

Barb. Faça-se este acto de caridade. . . esta, está segura. . . Você, senhor Zellim, ponha-se a geito... assim... vá... oh pucha! . . Fincárão devéras. . .

As cobras largão os dois, e fillão-se nas mãos de Barbuk, que primeiro lhe pegou pelo rabo de cada huma.

Barb. Oh com a bréca! Ei-las comigo . . . ai! . . ai!

Saf. Largárão? Pois agora divirta-se com ellas . . . por aqui me sirvo.

Zell. Ainda o não posso crêr !.. Safa (1).

Barb. Oh amigos ? . . Acudão . . . olhem que isto não he graça. . .

Saf. Bem sei que he devéras . . . safa (2).

Barb. Oh senhor Zellim ?

Zell. Tenho o braço léso , não posso fazer força (3).

Barb. Esperem . . . esperem. *[Vai-se a traz delles , levando as cobras.]*

---

(1) Indo-se.
(2) Vai-se.
(3) Vai-se.

MUTAÇÃO II.

Grande recinto dos tumulos dos Reis de Ormuz: a hum lado, ou onde convier, hum tumulo que transforma, e delle sahe hum Actor: deve haver no fundo hum pelinto, com letras que digão Descanço eterno. *Este pelinto muda a seu tempo para hum throno, onde se hão de assentar duas pessoas.*

SCENA XI.

Ellamira de joelhos junto ao tumulo, que se figura de seu pai: Kalib junto a ella.

Kal. BAsta, Senhora, basta de pranto: elle he justo; porque lamentais a perda de hum pai, que fazendo a felicidade do seu Povo, sempre vos amou estremosamente: mas deveis lembrar-vos, que este continuado pranto, este sitio que sempre procurais para incentivo da vossa mágoa, podem damnificar os vossos dias: dias que estão dedicados para fazerem a ventura do Povo de Ormuz.

Ellam. Os teus extremosos cuidados são me patentes. Eu conheço, quanto te intercessas pela minha conservação. Vai-

te, Kalib: consente que eu pague este tributo ás honradas cinzas do meu Rei: não augmentes a minha dôr com a tua presença.

Kal. Não posso Senhora. O Principe de Bassora vos pedio huma audiencia: tudo vos espera no jardim para o receberdes, cercada da magnificencia que vos he devida. Os Sacros Dirviches, Ministros do Sancto Profeta, não tardão, que venhão partecipar-vos a sentença que vos marca o praso para dardes a mão de esposa áquelle, que a lei nestas circunstancias designa.

Ellam. Eis o ponto principal a que se dirigem os teus excessos. Pois sabe Visir, que debalde exiges que seja tua consorte. Eu não posso amar o cruel inimigo do meu querido Azem . . . tu lhe cavaste a ruina; porque sendo eu filha unica, o Throno de Ormuz seria delle, pois era já o senhor do meu coração.

Kal. Os seus crimes forão públicos.

Ellam. E forjados só pela tua imaginação. Não, não esperes, que eu apresente ao Povo o modello da traição, em vez de hum exemplo de virtudes. Não penses, que estime tão pouco a herança de meu pai, que a queira entregar nas garras da tyrannia. Que venturas devem esperar os meus subditos de hum monstro, que subio á dignidade de Visir pelos de-

gráos da intriga, e da calumnia? Eu já mais concorrerei para similhante desgraça; nem farei hum juramento, que não hei-de cumprir. Eu jurar ao Profeta, que hei-de amar-te, quando te aborreço!... Ah! Isso nunca... E se para entrar no gozo da herança, que me pertence, he preciso hum tal juramento, perca-se o Throno, perca-se a vida; mas Ellamira nunca ha-de atraiçoar os sentimentos naturaes, que lhe inspira a virtude.

Kal. Mas a Lei deve cumprir-se.

Ellam. Todos os preversos pedem Lei, quando he favoravel aos seus intentos. Infelizmente ella serve muitas vezes de capa aos traidores, quando só deve servir de amparo aos opprimidos. Mas não penses que me illudes. Eu sei, que a Lei quer que eu dê a mão de esposa ao primeiro Visir, ou ao seu herdeiro, quando o tenha: e tu certo neste principio da mesma Lei, julgaste de posse da minha dextra: mas estás illudido, o juz que pensas ter, he falso. He verdade que exercitas o lugar de primeiro Visir; mas elle não he teu, he usurpado: a intriga, em que és imminente, o roubou ao desditoso Azem: quem goza do que não he seu, não se póde chamar senhor, e neste caso nem tu és o Visir, que representas, nem eu quebranto a Lei, não querendo unir-me á perversidade.

Kal. Mas deveis attender, que....

Ellam. Nada mais escuto (1).

Az. (2) Suspende Ellamira.

Ellam. Que voz soou nos meus ouvidos!... Que prodigio me prende os passos!.. Não sei que força me dirige para este lado!.. Que poderoso iman me atrahe!.... Que ente divinal me encanta, e protege!...

O tumulo deixa vêr hum grupo de nuvens mui brilhantes, que largão Azem, e tornão ao mesmo tumulo.

SCENA XII.

Azem, e os ditos.

[Ellamira no excesso da maior admiração, corre com extremo para os braços de Azem, dizendo:] Ceos!.. Sonho, ou vello!.. Azem!.. Querido Azem! Tu nos meus braços!...

Kal. Que presenceio!.. Ellamira nos braços do meu odioso rival!... Oh raiva! Puna-se huma tão grande offensa. (3)

Az. Sensivel, e virtuosa Ellamira... anima-te... suba ás tuas faces

---

(1) Retirando-se.
(2) Dentro.
(3) Vai-se arrebatado.

o esmalte do prazer. . . O destino me envia para te arranear ao precipicio, que te esperava, e ao crime, que te opprimia. Nada tens a temer: escudado por huma força prodigiosa, e invisivel, eu saberei destruir as cilladas, que a ambição, e o egoismo tem armado para opprimirem a virtude.

Ellam. Mas porque modo te vejo!... Com esse traje improprio, e desconhecido....

Az. Tudo saberás, quando vencedor dos teus contrarios, possa em paz gozar dos teus affagos....

Ellam. Que observo!.. Oh Ceos!.. Foge Azem ... foge ... que tudo está cercado, e se te encontrão ficas perdido.

Az. Já te disse que não temas: o Genio do Bem me protege, e com tão grande amparo não póde succumbir a honra, e a fidelidade.

SCENA XIII.

Os ditos Kalib, Emir, Safim, e todas as mulheres. Soldados, escravos pretos, e brancos.

Kal. CApitão ... eis alli o rêo ...; prendei-o, e conduzio aos Dirviches, para soffrer a pena de morte, como que-

brantador da nossa Lei. Sentenciado a hum desterro perpetuo por seus crimes; agora se nos apresenta com insultante ousadia.

Az. Suspende Emir.... Suspende... A guerra que vai principiar não tem nada comtigo; pois só és cego observador dos teus deveres. A tua acção he louvavel; porque ao soldado só cumpre obedecer aos seus chefes. E tu, que te chamas Visir, tu a quem os vestidos brilhantes encobrem damnosos intentos, e refalsadas idéas; dize, furia, porque tremes?... Quem motiva o lívido dessas faces, tabolleta de enganos, e traições?.. Tanto te assusta a presença de hum só homem, para com tão grandes forças o vires prender? Assim pensão os oppressores, quando combatem a virtude, que assusta, e destróe o seu poder.

Saf. (1) He atrevidête.

Zell. Sim senhor.

Az. Emudeceste?... Falla, publica os meus crimes: mas vê, que o accusado sou eu, e que a vista do innocente faz tremer falsarios accusadores.

Kal. E chega a tanto a tua ousadia?.. Oh perverso!.. Ah! Eu deliro de raiva!.. Meus olhos se encendeião, o rancor me abrasa o peito, e com as minhas proprias mãos....

(1) Para Zellim.

[Vai a empunhar o alfange, e fica encadeado á voz de Azem, que maneja o lenço.]

Tod. Que vejo!

Az. A sorte dos tyrannos para socego da humanidade, e gloria dos opprimidos.

Kal. Eu desespero!...

Saf. (1) Está visto, senhor Zellim, o tal Azem formou-se na Europa em diabo, e vem pôr banca na Moirama.

Zell. Sim senhor.

Az. Kalib, tens visto, que escudado por hum poder superior, hei-de anniquilar os teus artefícios. Em quanto a tyrannia soffre os grilhões, que lhe pertencem, suba a virtude ao throno, que lhe compete em signal do prazer que a espera.

Azem acena com o lenço, e muda a Scena para regia: o pelinto muda em throno, a que sobe Ellamira conduzida por Azem ao som de hum alegre coro: Kalib fica desesperado cahindo-lhe as cadêas.

---

(1) Para Zellim.

ACTO II.

O Theatro representa hum gabinete com dois sofás, que transformão, e bofete.

SCENA I.

Kalib só.

Kal. CHegou a desesperação ao seu auge. Eis-me labéo de hum povo, que já me reputava seu senhor. Oh raiva, presta-me agora toda a força possivel, para que a minha vingança seja espantosa. O meu perverso rival, escudado pela magia, usa de hum poder fantastico para me illudir, e aterrar os meus sectarios; mas eu porei diques á sua torrente, eu saberei triunfar dos seus estratagemas; . . mas chega o importuno Alimur. . . Este odioso rival, tambem excita o meu rancor.

SCENA II.

Alimur, e o dito:

Alim. KAlib, já sei que Azem existe no serralho, e que tu vives assombrado com os prodigios, que praticou na tua presença. Quero fallar-lhe.

Kal. Sim senhor, mas em breve o seu espantoso castigo ha-de completar a minha vingança.

Alim. O homem vingativo sempre foi aborrecido. Tuas esperanças devem cessar; porque se Ellamira até aqui te repudiava, d'hoje ávante te ha-de aborrecer. Conduze-me a Azem, pois quero ter a gloria de abraçar o filho do homem benemerito, que por ser recto foi perseguido. Quem présa a verdade, e por ella se sacrifica, he crédor das homenagens do homem sensivel.

Kal. Quereis fallar a Azem; mas eu não sei aonde esteja. Deixai, que me retire, pois deveres mais preciosos me chamão a outro sitio. (Vou tramar a morte de Azem, e consultar os Sacerdotes: se chego a triunfar, a confusão dos meus contrarios será a minha maior gloria. (1)

(1) Vai-se.

Alim. Este infame premedita certamente alguma nova traição. O seu rosto o diz: saberei vigia-lo, e livrar a innocencia, que pertende victimar. O traidor, que he movido pela ambição, sempre caminha pela estrada sanguinaria dos attentados: fexados os ouvidos ao suave eco da voz da natureza, de contínuo os abre ao horrisono som da tyrannia, que os sensiveis detestão, e aborrecem. Mas que vejo!.. Ellamira se encaminha para este sitio... e Azem he sem dúvida aquelle, que a acompanha. Vôo ao seu encontro.

SCENA III.

Ellamira, Azem, e o dito. Escravos, e escravas, que se retirão á voz de Ellamira.

Ellam. Fiéis companheiras dos meus trabalhos, eu vos dispenso da assiduidade que me prestais. A vossa companhia, não me he agora precisa; saberei prevenir-vos, quando me aprouver: retirai-vos. (1)

Alim. Formosa Ellamira, os vossos encantos souberão cativar-me o coração: mas a constancia, e fidelidade que juras-

(1) Vão-se os escravos, e as escravas.

teis ao vosso amante; a coragem com que tendes resistido ás seduções d'hum monstro, que ambiciona a vossa mão, não por effeitos de sincero affecto; mas para satisfazer a avidez das soberanas honras, que lhe não competem; infundirão-me o respeito, que merece a mulher constante, e forte, quando se escuda com a virtude para subplantar o vicio. Como tal vos dedico as minhas homenagens, e vos felicito pela vossa proxima felicidade, unindo-vos para sempre ao venturoso Azem. Prasa aos Ceos, que sentado no throno, saiba elle derramar sobre o povo os bens, que resultão de hum governo recto, e moderado.

Ellam. Principe, não posso deixar de ser grata aos votos sinceros que fazeis: elles são provas exuberantes das boas qualidades que adornão a vossa alma: e nobre esforço, com que sabeis supitar o amor, que vos inspirei, he digno de admiração. Sempre vos distinguí, e procurei dar-vos provas da minha gratidão, já, que não podia corresponder á vossa ternura. O amor nasce do coração, e como este he livre, não ha força, poder, ou ferros, que nos obriguem á amar, a quem não podemos. Certa, em que não desconhecieis estas verdades, vos franquiei os arcanos do meu peito, para que lamentasseis a minha desgraça, e não a

augmentasseis com extremos, que não acceitaria, por ser firme nos meus juramentos.

Az. Conduzido a Ormuz por hum poder superior, eu tenho admirado quadros, que me extasião : de hum lado o crime, que pertende elevar-se sobre a virtude, para exercer a tyrannia ; e do outro a mesma virtude resistindo aos seus ataques. Quando Ellamira me narrou os rasgos da vossa nobre conducta, apesar de vos não conhecer, logo vos contemplei dotado de sensibilidade ; capaz de supitar as paixões, e digno do Throno, que vos pertence. O homem, a quem os Ceos destinão para governar os outros homens, deve primeiro saber governar-se, domar a cólera, ser surdo ao grito das paixões, e ter aberto o coração para recolher as lagrimas dos infelizes. Finalmente, como o Soberano he o ponto fixo, para onde se dirigem as vistas de todos, elle deve ser hum quadro perfeito de virtudes, que exemplifique o seu povo.

Allim. Feliz será Ormuz quando possuir hum tão digno Monarca. *[Ouve-se huma agradavel melodia.]* Mas que suave melodia encanta os meus ouvidos !

Transforma o bofete no que bem aprouver, e sahe delle o Genio do Bem.

SCENA IV.

Genio do Bem, e os ditos.

Alim. CEos, que veja!...

Az. Oh meu divinal protector! (1)

Ellam. Este!... Seu rosto infunde respeito!...

Gen. No recinto em que a virtude se aloja, nesse alcáçar divino em que habito, tem soado os ecos da desesperação, que a tyrannia, e o fanatismo vociférão. Azem, o poder, que te conferi, não te dá o dom de precaveres futuros; aliás já terias penetrado o trama horrivel, que desabridos monstros te preparão. He o fanatismo filho da ignorancia, e perversidade, que te persegue. São mui fracas as tuas forças para te oppores sem defeza ao combate: segue-me, saberás todo o horror da insidia; e munido de hum poder divinal, tu serás o dissipador das trévas, que os cegos por huma falsa doutrina adorão, e lhe faz beijar os ferros, que a sagacidade d'hum impostor lhe doirou, para firmar o imperio da ambição. He Mafoma de quem fallo: elle maneatou ao carro do seu triunfo milhares, e milha-

(1) Prostrando-se.

res de victimas, que jaserão escravas dos seus erros, se hum poder superior não oppuser barreiras á torrente devastadora, que pertende anniquillar este imperio, e opprimir a humanidade. Acompanha-me sem exitar.

Az. Sim senhor, eu vos obedeço; mas deixarei entregue á perseguição o objecto, que amo? . . .

Ellam. Ah senhor, eu não ouso penetrar os vossos occultos misterios; mas vêde, que me usurpaes hum bem por quem cêdo o throno, a grandeza, e darei a propria vida, se tanto for preciso.

Gen. Ellamira, eu não sou tyranno, para que folgue com a oppressão da virtude, e com as lagrimas dos afflictos. Sou hum ente, que o Ceo destinou para vigiar no bem dos povos, e proteger os virtuosos. Se por minha intervenção já gozaste a vista de Azem, seria acaso para fazer a tua perpetua ruina? Anima-te, e lembra-te, que quem quebra grilhões não promove a escravidão; nem os Ceos jámais escudão o crime: elles tollérão a oppressão da virtude, para que hum dia triunfe com todo o explendor da grandeza. De novo te advirto, que sejas constante para teu completo triunfo. Quero que subas com Azem ao Throno, não incençada pelos forçados louvores de hum povo escravo; mas sim pelos espontaneos

vivas que os entes sensiveis expellem em applauso daquelles, que fazem a sua ventura. Vamos, Azem; por aquella vereda misteriosa, descerás comigo ao alcáçar da sapiencia, e munido de armas invenciveis serás o flagello dos fanaticos, e supersticiosos.

Toca-se a melodia, entra Azem, e o Genio, e apparece o mesmo bofete.

Alim. Já vejo, que debalde se arma a traição contra a fedelidade; quem sempre for virtuoso será sempre protegido: nem os Soberanos devem temer insidias, e traições, quando trilharem a estrada da justiça, e rectidão; porque os Ceos serão o seu amparo. Senhora, eu me retiro esperando receber de vós, e de Azem hum exemplo salutar, com que promova o bem geral dos meus subditos. (1)

Ellam. Apesar da fortaleza, que me inspirárão as suaves vozes daquelle ente prodigioso, não sei que susto, e receio me atemorisa! ... Eu vejo a insidia com armado braço levantar o alfanje contra o desditoso Azem ... e ser eu levada de rojo aos altares da impiedade... Mas que observo! Que pertenderá agora Kalib, e os Dirviches! .. Oh Ceos amparai-me neste conflito!

(1) Vai-se.

SCENA V.

Kalib, 1.° *Dirviche*, 2.° *dito*, *acompanhamento dos ditos*, *e sequito de escravos.*

Kal. SEnhora he chegado o momento de comparecer na grande Mesquita, para de huma vez se cumprir a lei. Os Ministros da Religião me acompanhão para este fim.

1.° *Dirv.* O Ministerio de que me acho revestido me impõe este dever. Defensores do Alcorão, que o Profeta depositou em nossas mãos para o lermos aos povos, e explicar-lho, não podemos por mais tempo demorar a ceremonia do juramento, que deveis prestar com vosso esposo de manterdes em seu vigor o mesmo Alcorão, e seus sagrados Ministros. Kalib, he o primeiro Visir, e a elle deveis dar a mão de esposa...

Ellam. Nunca... nunca vereis hum tal sacrificio. Eu sempre o aborreci... e agora totalmente o detesto, e odeio.

Kal. Que dizeis, senhora? ...

Ellam. Verdades que não posso abafar no coração. Nem huma alma ingenua póde soffrer os ataques da impostura.

Kal. E assim insultaes os mestres da

nossa santa lei? Aquelles, que nos affiança huma prosperidade permanente?..

Ellam. Elles affiançam-nos essa prosperidade para firmarem a sua, á custa da nossa desgraça, e ignorancia. Não te admires Kalib, eu nasci Musulmana, bebi na infancia a falsa doutrina desse chamado Profeta; mas a convivencia de huma escrava christã, que morreo neste serralho, fez-me conhecer, não só a falsidade da lei de Mafoma; mas a impostura dos seus Ministros.

1.° *Dirv.* Ellamira tu blasfemas, e és criminosa..

Ellam. Se a verdade he crime, não sei o que seja virtude.

1.° *Dirv.* Fallas em virtude, e és a primeira a insultar os seus Ministros?...

Ellam. Não prosigas impostor.... Ministro da virtude?... Quem?.. Tu?.. Tu, que vens proteger o crime, para perseguires a innocencia?... Tu? Que auxilias a traição, para cimentares a tyrannia?... E chamas-te Ministro da virtude?... Oh Ceos! Se ella fosse servida por tal monstro, nem seria virtude, nem emanaria da divindade.

Kal. Supremo chefe dos Dirvichês, terminai a vossa missão; o povo junto na grande Mesquita espera a ceremonia, para tributar aos seus Sultões os applausos devidos. Eia, terminem-se questões odio-

sas, que servem só de exacerbar os animos. Seja Ellamira conduzida . . . a perda do objecto amado, he quem motiva a sua pertinacia. Vinde Senhora. . . .

Ellam. Nunca, já to disse: em vão intentas triunfar da minha constancia. . . .

Kal. Mas vêde que a vossa contumacia vos constitue ré, vêde. . . .

Ellam. Que dizes, Kalib? . . E quem será o temerario, que ouse accusar-me? . . Quem? . .

Kal. As leis vos condemnão, e os sacros Dirviches decretaráõ a pena, que merece quem insulta o Profeta, e posterga o Alcorão.

Ellam. E não te lembras de quem sou? . . Não te recordas do régio sangue, que pulsa nestas veias? . . . Não sou eu, filha do teu Senhor? . . . He com a minha infamia, que lhe pertendes honrar as cinzas? . . . Já esqueceste, que á sua credulidade deves as honras que disfructas, e o falso juz com que me pertendes victimar? . . E's hum ingrato, e nada te falta para seres hum monstro completo, a quem indevidamente adornão esses ornatos, que pertencem á honra. (1) E tu lobo disfarçado, féra, que te encobres com a lã dos cordeiros . . . já sabes meus sentimentos; e se de novo os queres escutar,

(1) Para os Dirviches.

ouve, e treme. Ellamira ama extremosamente a Azem, e só elle será seu consorte: nunca prestarei hum juramento, que a minha alma reprova, nem darei cultos á impostura. Nada mais tenho a dizer; podes retirar-te.

1.° *Dirv.* Não devo attender vozes, que nascem de hum coração apaixonado; e só cumprir o meu ministerio: Seguime Senhora, e não queirais, que empregue a força... Decidi.

Ellam. Tenho decidido: eu não espero de ti se não insultos, e attentados: e assim como as féras não gerão pombas; assim as furias não praticão se não violencias, e barbaridades.

Kal. Já he muito soffrer: Ministros o tempo insta, e vós sois responsaveis ao Profeta pela transgressão da sua lei.

1.° *Dirv.* Toda a demora he criminosa... Oreb, conduze Ellamira.

Oreb. Eu!?..

1.° *Dirv.* Sim, a ti compete como Dirviche inferior.

Oreb. Embora me pertença; mas nunca tal farei.

1.° *Dirv.* Que proferes?...

Oreb. O que sinto, e a natureza me ensina.

1.° *Dirv.* Oh raiva!... E tambem tu és dos sacrilegos, que nos insultão?... Tambem te associas aos rebeldes?...

Queres a quéda da Religião do Imperio? .. Queres? . . .

Oreb. Quero parecer o que sou. Não te exaltes, e escuta-me. Quando me votei a este ministerio foi para elevar as mãos aos Ceos em acto expiatorio, e não para as empregar com violencia no meu similhante: foi para prégar a paz, e não accender a guerra, foi finalmente para valer á desgraça.

1.° *Dirv.* Calla essa boca blasfema; suspende a torrente de tantos vituperios; não temes? . . .

Oreb. Nada, quando sou guiado pela razão: temer? . . . Quando pratico huma acção, que he concorde com o caracter que tenho? . . . Eu não sei como havemos exigir respeito, e veneração se não formos coherentes com o que prégamos? . . . Ser tyranno, e querer ser amado de quem se tyrannisa he hum impossivel na ordem natural. Em fim tu julgas, que Ellamira deve ser conduzida á Mesquita por força, e queres que eu seja executor desta violencia: agora eu digo-te, que o meu coração repugna, e que não posso praticar huma acção incompativel com o ministerio que exerço, e contraria aos sentimentos da minha alma.

1.° *Dirv.* Dirviches segurai o infame; ~~seu crime he publico~~, soffra ~~publica~~ pena, que atemorise os blasfemos. Es-

cravos, partamos para a Mesquita, e conduzi tambem a delirante Ellamira... Obedecei.

Os escravos não se movem, e só o sequito das Dirviches avança, e cerca Ellamira.

Ellam. Que vejo!.. Oh quadro espantoso!.. Tu me arrebatas, e firmas no meu pensar; tu para sempre me illuminas!... Estes, (1) que se julgão entes vís, e infames; estes de quem fallais com desprezo sabem respeitar-me, e não obedecem á voz do crime: e vós supostos divinos, e inspirados pelo Profeta fosteis os sacrilegos insultadores da Magestade!.. Ah! E como he certo, que o Monarca, que mais se liga ao povo mais firma, e estabelece o seu Thono!... Fugi perversos, ou temei, que os Ceos offendidos vinguem a offensa, que me fazeis: nem elles deixão impunes os que insultão os bons Monarcas.

(1) Apontando para os escravos.

SCENA VI.

Alimur, e os ditos.

Alim. ELlamira quem motiva o excesso das tuas vozes? . . . Mas que observo! . . . Sonho, ou vélo! . . . A tanto se atreve a perversidade! . .

Kal. E que direito tendes para tambem nos insultar? . . . Estrangeiro neste clima, ou deveis seguir seus usos, ou então ausentar-vos.

Alim. Sou estrangeiro, bem o sei; mas os sentimentos honrados são naturaes a todo o homem, e communs a todos os Paizes: defender a virtude, e exterminar a traição, he dever que sabem respeitar as almas sensiveis. *[Desembainhando o alfange.]* Senhora, eis-me em vossa defeza; este alfange deitará por terra os infames scelerados que vos insultão.

Ellam. Principe, louvo o vosso nobre exforço, nem menos se póde esperar de quem préza a honra . . . Mas hum raio de luz me esclarece o entendimento, e me vaticina o meu triunfo com a quéda do fanatismo. O Genio Bemfasejo, que véla sobre a sorte de Azem, prevenio-me para o combate, e affiançou-me a victoria. Dirviches, vamos á Mesquita,

eu vos sigo; mas não espereis que eu seja contraria aos meus sentimentos. Eu vou na presença de hum povo cego, e illudido mostrar vossos crimes, e fomentar a vossa destruição: possa ella ser de tal fórma, que desamparando a face da terra, nos abysmos se sepultem os fanaticos, e supersticiosos, que opprimem a humanidade. (1). Vamos.

SCENA VII.

Jacomo, Sallema, Zadige, e Izaure.

Zad. Não fuja senhor européo, não fuja.

Jac. Deixem-me raparigas . . . deixem-me, que já estou cançado de dar á tarramella: as mofinas fillarão-se-me no cachaço, e ainda me não derão descanço.

Sall. Ai! Não seja ingrato! . . Bem vê, que todas o estimamos . . . eu principalmente. . . .

Jac. E que me dizem á bixa cadella!?. . Ainda com vicios?... Déixeme mulher, deixe-me, que me assombra. . . E se me affligem muito, passo desde já a transforma-las em aves de rapina. . . .

(1) Vão-se todos.

Sall. Suspenda... senhor... suspenda... guarde as suas habilidades para os mofinos dos Eunucos.

Zad. Sim, divirta-se com elles; e para bem da humanidade, do nada que são faça-os alguma cousa.

Iz. He tal o odio, que lhe tenho, que não sendo elles nada, desejava, que fossem menos para nosso socego... Ora diga-me senhor Jacomo, pois parece-me, que assim lhe ouvi dizer, que se chamava: ha pouco nos contava V. m., que lá na sua terra as mulheres erão muito politicas, e que fazião huma cousa... Aí que me não lembra o nome... não te recordas Zadige?...

Zad. Ah! Sim, era... mi.. mi..

Sall. Olhem as patetas como vão esquecidas?... Mizuras, toleironas, mizuras....

Iz. He verdade mizuras... tenha paciencia, ensine-nos a fazê-las para o cumprimentarmos ao uzo do seu paiz.

Jac. Nada, agora não posso: quero primeiro procurar meu amo... elle sumiosse; e eu tenho medo que me deixe na esparrella, e se ponha ao fresco.... Elle sempre he moiro, não ha que fiar.

Tod. Ora que lhe ha-de fazer?...

Jac. ~~Fóra com a chiadeira!...~~ Está bem, oição, e tomem sentido... Lá na Europa temos duas qualidades de mizu-

sas... que vêm a ser, mizuras de senhoras, e mizuras de molheres.

Zad E que differença ha de mulheres a senhoras?... não he tudo o mesmo?...

Jac. Não, as Senhoras são mulheres compostas; e as outras são mulheres simplesses.

Iz. Não percebo.

Jac. Ahi vai mais claro: as senhoras tem dom, e as mulheres não o tem: em fim, fação de conta que he o mesmo que loiça de barro fino, ou loiça de barro groço...

Zad. Mas toda se quebra.

Jac. Isso he verdade... Ora tomem sentido: ahi vai mizura de mulher: assim; *[faz huma mizura, curvando-se muito, e abrindo as pernas]* tem visto?... Agora, ahi vai mizura de senhora... dásse hum abano á cabeça.... tor-se-se o nariz... e faz-se biquinho com a boca.... assim. (1) Penço que estão ensaiadas.... agora basta de lição, que vou em busca do senhor Azem. (2)

---

(1) Faz tudo como disse.

(2) Indo-se.

SCENA VIII.

Brites, e os ditos.

Brit. QUe desgraça!... Que desgraça!..... Tudo está perdido.

Tod. Então que he?...

Brit. O Serralho está azul... e os malditos Eunucos andão em busca do senhor Azem, para o matarem, por ordem que lhe deu o primeiro Vizir.... Elles não fazem senão jurarem pelas barbas do Profeta, que se hão de vingar de ti, pela pessa que ha pouco lhe pregaste... Jurão, e rejurão, que todas nós havemos de ser lançadas n'huma fogueira... Não ha, não ha desgraça como esta! (1)

Jac. E o senhor Azem já foi pilhado, e trancafiado?

Brit. Não; sumio-se, e não se sabe aonde está...

Jac. Vê?... He o que V. ms. fizerão com as suas lições de politica! Ora estou vendo que cáhio nas unhas destes caens... mas eu sinto espalhafato. (2)

Tod. São elles.... e tudo está cerdado....

---

(1) Chorando.
(2) Esperando.

Jac. Valha-me o seu poder, senhor meu amo!.. Bem sabe, que estes apertos são de ancias mortais!... Valha-me ao menos huma pontinha do seu lenço!!

SCENA IX.

Safim, Zellim, e poucos Escravos, e os ditos.

Saf. CErca tudo... Zellim, anda comigo: não te assustes... a elle...

Zel. Sim senhor.....

Saf. Tudo está cercado...; não nos pode escapar... Cobra animo... bem sabes, que ultimada esta diligencia, espera-nos huma grande recompença da parte do Vizir... anda, ali o tens: agora está seguro, e pelo muito que treme mostra que tem medo.

Zel. Sim senhor....

Saf. Vai tu primeiro, que eu fico de sentinella ás mulheres: chega-te, tira do alfange, zas, cabeça fóra....

Zel. Sim senhor....

Jac. (Aquillo he conselho, se heide ser frito, ou assado!... E meu amo sem fazer nada!... Está visto, chegou a hora da minha morte!....)

Saf. Tu a modo, que tremes?.. Não te assustes: lembra-te, que o Vizir disse,

que tudo, que elles fazião era fingimento.

Zell. He porque elle não provou da bixa: então sem mais ceremonia, zas, cabeça fóra. (1)

Saf. Sim . . . anda, que dado o primeiro golpe, cáhio-lhe em cima, e acaba-se com este patife profanador.

Zell. Eu vou, e Mafoma vá comigo. . .

[Vai pára Jacomo, e filla-o pelo pescoço.]

Jac. Ei-lo . . . e vem d'espada feita! . . Nasci na Hespanha para dar a casca na Moirama! . . . Já estou fillado . . . se meu amo me não vale, basta o susto para me matar.

Zell. Zas . . . cabeça fóra. . .

Ao tempo que vai a dar o golpe, transforma-se Zellim em hum grande macaco, voando-lhe o alfange, e fogem os soldados.

Jac. Viva o senhor meu amo, que ainda se lembra do seu creado. . .

Tod. Ai, que mono! . . .

Jac. He hum macaquinho de cheiro para as senhoras se divertirem . . . anda cá moleque . . . cué, cué, cué. (2)

[Zellim encaminha-se para as mulheres.]

---

(1) Tira o alfange.
(2) Arremedando-o.

Tod. Ai!... ai!... (1)

Sall. Oh senhor, que desfaz gente; mande este mono embora... ai!.. ai!.. que me morde!...

Saf. Estou estupefacto! E que pedago de orangutango! Não sei o que faça! Antes que elle me transforme em burro, vou-me safando... peior he esta, que estou pegado...

Jac. Então que he isso?.. Não anda?..

Saf. (Agora começa o maldito comigo! Oh quem lhe poderá tirar as guélas.

Jac. Olhe, aqui tem o seu companheiro... faça-lhe huma festa...

Saf. Pobre homem!... He o primeiro mono Eunuco, que apparece no mundo... Tenha compaixão...

Jac. O que! compaixão? Quando me querião cortar a cabeça!.. Eu me vingarei cão damnado: e para te desesperar, vê o meu triunfo, e morde-te. Venhão comigo raparigas... Brites, dá cá o braço, e vamos fazer súcia; senhor moleque venha a traz; mas nada de macaquices: sem ceremonia meu senhor, deixe-se estar... Ora pois, dou-lhe licença que se mova dahi, senhor estafermo... mas em breve será comprimentado pelos meus servos.(2)

---

(1) Fugindo.
(2) Com basofia.

Vai-se dando o braço a Brites, e todas as mais, Sellim atraz.

Saf. Como eu posso mover as pernas, e dar á gambia, não espero pelos creados, que todos hão de ser da fabrica infernal. E que não haja hum diabo moiro, que bata aquelle diabo europeo! .. Ah! que se chego a pilha-lo descuidado metto-lhe este alfange até aos punhos!.. Vou-me daqui... que fallando sério estou muito afflicto...

Vai a andar, e pelo sitio por onde se quer recolher sahem chammas, que o impedem.

Mão!... Temos fogo de vistas!.. Pois de certo principia a função!.. Vamos para cá, que este horisonte está muito esquentado. [*Outra chamma da mesma sorte.*] Peior! Já vejo que isto não he casa, he forja de ferreiro pelas lavaredas que deita... Então por onde heide eu sahir?.. Não ha hum aperto como este!.. Vejamos se sahindo de mancinho, escapo desta fornalha.

Vai a andar, e transforma-se hum assento n'huma furia.

Agora minhas ancias!.... Ahi che-

gou o acompanhamento, e isto he signal de enterro!.. E que carantonha tem o tal sugeito!.. O patife tem cara de usurario!... Eu vou-me daqui, dê por onde der.

Transforma-se o outro assento em hum esquelêto com huma espada de fogo.

Misericordia, senhor Mafoma. (1) Misericordia!... Lembre-se da minha insufficiencia... bem sabe, que sou hum pobre velho, com quem inquisillárão desde pequeno...

Mudão as transformações para assentos, ficando como dantes: ao estrepito diz Safim:

Ai!.. Que se acaba o mundo, e eu já cahi no inferno.

(1) Cahindo no chão.

SCENA X.

Brites, e o dito.

Brit. SEnhor Safim ? . . Senhor Safim ? . .

Saf. A voz he de cana rachada. . .

Brit. Que tem ?... Levante-se, e olhe para mim. . .

Saf. Tão asno sou eu ! . . He a mulher do diabo, que me vem tentar . . . julga que sou hum, e eu sou outro, pois perde o seu tempo.

Brit. V. m. enlouqueceo ? . . Ande, levante-se.

SCENA XI.

Barbuk, e os ditos.

Barb. AOnde estará este homem ! . . Que he isto !

Saf. Chegou o diabo mais velho . . . agora não ha remedio, se não fazer sucia. . . (1) E o maldito tem bom pasto, porque está gordo. [*Levanta-se, e fica pasmado mirando a Scena, e reparando*

(1) Olhando para elle.

nos Actores, que ficão fazendo o mesmo.] Esta agora he nova! .. Estaria eu sonhando! *[Esfrega os olhos, e torna a miralos.]* Ora digão-me . . . Vossas mercês são os mesmos?

Barb. O homem endoideceo.

Saf. Pregunto: são quem são? . . ou armadilhas diabolicas, que me perseguem! . . .

Barb. Deo-lhe volta o miollo, está dito.

Saf. Fallem, digão se são de carne, e osso; ou fantasmas.

Barb. Eu não o entendo; e só lhe digo, que veio huma ordem do senhor Kalifb, para o conduzir á Mesquita. . . .

Saf. Mas á Mesquita grande, ou á pequena?

Barb. A' grande; e eu lho vinha participar; porque assim mo mandou o Visir, que o anda procurando. . .

Saf. Temos arenga. . . Oh rapariga, dize-me, e aquelle sugeito, que vira gente, como quem vira folha, onde está? . .

Brit. Desappareceo ao mesmo tempo, que Zellim tornou á forma de homem. Ande, havie-se, que a ordem he com pressa: parece que Ellamira quer, que todos assistão ao seu juramento.

Saf. E faz bem: quer que todos oição, para desmentir o ditado, que quem mais jura, mais mente. . . Ora vamos lá,

e o Profeta permitta, que seja para bem ... mas duvido. (1)

Brit. Elle tem razão para desconfiar, que os logros não tem sido poucos. (2)

Barb. O homem desde, que lhe deitárão as bixas, ficou atolleimado; eu mesmo não estou muito bom. (3)

MUTAÇÃO I.

Grande Mesquita com Ara no centro, que transforma, é hum grande candieiro.

SCENA XII.

1.° *Dirviche*, 2.° *Dirviche*.

1.° *Dirv.* O Reb, a tua juventude me obriga a entregar ao esquecimento os discursos blasfemos, que a irreflexão te fez proferir: mas advirto, que se queres a tua existencia, não offendas o Profeta; nem exacerbes mais o meu rancor.

2.° *Dirv.* Se o Profeta se offende com os sentimentos de humanidade, a sua virtude he quimera, e nós estamos illudidos com a sua doutrina.

---

(1) Vai-se.
(2) Vai-se.
(3) Vai-se.

1.° *Dirv.* Já vejo, que és incorrigivel: embora, nutras esses sentimentos; mas abafa-os cautelosamente, que nem apenas transpirem na presença do povo.

2.° *Dirv.* E porque? . . . Acaso não he ao povo, que devemos espalhar a semente de huma doutrina pura? . . Não he isto para que somos mantidos? . . .

1.° *Dirv.* Devemos inspirar-lhe amor ao Profeta, e respeito aos seus Ministros. A nossa religião nasceo com sangue, cresceo com elle, e o sangue he quem a deve manter . .

2.° *Dirv.* Tu me horrorisas, supremo Dirviche, e enches a minha alma de pavor! Deixa que te expresse o que sinto. Religião, que necessita de derramar sangue para se manter, não he religião, he tyrannia: com sangue não se ganha affecto, e amor; ganha-se odio, e aversão.

1.° *Dirv.* Tu deliras; não mais te quero escutar: mas lembra-te, que se esses sentimentos se espalhassem, tu verias por terra os altares, que te sustentão, e serias olhado como hum fanatico impostor. O rigorismo he a nossa divisa.

2.° *Dirv.* Por isso a impostura he a nossa companheira.

1.° *Dirv.* Já te disse, que occultasses esses sentimentos, ou então a tua cabeça responderá pela segurança dos nos-

sos altares. *[Ouve-se musica religiosa ao doptada ao caracter.]* Mas Ellamira, e o Grão Visir já entrão na Mesquita. Segue-me, vamos recebellos. .. (1)

SCENA XIII.

Ao som de hum coro religioso vem entrando o acompanhamento de escravos, mulheres do serralho, e grandes do Reino, Dirviches; tudo em ordem, como disser o habil ensaiador. 1.° Dirviche, 2.° dito, Ellamira, Kalib, finalmente todos os actores menos Azem.

1.° *Dirv.* SAgrados Ministros de Mahomet, Escravos, Grandes do Imperio, e vós Povo, prostrai-vos com reverencia: adorai oh crentes com respeito o grande Mafoma nosso Profeta.

Ajoelhão, menos Ellamira, virando-se para o sitio onde se figura Méca, que sempre se julga do nascente. Pequena musica de adoração.

1.° *Dirv.* Levantai-vos. Preparai os animos para o prazer, neste dia augusto, em que a filha do nosso Rei vem derramar entre vós as esperanças de huma im-

(1) Vão ao encontro.

mesma felicidade. He neste recinto, que unindo-se ao virtuoso Kalib, vai por hum solemne juramento...

Ellam. Suspende, oh Dirviche, suspende. Oução-me todos. Ouvi-me Povo cego, e fasciuado. Eu sou a filha do Rei de Ormuz, sou a legitima herdeira do seu Throno; mas não sou Muzulmana. Saibão todos que sou christã. [*Todos se espantão.*] O vosso espanto he natural. Longo tempo existi no erro; mas o Ceo determinou, que huma escrava christã me abrisse os olhos, collando a minha felicidade pelo Baptismo. Instruida desde então na verdade, já sei differençar religião do fanatismo: a primeira he necessaria, e santa; o segundo perjudicial, e chimerico, que embota a razão, e alimenta a impostura. Desejei guardar este segredo, para não accender o odio daquelles, que á sombra de hum fantasma fártão a sua ambição, e protegem a tyrannia. Mas já não he tempo: exigisse que eu dê a mão a Kalib, e com elle suba ao throno: ainda se quer mais: pertende-se, que eu jure manter huma falsa religião, e a felicidade dos seus Ministros: nada disto he compativel com os meus sentimentos; nem eu já mais serei prejura. Eu renuncio o Throno, quando os degráos por onde devo a elle subir, são o prejurio, a traição, e a tyrannia; nem estas bases jámais po-

dem manter o soberano lugar em que só deve rutilar a virtude.

Kal. Que fazeis, Senhora? . . .

Ellam. Hum acto espontaneo filho da minha alma sincera.

Kal. Vêde, que perdeis as honras. . .

Ellam. Honras sem virtude são fantasmas: he ferro doirado, que apenas brilha, mas não tem valor intrinseco.

Kal. Quereis obedecer em vez de reinar? . . .

Ellam. Reinar sobre entes desgraçados, não he felicidade, que encante; he flagello para as almas sensiveis: nem eu sei que possa haver prazer, quando se geme, e se ouve arrastar vergonhosos ferros.

1.º *Dirv.* Vêde Senhora, que apostatando da nossa crença, chamais sobre vós os raios de huma severa justiça.

Do centro do altar sahe rapidamente Ahem.

SCENA XIV.

Azem, e os ditos.

Az. EXulta Ellamira, exulta que não tarda o nosso triunfo.

Ellam. Oh Ceos!... E's tu Azem? *[Correndo para elle, e abraçando-o.]*

Az. Sim, e em teu amparo, escudado pelos Ceos.

Kal. Que audacia!...

Alim. E quanto he poderosa a virtude!...

Saf. Chegou o politiqueiro, e começão as habilidades.

Barb. Calle-se... que póde embirrar com a gente. Como enquisilou com os grandes, talvez se esqueça dos pequenos.

1.° *Dirv.* (1) Temerario!... Vens com teus artefícios interromper hum acto augusto!!.. Acaso pensas, que nos illudes? Assás estamos prevenidos, para que possas triunfar.

Az. Hei-de triunfar, sim, hei-de triunfar: a victoria será espantosa, e a tua confusão, e vilipendio advertirá os incautos, vendo patentes os teus crimes.

Kal. E falla em crimes quem he jul-

(1) Para Azem.

gado réo? Ministros o desacato he evidente, por si mesmo se prova; que esperais, que não punís o sacrilego? O Profeta vo-lo apresenta, apoderai-vos delle, e soffra a pena.

Az. Alma ferina, parto de furias, germen de enganos, e traições, escutame, e treme. Sanguinario monstro, se queres sangue, terás sangue, e tanto que te afogue a existencia: mas primeiro escuta a verdade, que foi, e será sempre o flagello dos soberbos. Povo de Ormuz, ouvi-me attento, e reparai nos quadros que vou apresentar-vos. Aqui tendes hum poderoso, que devendo ser o sustentaculo da Justiça, tem sido a origem de caballas, e oppressões: olhai para o lado opposto: que vêdes?... Homens, que se dizem santificados; que vos apresentão hum rosto de piedade: mas nutrem sentimentos de féras: homens, que não sendo fiéis ás vozes da natureza, calcão aos pés deveres sagrados, para fartarem sua ambição: rigoristas com todos, e assás tollerantes comsigo. Vêde mais este Joven, (1) que illudido tributa adorações a huma falsa divindade, mas como não aprova traições, e he sensivel aos gritos da desgraça; como os seus labios são o orgão do que sente o seu coração;

(1) Para o 2.º Dirviche.

e sua alma sem remorços goza da candura, com que a natureza brinda a todos. Não duvideis do que vos digo: eu vou já auxiliado pela virtude, mostrar-vos a verdade: Vêde, abri os olhos, que vos vendárão, aborrecei o crime, e amai a virtude.

Grande trovão, relampagos, raios, e chuva de fogo, que tudo escurece. O altar muda para a boca d'hum grande Dragão infernal, que lança chamas, ficando dentro o 1.° Dirviche, transformado em furia, e encadeado: elle fica de rojo entre as chammas na maior desesperação: todos os Dirviches mudão para furias com faxos. O 2.° Dirviche muda para huma vestimenta branca, simbolo da pureza da consciencia. Lembro, que para ser mais facil, durante a chuva, podem os Dirviches ser substituidos por Comparças já vestidos de furias. A Scena toda deve representar hum antro medonho, e infernal: durante isto, ha musica horrivel de furias.

Tod. Que horror!...

Az. He a quéda do fanatismo, e o triunfo que sobre elle alcança a virtude. Aqui tendes o emblema da verdade; ella sempre tem hum caracter de candura no centro do horror, e da ignorancia. Reparai, e vêde os entes, que se inculca-

vão pacificos; aquelle morde raivoso os ferros, que não póde quebrar, as chammas lhe abrasão o peito, e quizera fartar sua desesperação com a vossa desgraça. Conhecei-os, e temei-os... Morde-te vibora, escolho da innocencia, que abusastes de hum povo crédulo; esbraveja, espuma, e brama ... remorde esses ferros, com que pertendias agrilhoar os humanos; e seja a tua sorte a que pertença aos hypocritas, que nos cercão, e opprimem com desprezo dos Ceos, e flagello da humanidade. (1)

(1) Panno abaixo.

ACTO III.

Gabinete no serralho: meza, e almofadas.

SCENA I.

1.° *Dirviche, e Kalib.*

Kal. NAda mais nos resta a soffrer: o meu orgulho se exaspera, e só a vingança me será grata. Supremo *Dirviche* no vosso rosto descubro signaes evidentes do odio, que vos abrange o peito. Fallai, dizei se consultastes esse sabio Mago, a quem vos dirigistes?

1.° *Dirv.* Sim Visir; eu consultei a Abderraman.

Kal. Póde elle acaso terminar tantos insultos?...

1.° *Dirv.* Não: eu lhe expuz os espantosos prodigios, que Azem praticou; e sua resposta nada favorece os nossos intentos.

Kal. E como?...

1.° *Dirv.* Elle se expressou nestes termos misteriosos. Só a morte ha-de findar os vossos tormentos.

Kal. Numes!... Que escuto! Só a morte ha-de terminar esta luta horrivel?...

1.° *Dirv.* Assim se expressou Abderraman, e logo se retirou sem aclarar o mysterio.

Kal. (1) Sim... a morte he o termo de todos os males:.. mas se combino as palavras do Mago, a minha idéa me inclina, a que elle com esse oraculo nos quiz incitar a dar-mos morte ao nosso rival... Sim, não tenho, que exitar.. Abderraman exige a morte de Azem, e com ella triunfaremos. Dirviche, tentem-se todos os meios, e lancemos mão das astucias.

1.° *Dirv.* Fallai, e serei prompto executor dos decretos daquelle, a quem desejo tributar cultos de Soberano.

Kal. O fingimento he a arma, de que devemos lançar mão. Desappareça do vosso rosto a raiva, e concentre-se toda no peito. Apresentai-vos a Azem, e figurai que convencido de suas doutrinas pertendeis ser seu sectario: pedi-lhe perdão; appareção em vossos olhos lagrimas, que o incitem á piedade; e quando commovido, vos acolher em seus braços, cravai-lhe no peito duro punhal, que lhe usurpe a vida. Tendes valor para tanto?... Fallai.

(1) Reflexionando.

1.° *Dirv.* Não duvideis, que seja capaz de cumprir os vossos designios. Eu não sou menos offendido do que vós: e se lhe desejais a morte, eu mil lhe déra, em desaggravo dos insultos que tenho soffrido. Eia, Senhor, eu parto ao combate, e o resultado delle, será a prova do interesse, que tomo na vossa felicidade.

Kal. Sempre vos quero lembrar, que o seu poder he apparente, e fantastico.

1.° *Dirv.* Mas a morte, que lhe destino será verdadeira. Ao combate, que o tempo foge, e he precioso. (1)

Kal. Este infame, que a ambição chama ao meu partido, he o simbolo da perversidade. Elle não desfructará a gloria do seu triunfo: saberei extingui-lo; porque assim como se promptifica a servir-me n'huma traição, não duvidará cavar a minha ruina, se novas esperanças de premio o induzirem a perder-me. Tal he o caracter dos pérfidos mercenarios, que se vendem ao crime. Elles são precisos á traição; mas a mesma traição os deve temer, e vigiar para não ser victima da sua inconsequencia. (2)

---

(1) Vai-se.
(2) Vai-se.

SCENA II.

Jacomo, e Brites. Jacomo traz comsigo, e á vista o lenço de Azem.

Brit. Não tens, que me dizer: eu bem te vi aos coxixollos com Zadige.

Jac. Não te esquentes com isso minha serigaita. He que eu queria, que ella me desse huma lição de lingua Moira.

Brit. O que você queria sei eu.

Jac. Nunca perdeste esse genio ciumento... Deixa-te de asneiras. E que obrigação tenho eu, de lhe dar satisfações dos meus amores?... Eu não lhe devo nada.

Brit. O que?... Já se não lembra do que em Hespanha me prometteo?.. Não me disse, que eu só seria sua? Não jurou...

Jac. Isso forão juramentos em Hespanha, que não tem valia na Moirama. Mulher, por ora lembra-te, que não podemos fazer nenhum arranjo; nem mesmo sabemos o fim, que isto ha-de ter. Quem sabe se ficaremos em Ormuz, ou... mas espera que ahi vem o velho Safim, e o seu digno companheiro... Vou-me divertir com elle: como tenho aqui o lenço, com que meu amo faz as habilidades, quero pregar-lhe huma pessa tremenda.(1)

(1) Pegando no lenço.

Brit. Espera, deixa vêr. (1)

Jac. Nada, nessa não caio eu... Quem sabe se elle perderá a virtude em mãos de mulher?.. E, mesmo estou admirado, como esqueceo ao senhor Azem no quarto de Ellamira!.. Lá he que eu o achei: certamente lhe cahio com a barafunda.... e o homem hà-de andar doido por elle: mas elles chegão.

Brit. Pois fica com elles, que eu retiro-me.

Jac. Não tenhas medo, que ficas invisivel... Olha, espera. (2) Agora deixa-os entrar, que os has de ver, sem que te vejão.

SCENA III.

Safim, Zellim, e os ditos. Safim traz huns pratos com comer.

Saf. ANda para aqui Zellim... põe esses cúscús sobre essa meza...

Zell. Sim senhor.

Saf. Vejamos se podemos comer alguma cousa com descanço... Os sustos que tenho apanhado, e a fraqueza em que estou, he capaz de acabar de todo com este resto de humanidade...

(1) Querendo pegar no lenço.
(2) Dá ao lenço.

Zell. Isto está prompto, e nada de demoras, que póde vir o diabo, e querer fazer sucia.

Saf. Tens razão.

Jac. Eu já cá estou.

Saf. O que? ! . . (1) Oh Zellim tu disseste alguma cousa? . . .

Zell. Quem? . . . eu? .. Nada, eu não fallei.

Jac. Fallou, sim senhor. *[Tocando na orelha de Zellim.]* Fallou. . .

Zell. Valha-me o Profeta ! . . . (2)

Jac. Então não se sentão ? . . ah . . . ah . . . ah. .. (3)

Saf. Oh demonio ! Tu riste ? . . . Não vês a afflição em que estou ? . . . (4) Isto agora he demais. . . Não te divirtas comigo, senão. . . . (5)

Zell. Se não o que ? . . .

Brit. A scena está galante. . . ah . . . ah . . . ah. . . (6)

Saf. *[Muito incolerisado para Zellim.]* Está galante ! Está galante, patifão ? . . .

---

(1) Admirado.
(2) Assustado.
(3) Rindo muito.
(4) Jacomotoca-lhe na orelha.
(5) Toca-lhe Jacomo outra vez.
(6) Rindo.

SCENA IV.

Barbuk, e os ditos.

Barb. QUe desordem he esta, senhor Safim? .. Para que grita?

Saf. Ah! era você o patife, que se divertia comigo? . . .

Barb. Eu? ! ! . .

Zell. Era V. m. o sugeito dos pipáro-tes?

Barb. Vossas mercês estão doidos? .. Nem eu sei o que dizem. . . Ouvi gritar, e vim acudir.

Saf. Sim senhôr . . . pois não! ! . . O que a você lhe vale, he ser da comitiva do Principe de Bassora, quando não. . . Vamos comer, Zellim. (1)

Zell. Vamos lá: o tál amigo tem graça. (2)

Barb. Estou desenganado, que perdêrão o juizo. . . Mas digão. . .

Saf. Nada de conversas; vamos comendo. [*Sentão-se os dois, e principião á comer.*]

Jac. Então Vossas mercês não tem, quem os sirva? . . .

---

(1) Vai para a mesa.
(2) Vai para a meza.

Saf. Sim, falla para ahi.

Zell. Quer brincar! . . .

Jac. Não he justo, que tão grandes personagens não tenhão hum pagem, que...

Brit. Oh certamente!

Saf. E, como o maganão finge vozes diversas!

Barb. Oh malditos! Não me fação desesperar. Eu he verdade, que sinto hum zum, zum; mas não sou, não sou eu...

Saf. Já me não embassas . . . bem te conheço. Se eu sempre inquisilei com aquella botija sem gargallo.

Jac. Appareça o senhor Siniapá-petida-fum... *[Dá ao lenço, e sahe d'hum alçapão hum pigmeo, que vai logo pôr-se ao pé de Safim.]*

Saf. Que embrulho he este? . . (1)

Zell. Pela porta não entrou elle.

Barb. Isto he algum pequeno, que sahio da escola, e vem agora divertir-se com a gente.

Saf. E como elle me procura!.. Vai-te daqui rapaz.

Zell. E não falla! . . .

Barb. Dê-lhe hum piparote, que logo se vê livre delle.

Saf. Amigos, vamo-nos daqui: porque isto he algum diabinho, filho do dia-

(1) Levantão-se, e o pigmeo sempre anda ao pé de Safim.

bo mais velho, que vem em busca do pai, que não póde tardar.

Os dois. Sim senhor. *[Vão hindo, e o pigmeo segue sempre Safim.]* E que me dizem ao amor da creança? ! . Em? . .

Barb. Oh homem, quem sabe se este pequeno he cousa que lhe pertença? . .

Zell. Talvez, que seja seu filho, sem que V. m. o saiba: póde ser. . .

Saf. O que dizem, alarves? Onde virão vocês hum Eunuco com filhos? *[O pigmeo muda para gigante.]* Então que he isto! . . . Ai! (1)

Barb. He a pessa da amostra, que se está desenrolando.

Zell. E como elle cresce! . . .

Saf. He hum sugeito elastico, que encolhe, e estende segundo as precisões. Hoje tudo são fenomenos. . . . E' como se impertiga! . . Sabem que mais, eu vou-me do serralho para fóra, vou esconder-me, e não ponho mais aqui os pés, em quanto o Profeta não metter lá bem nas profundas estes diabos, que nos perseguem. Tudo isto he castigo dos desaforos, com que se tem profanado a habitação da pureza.

Hindo-se dá com Jacomo, e Brites, que devem estar á porta por onde se marcar a sahida.

(1) Fugindo.

Jac. Alto. *[Dando ao lenço.]*

Saf. Elle comigo. . .

Zell. Chegou ! . . Pois não escapo de mono.

Barb. He este o sugeito dos encantos ?..

Saf. Este he o substituto, que o Lente deixou em seu lugar.

Jac. Não tremão illustrissimos Camafeos.

Os tres. Illustrissimos Camafeos ! ! . .

Jac. Sim, não tremão, que estão debaixo da minha protecção. E se a querem merecer ; se não desejão ser victimas da cólera desse monstruoso gigante, ajoelhem, e venhão beijar-me a mão, e a da minha cloris.

Saf. Esta agora he peior ! ...

Zell. (Oh senhor Safim ? . . Não vê ?)

Saf. (O que ? . . .)

Zell. (O lenço, que elle tem na mão.)

Saf. (Isso vejo eu.)

Zell. (Pois dalli, he que tem sahido todas as patifarias, que nos tem feito.)

Saf. (Oh quem lho poderá pilhar !)

Jac. Então fazem que não ouvirão ? . .

Saf. (Não, não ouvi ? . .) Meu senhor, nós promptamente teriamos . . . mas este seu criado está-me inquisilando, se o mandasse embora... (Vejamos se cahe)

Brit. Sim, meu Jacomo, faze que se retire : usa do teu poder.

Jac. Teve boa madrinha. Senhor Si-

niapá-peti-da-fum, vamos, encolha-se. [*Dá ao lenço, e o gigante fica em pigmeo.*]

Zell. (1) Em?.. Então não lho dizia eu? Alli tem a melgueira das cambalhotas.

Barb. (Em fazer, e desfazer he muito habil.)

Saf. (Se lhe pilho o tal lenço, dou pulo de alegria.) Oh rapazes, andem a traz de mim, e agradeçamos a tão bom senhor a sua protecção... Assim, assim em ordem. [*Arranjando os dois vai a andar, e contempla o pigmeo.*] Oh senhor, que vira gente, mande retirar este pequeno... Isto he hum acto sério, que não admitte creanças...

Jac. Attendendo á humildade com que pede, será satisfeito; se for do agrado desta Princeza.

Zell. (Princeza! Já nós lá vamos!..)

Jac. Então Brites, queres que se retire o senhor Siniapá?...

Brit. Sim, acabemos com isto, que não sei, o que me advinha o coração.

Jac. Não tenhas medo pequena, não vês o lenço?... Ora pois retire-se, e volte ao seu aposento. [*Dá ao lenço, e some-se o pigmeo.*] Agora continúe o cortejo, que eu vou receber as suas homenagens.

---

(1) Para Safim.

Senta-se; e Brites nas almofadas, e a meza transforma em hum pavilhão.

Barb. (Eu estou de boca aberta!... Olhem o que aqui vai!..)

Jac. Principie o beija-mão, e beija-pé....

Saf. Vai adiante, Zellim....

Zell. Nada, vá o senhor Barbuk.

Barb. Os respeitos não se perdem... Primeiro o senhor Safim... Sempre he chefe dos Eunucos.

Jac. (1) Haviemos senhores... quando não....

Saf. Já vamos... já vamos. (Oh Zellim; olho vivo para me acudirés no caso de afflicção.

Vai caminhando para lhe beijar a mão ajoelha, e Jacomo toma hum ar de gravidade.

Saf. Com o maior acatamento se prostra o nada aos pés do tudo.

Figurando sempre não perder o lenço de vista, que Jacomo tem na mão: estando elle como elevado nas homenagens, que se lhe fazem.

Eis-aqui o apoquentado Safim, que

(1) Muito forte.

escorregando como hum safio... *[Tira-lhe o lenço, e levanta-se vindo para a scena.]* Ei-lo aqui, amigos, ei-lo aqui...

Jac. [Levantando-se, vindo para elle muito afflicto. O pavilhão muda para a meza.] Ah sou patife, dê cá o lenço, se não...

Saf. Já lhe não tenho medo; sou melcatrefe.

Brit. Está tudo perdido: eu sempre assim o pensei... Fujo, antes que me pilhem. (1)

Zell. Oh senhor Safim, veja se em desforra de elle me transformar, o converte em tobarão, ande...

Saf. Nada, primeiro he preciso segura-lo... lancem-se a elle; filla, filla.

Jac. Não venhão; olhem que chamo por meu amo.

Gen. dentro. Já te não póde valer: o teu descuido perdeo a ambos.

Jac. Ai que esta he a voz do homem barbudo! *[De joelhos para o lado donde sahio a voz.]* Senhor, tenha compaixão de mim; não queira que eu seja devorado por estes milhafres.

Gen. dentro. A tua imprudencia deve ser punida: e ahi te entrego aos teus inimigos.

[Os tres segurão a Jacomo.]

---

(1) Vai-se.

Saf. Está pilhado, sou tratante.

Barb. Eu cá não largo...

Zell. Nem eu... Então, mude-me para mono, ande sou patifão...

Jac. Ora tenhão piedade de mim... tudo isto tem sido por brincadeira...

Saf. Pois brincando vais ser espatifado: juro que eu mesmo com este alfange, te hei-de cortar a pontinha da lingua.

Barb. A elle, senhor Safim; faça de carrasco, ande...

Zell. Nada, primeiro ha-de ser transformado em tobarão, e bote-se ao mar.

Saf. Isso he asneira... segurem-no, que eu o vou converter em camello.... *[Dá ao lenço imitando Jacomo, e o lenço arde.]* Ai que me queimo!

Zell. *[Segurando sempre Jacomo.]* Oh patife, você ainda he pelotiqueiro?... Pois com este alfange....

Barb. Espera, não mates o homem. O melhor, he leva-lo ao Grão Visir...

Saf. Diz bem... Venhão comigo... Marche para diante, senhor diabo da Europa... Agora veremos o seu poder: marôto: Zombar de hum chefe dos Eunucos!.. Deitar-me bixas! Patife!...

Jac. Não ha remedio!.. Hoje he o ultimo dia da minha vida.

Saf. Vou entrega-lo ao Visir, e depois espatifar as mulheres do serralho: hoje saberão quem he Safim: hão de hir

á dependura em honra do Profeta, e venha gente nova, que esta está toda profanada: marcha. *[Vão-se conduzindo Jacomo muito afflicto.]*

Jac. Oh pobre de mim!... (1)

SCENA V.

Azem só, e afflicto.

Az. PArece-me ouvir a voz de Jacomo? Quizera fallar-lhe. Onde perderia eu o thesouro, que o meu Genio Divinal me concedeo?.. Oh! Ceos, eu tenho bem presentes as suas fallas: elle me vaticinou, que seria preza dos meus contrarios no momento, em que o perdesse! O meu coração palpita com desusado excesso!... Não sei, que futuro horrivel me vaticina... Mas que vejo! O primeiro Dirviche se encaminha para este sitio; que pretenderá?...

(1) Vai-se.

SCENA VI.

1.° *Dirviche*, e o dito.

1.° *Dirv.* Não te admire, portentoso Azem, a minha presença: eu sei que me deves aborrecer; mas estou certo, que se me attenderes, has de benigno acolher-me. (Impostura, não me desampares!)

Az. E que pretendes de mim?... Falla.

1.° *Dirv.* Sim, eu te satisfaço.. (Tremo de susto... e os meus labios mal podem articular palavra.) (1)

Az. Tu me pareces perturbado... Continúas a tremer?.. Quem te motiva esse pavor?...

1.° *Dirv.* He o arrependimento.

Az. O arrependimento não causa esses terriveis effeitos, que me assombrão. Eu leio no teu rosto signaes de traição; e huma voz occulta me está dizendo, que he a perversidade, e não a virtude, quem te conduz. Ou falla livremente, ou sahe da minha presença.

1.° *Dirv.* Não te inflames, Azem. E se te dizes tão sensivel, como te atreves a julgar dos homens só por huma simples apparencia do rosto?

(1) Tremendo.

Az. Porque elle he hum espelho, em que reverberão os bons, ou máos sentimentos da nossa alma: porque assim como a agua perde o seu cristal, quando se extagna em lodo; assim o nosso rosto perde a candura, quando a alma he corrompida: mas eu quero mostrar-te que não sou tão severo como pensas; e se o teu arrependimento he verdadeiro, eu sou homem sensivel para te acolher nos meus braços.

1.° *Dirv.* (As suas vozes, são setas penetrantes que me ferem!...) Generoso Azem, teus nobres sentimentos me inflamão, e já conto com a tua amizade. Os prodigios, que tens praticado só podem emanar de huma verdadeira divindade... Rasgou-se a venda que me cegava, e vejo a verdade em todo o seu esplendor.

Az. Que dizes?...

1.° *Dirv.* O que sinto, e por mais tempo não posso occultar....) O infame acredita-me; certa está a minha victoria.) (1)

(1) A' parte.

SCENA VII.

Alimur, e os ditos. Alimur entra, e suspende-se á vista do Dirviche.

Alimur. QUe vejo!.. Azem, e o Dirviche!.. Aqui ha traição: occulto a saberei prevenir. (1) *[Occulta-se.]*

1.° *Dirv.* Não duvides, Azem, não duvides da minha conducta: ella he sincera: estes sustos de que me vês combatido; os tremores, que me assaltão, nascem do conhecimento que já tenho dos erros commettidos, quando me associava ao crime, e perseguia o homem recto, e favorecido do Ceo.

Alim. Será possivel? (2)

1.° *Dirv.* Confundido, e envergonhado venho manifestar-te os meus sentimentos, e chorar a teus pés, para que me perdoes os insultos que te dirigi, quando sem reflexão favoneava os projectos do pérfido Kalib. (3)

Az. Levanta-te.... (4) Levanta-te: esse aviltamento não me apraz: elle só he grato ao homem soberbo, e afflige as al-

(1) A' parte.
(2) A' parte.
(3) Ajoelha.
(4) Levantando-o.

mas sensiveis. Quero acreditar-te: e para dar huma completa alegria ao meu coração; para bem demonstrar-te o meu jubilo, deves já com espontaneo juramento abjurar a falsa lei de Mafoma, e a tyranna escravidão, com que opprimes estes povos: jura, que seguirás o christianismo, publicando a impostura dos teus sectarios. . . . Duvídas?. . . .

1.° *Div.* Eu!.. (Tudo me he licito para alcançar o fim que desejo.)

Az. Decide. . .

4.° *Div.* Sim, eu juro aos Ceos seguir as tuas maximas. (Em pouco conhecerás o resultado deste juramento.) (1)

Az. Olha, que as tuas vozes soárão nas abobedas celestes, e o Ceo a quem invocastes, como garante dos teus protestos, pune os perjuros, e protege os mortaes, que não profanão os labios com refalsadas promessas, que illudem os humanos, e offendem a Divindade. E para te provar, o quanto me he grato o homem arrependido; esquecendo offensas, e subplantando o odio, e o rancor, vem, e entre os meus braços, unido ao meu peito, aprenderás a sentir as emoções da sensibilidade; vem.... (2)

1.° *Div.* Sim; e nelles morre perverso.

(1) A' parte.
(2) Abrindo-lhe os braços.

Vai a ferilo; mas he suspenso por Alimur, que tem escutado esta Scena: o Dirviche durante a falla de Azem, deve ter-se prevenido do punhal, que traz occulto, e sempre com cautela, mostrando receio: o habil ensaiador regulará melhor isto. A surpreza he geral.

Alim. Suspende.

1.° *Dirv.* Oh raiva!...

Az. Que vejo!...

Alim. O crime perseguindo a virtude: e esta salvando a honra, e o merito das garras da traição.

Az. Tremes, perverso?!. Hypocrita damnoso, que parto infernal te lançou ao mundo?... Tu não procedes dos homens: fostes gerado pelos crimes, concebido pela traição, e sucastes o veneno das viboras, a quem te assemelhas. Dourado com essas vestes, illudes; e por isso tantas victimas oppressas, chorão os damnos que lhes causas.

1.° *Dirv.* Eu desespero! Alimur, que astro maligno vos conduzio tambem a Ormuz, para apoiardes tantos insultos, e blasfemias?... Na presença do Profeta sois tão réo, como Azem.

Az. He réo no tribunal da tua impostura; mas he justo, e estimado por aquelles que présão a candura, e a verdade. Oh mundo, vê esta féra, que com a

mascara de hum falso arrependimento occultava os mais infames intentos!.. Vê o quadro de muitos que te illudem... conhece-os, e teme-os. Sim, cruel, e já que me falta aquelle poder, com que assombrava, e confundia os tyrannos; já que não posso satisfazer o meu justo rancor com a sua extinção; seja a minha voz hum trovão horrivel, que acorde os incautos, a quem o fanatismo agrilhôa com escandalo da natureza.

SCENA VIII.

Kalib, guardas, e os ditos.

Kal. GUardas, prendei-o: (1) não temais, que vos resista: seu fantastico poder desappareceo. (2)

Alim. Que fazes, Visir?...

Kal. Huma virtude; quero punir hum perverso.

Alim. Dize antes, que queres satisfazer a tua vingança; que desejas verter sangue para saciar a tua hidropica fereza; e livrares-te de hum rival, que te excede em honra.

Kal. Não tarda que terminem tantos

(1) Apontando para Azem.
(2) Os guardas o cercão.

insultos : ao explendor da minha gloria verei humilhados os meus inimigos.

Az. Sim, ve-los-has humilhados, mas não vencidos. Se pensas que has de gozar os prazeres, que a mente te figura... não, de certo os não terás. . . Remorsos, afflicções, angustias internas, e por isso mais afflitivas, serão a tua herança; pois he a que pertence aos tyrannos, que te imitão. Lembra-te de hum Nero, (1) que similhante ás viboras, rasgou as entranhas, que lhe dérão o ser, e foi victima da sua mesma crueldade: recorda-te de hum Pigmalião soberbo, e ambicioso, que á tua similhança, adorava o crime, e perseguia a virtude :.. ve-lo-has manejando hum sceptro de ferro . . . mas oppresso pelas suas mesmas riquezas, tambem o verás mais escravo, do que os seus mesmos escravos, acabar nos braços daquella que adorava. Estes, e outros muitos, forão grandes tyrannos, que a historia nos aponta para se odiarem; mas nunca tão temiveis como tu, e teus satellites: aquelles erão crueis desmascarados, de quem se fugia; e vós sois barbaros hipocritas, cocodrillos, que chorão para illudirem, e cravarem as garras no peito da candida innocencia.

(1) Como não marco a época, e toda esta acção he ideal, julgo não ser erro notar aqui estes tyrannos.

SCENA IX.

Ellamira, e os ditos.

Ellam. AZem, quem motiva as tuas vozes? . . . Mas oh Ceos! . . Que vejo! . . Que apparato horrivel! Ah! ninguem terá forças de te arrancar dos meus braços. *[Precipita-se com enthusiasmo nos braços de Azem.]*

Az. Ellamira! . . Oh meu Deos! que sensivel combate me prepáras! *[Abraçando-a com toda a ternura.]*

Kal. Separai-os.

Alim. Não, soldados . . . parai, ouvi a minha voz, e respeitai a minha authoridade.

Kal. Aqui só a minha se reconhece. Obedecei.

Az. Sim, obedecei; porque o destino o determina. Ellamira, a Deos, e a Deos para sempre. . . Amei-te, e amaste-me . . . e se a nossa mútua correspondencia excitou a inveja, dos que te não gozárão; se fiel aos teus votos, me offertastes hum coração puro, e immutavel; deixa que nestes ultimos instantes, extasiado de amor, morra a teus pés. . . . *[Ajoelhando, e pegando-lhe na mão, que beija affectuosamente.]*

Ellém. Azem, levanta-te; se te det o meu coração, como posso ver-te a meus pés? ... Se vais a morrer, eu não quero existir: tu és o arbitro desta alma... és o corpo, em que ella vive. Ah! enganão-se os cruéis, quando pensão que dominão o nosso espirito ... a faculdade de amar he livre, não soffre grilhões, nem meus pulsos hão de supporta-los. Exempta de perjuizos, sacudirei o jugo de huma lei cimentada pela ignorancia, e que a ambição de hum monstro quer ver executada... Não... não... oh querido Azem! ... Eu nunca deixarei de amar-te... Fuja-se deste clima ardente, em que só impérão barbaras paixões, e onde causa regosijo ver arrastar pezados ferros... Debaixo de hum Ceo amigo da innocencia, disfrutaremos instantes divinaes. ... Sim ... divinaes; ... porque o amor puro he filho do Ceo, o qual aprova os affectos, que a natureza inspira, e promove... O amor, em que me abraso, me electrisa... Dize, inhumano, (1) acaso pertendes imperar sobre quem amá?... Contempla a taboa immutavel das leis, que o Eterno prescreveo á natureza... Vistes acaso, que o pavoroso môcho, e voraz corvo se ajuntassem nos bosques, para regularem os amo-

(1) Pela Xalibi

res da pomba juvenil, prescrever-lhe os limites, e determinar-lhe o objecto? Este mesmo corvo hediondo, e triste môcho, quando amão; (porque tudo ama neste mundo) conhecerão leis ao seu affecto?.. Vio-se jámais, que o leão legislador arrancasse ao seu semilhante a companheira, que tinha escolhido? E o homem chama ao leão animal feroz?... Que nome, pois te devo dar, algoz da paz da minha alma? Ah! faltão-me as expressões, perco a vivacidade, e esmoreço á vista de contrastes tão oppostos aos sentimentos da minha alma. [*Desfalece nos braços de Azem.*]

Kal. Soldados, obedecei á voz do vosso chefe. Conduzi Ellamira ao seu aposento, e Azem ao lugar dos supplicios, onde padecerá morte infame, que abrande a cólera do Profeta. O seu castigo não tenha demora; e todos os seus sequazes soffrão a mesma pena. Dirviche, acompanhai-me para sermos testemunhas da extinção do réo. Obedecei. [*Aos soldados que querem obedecer.*]

Az. Affastai-vos, satellites da tyrannia..; não toqueis em Ellamira... fugi... O crime não deve aproximar-se da virtude... Alimur, Principe, eu aqui vos entrego este thesouro, que ávidos assassinos roubão ao meu coração amante... Defendei-o das cavilosas tramas,

que a barbaridade lhe prepára. Nasceste para reinar, e como tal deveis ser sensivel; os vossos sentimentos mo certificão, e a vós só compete proteger Ellamira. Neste passo extremo, que me resta, nada de mais valor vos posso legar, que a innocencia, e a virtude: defendei-a, amparai-a, e sereis venturoso. Agora vamos ao supplicio. *[Vai-se com Kalib, 1.° Dirviche, e guardas.]*

Alim. Oh Ceos! .. a que lances crueis me vejo reduzido! ...

Ellam. Onde estou! ... Que mágoa me opprime! ... Oh Deos! *[Fugindo dos braços de Alimur, e vagando pela scena.]* Azem?.. Azem? Onde estás? ... Quem te rouba aos meus ternos braços?.. Acaso já não vives! .. Já fostes victima da barbaridade! .. Mas tu não fallas!.. Não ouves a tua Ellamira! .. Oh Deos he morto! .. He morto! .. Eu ouço seus gemidos ... e o lúgubre apparato da morte testefica a horrivel tragedia. ... Ah! não ... esperai, algoses ... esperai, ainda vos falta huma victima á vossa feresa ... he Ellamira ... sou eu .. sim desfexai o golpe, e acabem ao mesmo tempo dois fidos amantes ... eu não posso viver sem elle ... e sem mim elle viver não póde ... esta mão que aperto desfexe o golpe. *[Pegando na mão de Alimur.]*

Alim. Ellamira! . . Tu deliras? . . Eu não sou tyranno, sou sensivel. . . não sou quem julgas.

Ellam. [*Silenciosa, delirante, e espantada primeiramente, e depois como entrando na ordem natural da razão, pouco a pouco vai conhecendo Alimur.*] E's sensivel! . . Sim, perdôa . . . agora te conheço . . . desculpa os delirios de hum ente, que procura a alma que lhe roubão, o espirito que o aviventa. . . Dize-me, aonde está Azem?

Alim. Azem! . . (1) Oh Ceos! . .

Ellam. Que observo! . . de teus olhos corre amargo pranto. . . Ah! tu és sensivel, e quando a sensibilidade chora, triunfa a tyrannia: não tenho que duvidar, os barbaros querem a morte de Azem; mas não esperem triunfar. . . Eu vou comparecer . . . a minha voz será ardente raio, que os assombre, e confunda para sempre nos abysmos infernaes. (2)

Alim. Infeliz! . . Quanto lamento a tua sorte! . . Mas como he possivel, que Azem succumba, quando ha pouco tantos prodigios o vi praticar! . . Eu me confundo! Porém que faço, que não soccorro a infausta Princeza! O seu delirio a póde precipitar. . . Ah! eu não devo

(1) Chorando.
(2) Vai-se.

exitar em valer á innocencia perseguida. Sacrifique-se embora a vida, e dêsse ao mundo hum testemunho do régio sangue que me anima. (1)

SCENA X.

Safim, Zellim, Barbuk, Zadige, Sallema, Izaure, Brites, e Jacomo, todos cercados de soldados, como quem vai para hum patibulo.

Saf. VAmos caminhando, e nada de chorata: tu, Zellim, quando a primeira cabeça destas profanas saltar fóra do corpo, offerece-a logo ao Profeta, em sacrificio dos attentados commettidos.

Zell. Sim senhor...

Barb. Eu cá não offereço se não a cabeça da senhora Sallema; porque he cabeça grande, e por isso de mais pezo, e valor.

Jac. Senhora Brites, já que vamos desta para a outra, sem termos os nossos dares, e tomares, não se esqueça de me apertar a mão na hora apoquentadissima.... Ai... ai...

Brit. Como lha hei-de apertar, se me sinto sem vigor...

(1) Vai-se.

Sall. Só me custa morrer sem saber para que vim ao mundo!.. Então com esta idade... Ai, ai.

Iz. Com sessenta invernos, sempre fiquei no rol do esquecimento: nem fui carne, nem peixe.

Saf. He pena!.. mas agora vais ser pasto das minhocas, lá bem no fundo da terra.

Zad. Tenha compaixão, senhor Safim: lembre-se, que sou huma rapariga...

Saf. Para mim he o peior, que pódes ter; porque me não serves de nada.... Era o que me faltava! Guardar trastes de que não faço uso! Marcha para diante,.. lá está o verdugo, que acaba essas choradeiras: vamos. *[Vão-se todos, e os réos chorando.]*

MUTAÇÃO I.

Grande Praça de Ormuz, e quando não a haja, campo com patibulo no centro.

SCENA XI.

1.° *Dirviche, e Oreb.*

Oreb. MUito me admira o teu excesso. Como he possivel, que te não envergonhes de vires presenciar o supplicio de hum teu semilhante?..

1.° *Dirv.* Se zellasses mais o teu ministerio, não te expantaria o interesse, que tomo em ver dar hum exemplo atterador a este povo, que outr'ora respeitando-nos, daqui a pouco nos insultará, certo que perdoamos os insultos, que se nos fazem. Mas as tuas expressões não me admirão, quando insanamente tens blasfemado contra o Profeta, sendo quasi cumplice nos crimes do réo. Dá graças á minha piedade, e ao caracter que exercitas, que he quem te exempta por ora da pena. Observa o supplicio, e treme da minha ira, se te opposeres ao seu cumprimento.

Oreb. Não tenho que temer, quando a razão, e a voz da consciencia dirige as minhas acções: o homem, que assim procede, zomba dos ameaços daquelles, que firmão o seu poder em vans theorias, e frivolas apparencias, que os raios luminosos da verdade destroem, e anniquillão. [*Ouve-se musica lúgubre.*]

1.° *Dirv.* Basta... cessem tuas vozes, que ao patibulo já se encaminhão os réos. (Bem que apeteço vêr chegado o trance final de Azem, não sei que horrivel pressentimento me vaticina huma proxima desgraça.)

Oreb. Tu tremes?... Ah?... Não sejas tão fraco, que esmoreças perante o espectaculo horrendo, que preparastes...

Tem caracter, e firmeza, e dá ao mundo hum completo exemplo de tyrannia. *[Vai escurecendo.]*

SCENA XII.

Aproxima-se mais a musica, e vem entrando na Scena tropa, cercando os réos. O Verdugo, Dirviches, Povo, Safim, Zellim, Barbuk, Sallema, Izaure, Zadige, Brites, Jacomo, e mulheres do serralho. Azem, e Kalib.

Az. QUanto he custoso á minha alma este sacrificio! . . Ellamira! . . Ellamira! . . A afflicção, que teu peito generoso, e sensivel ha de soffrer, he quem neste momento me horrorisa.

Kal. Termine-se a execução. (1) (A minha alma soffre terriveis convulsões.) Hide.

(1) Trovão, e relampago.

SCENA XIII.

Alimur, e os ditos.

Alim. SUspende, Kalib, suspende, e escuta-me,

Kal. Não posso, nem quero.

Alim. Não queres!... Ah soberbo, attende a alta gerarquia, a que pertenço;.. mas eu não devo gastar o tempo comtigo... Soldados, Povo, escutai-me: sabei, que ides derramar o sangue do homem innocente, e que este ha de pedir vingança!... Lembrai-vos, que o Ceo já tróa, e a esfera envolvida em negro manto ameaça a vossa destruição. Azem he innocente, torno a dizer... e se auxiliardes os barbaros projectos de hum sanguinario; se a cabeça de Azem cahir, será Ormuz o theatro da mais espantosa guerra. Eu inflamarei o sensivel coração de meu pai, que escudado pelos Principes seus visinhos, reduzirá este reino a montões de ruinas, que assombrem o mundo.

Kal. São vans as tuas ameaças; e para te mostrar, que não as temo, vou terminar a execução. Soldados marchai, e Azem suba ao patibulo. (Ancias crueis deixai-me!)

Az. Não se precisa de violencia; eu

mesmo me vou offerecer ao cutello do algoz. Huma força occulta me anima, e faz que não tema a morte. Para minha vingança bastão só os remorsos flagellantes, que te assaltão ... em vão procuras occulta-los; debalde affectas tranquilidade; porque o teu rosto pallido, e desfigurado te accusa: os crimes todos tens estampados nelle; a teu pesar te manifestão qual és, para seres odiado, e aborrecido; unico sentimento, que os tyrannos adquirem dos mortaes.

Kal. Levai-o. [*Vai hindo para o patibulo.*]

Zell. O homem he tezo...

Saf. Logo murcha, em lhe faltando a bolla.

Barb. Este coitado, he que está huma miseria. (1)

Jac. Nunca pensei, que visse o meu enterro em vida!.. E a pobre Brites treme como varas verdes.

Sall. Não posso levar á paciencia esta injustiça.

Iz. He assim, quando nada temos com isto.

Tod. Ai... ai... ai... (2)

Saf. Callem-se já, insolentes; ou eu mesmo vou ceifando cabeças.

---

(1) Para Jacomo.
(2) Chorando.

Barb. Que as velhas morressem, era bem feito; mas as raparigas he pena. *[Os relampagos tem sempre continuado.]*

1.° *Dirv.* Oreb, ampara-me, que succumbo. . . Violenta convulsão me acommette.

Oreb. He bem, que recebas o premio das tuas iniquidades.

Az. (1) A Deos povo de Ormuz . . . caros, e infelizes patricios... eu lamento a vossa sorte. Conduzidos pela cegueira, e ambição, sereis sempre victimas de enganos. Sabei, que os prodigios, que me visteis praticar, não erão, nem obra de encantos, nem fructo da minha sciencia; mas sim o resultado de hum Genio divinal, que me escudava: perdi este bem, porque talvez abusasse delle; e nesta hora extrema, sabei, que não sou Musulmano; abandonei a crença de Mafoma, para seguir huma religião santa, e immutavel.

Kal. Desfexai o golpe. . .

Gen. dentro. Sim, e acabem os tyrannos.

Sahem dos alçapões dois monstros com seu punhal, que o cravão em Kalib, e no 1.° *Dirviche, e somem-se logo pelos mesmos alçapões.*

Tod. Que prodigio! . . .

(1) No patibulo.

Grande trovão, e de repente o patibulo muda para hum rico throno de christal, aonde apparece o Genio do Bem, e Ellamira ricamente vestida: a Scena toda muda para hum vergel o mais aprasivel. Azem, logo que corre a transformação, muda para fato riquissimo. Durante hum coro, o Genio do Bem une Azem a Ellamira; senta-os no throno; desce hum grupo de Anjos, que os corôa, e todos lhes dedicão homenagens: no fim do coro vem para a Scena.

O habil ensaiador dirigirá este movimento, com a sua bem conhecida pericia:

Gen. Venceo a virtude com desdoiro do crime; e nunca os Ceos a deixaráõ succumbir. Azem, tu triunfastes; porque sempre soubestes prezar a verdade, e seguistes a estrada da rectidão. Quiz conhecer de quanto era susceptivel a tua alma, e a constancia, de que se adornava: usurpei-te o poder, que te havia doado, e entreguei-te nas mãos dos teus contrarios, para que conhecesses os males, e afflicções, que os mortaes padecem, quando a beneficencia não anda nos Thronos apar da Justiça. E's digno de Ellamira, e ella assás crédora do teu amor, pelos dotes com que o Ceo a adornou. E para cúmulo da tua felicidade, e em recompensa do Throno, que te offerta, pro-

cura sempre fazer a ventura do teu Povo, unica gloria a que aspirão os bons Monarcas.

Ellam. Meus extremos serão recompensados, se a herança, que meu pai me legou, prosperar debaixo de hum governo justo, e moderado.

Zell. Agora estou desenganado, que o Profeta era hum charlatão. Elle nunca fez destas.

Saf. Qual!.. Sempre era homem, que não gostava de vinho.

Barb. Prova evidente da sua tolleima.

Brit. Senhor Jacomo, dou-lhe os parabens pela sua soltura.

Jac. O susto foi tal, que ainda não estou em mim, senhora Brites.

Alim. Ellamira, Azem, eu vos felicito, e me alegro com o vosso triunfo. Retiro-me para os meus Estados, aonde espero, que a narração deste facto hade prodigiosamente concorrer para se respeitar a virtude.

Az. Quando os sentimentos justos, e rectos são a base, em que se firma o coração do homem, este sempre alcança a estima do Público. Povo de Ormuz, o amor de Ellamira elevou-me á eminencia do Throno; conheço, que della não sou digno, e tremo ao aspecto da tarefa, que os Ceos me destinão. Nada mais penoso, que governar homens; e

pada mais aprasivel, que faze-los ditosos. Serei incançavel neste sagrado dever. Cortarei os abusos, desterrarei para sempre a idionda ignorancia, que prende o espirito, e embota a mente, igualando-nos aos brutos. Farei, que a Religião Divinal, que sigo, livre de superstições que a desfigurem, vos appareça em todo o seu explendor; e premiando o mérito, punindo o crime, e calcando aos pés a tyrannia, seguirei a estrada da honra, e alcançarei a gloria de estabelecer o meu Throno no amor dos Povos; columna irresistivel, e firme, que os torna duradoiros, e permanentes.

FIM.

O Author avisa aos senhores Assignantes, que já fica no prélo. a 2ª Comedia intitulada: AZENDAI, *ou* O SUPERFLUO, *e* O NECESSARIO.

Collecção de peças theatraes para salas e theatros particulares
N.º 328

LUIZ FERREIRA DE CASTRO SOROMENHO

A MÁ LINGUA DO MESTRE NICÓLA

SCENA COMICA

ORIGINAL

Representada com geraes applausos em diversos theatros particulares

2.ª EDIÇÃO

LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
(CASA FUNDADA EM 1890)
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

60, Travessa de S. Domingos, 60 — Lisboa

1 — Uma mulher no seguro, comedia em 1 acto, 3 homens e 1 senhora. 120
2 — Os dois conquistadores, comedia em 1 acto, 3 homens só 120
3 — Choro ou rio? comedia em 1 acto, 2 homens e 1 senhora, 3.ª edição. 120
4 — Scenas do Brazil, drama em 3 actos, 6 homens e 1 senhora, 2.ª edição 200
5 — O Gaiato das castellas, scena comica para homem, 3.ª edição . . . 60
6 — O criado do rabião, com. em 1 acto, 3 homens e 1 senhora, 2.ª ed. . 120
7 — Ladrões da honra, drama em 4 actos, 7 homens e 1 senhora, 2.ª ed. 300
8 — O defeito, cançoneta comica para homem 100
9 — Torturas d'um escravo, drama em 1 acto e 2 quadros, 3 homens só . 120
10 — A Morte de Gallo, comedia em 1 acto por Santos Lima, 4 homens e 1 senhora, 2.ª edição 160
11 — Amanhã vou pedil-a, scena comica para homem, 6.ª edição . . . 50
12 — Scenas do mundo, drama em 3 actos, 6 homens e 1 senhora 240
13 — O Cabos, monologo para homem, 3.ª edição. 100
14 — Descuidos, monologo para homem, 3.ª edição 100
15 — Rataplan, monologo para homem, 2.ª edição 100
16 — Milagres, cançoneta para homem, 3.ª edição 100
17 — Trocos e trinas, cançoneta para homem 100
18 — O diabo á solta, comedia em 1 acto, 4 homens só, 2.ª edição 120
19 — O Mano Aniceto e mano Gaspar, comedia em 1 acto, 2 h. só, 2.ª ed. 120
20 — Zas-ca-traz, monologo para homem 100
21 — O filho da republica, drama em 3 actos, 9 h. e 2 s., 2.ª edição. . . . 240
22 — O terrivel, monologo para homem, 5.ª edição 100
23 — As noites do conselheiro, monologo para homem 100
24 — Manuel João de Fanhões, scena comica para homem, 2.ª edição. . . 60
25 — Por um triz, comedia em 1 acto, 3 homens só, 3.ª edição 160
26 — Meu amigo banana, cançoneta para homem, 4.ª edição 60
27 — São horas… vou-me raspando, monologo para homem, 4.ª edição . 60
28 — Um alho, scena comica para homem, 5.ª edição 100
29 — Alighieri Junior, scena comica para homem, 2.ª edição 100
30 — A bengala, poesia comica para homem, 3.ª edição 100
31 — Um saio de dama, monologo para homem. 100
32 — O baião, cançoneta para homem 100
33 — As Ostras, monologo para homem, 2.ª edição 100
34 — A Casa de Babel, comedia em 1 acto, 5 homens e 1 senhora, 2.ª ed 160
35 — Eu não estou para me ralar, cançoneta para homem 60
36 — !!! PpoppP !!! monologo para homem 100
37 — O sineiro, cançoneta para homem 100
38 — Morreu a minha sogra, monologo para homem, 3.ª edição 100
39 — Por causa d'um clarinete, comedia em 1 acto, 5 h. e 1 s., 2.ª edição 150
40 — Abençoada rosa! comedia em 1 acto, 3 homens e 1 senhora, 2.ª edição 120
41 — Sol, la, si, do, cançoneta para homem, 3.ª edição 60
42 — Arim… arim… cançoneta para homem em gallego, 3.ª edição . . 100
43 — Modos de ver… cançoneta para homem. 100
44 — Precipitidades de familia, comedia em 1 acto, 3 h. 1 s., 2.ª edição . . 120
45 — Assim… assim, cançoneta para homem, 1.ª edição. 100
46 — O guarda sol, cançoneta para homem 100
47 — O macaco, cançoneta para homem 100
48 — Embirro muito comnigo, poesia comica, 2.ª edição 60
49 — O Escravo, drama em 1 acto, 3 homens e 1 senhora, 2.ª edição . . . 200
50 — Sombras e cobardias, drama em 3 actos, 7 homens e 1 senhora, 2.ª ed. 300
51 — Sr. Narciso e os banhos do mar, scena comica para homem, 2.ª edição 60
52 — O viuvo, cançoneta para homem 100
53 — Vou casar, poesia comica para homem, 2.ª edição 60
- Esta mão na Marianna, cançoneta para homem, 2.ª edição 60
Cousas do Sebastião, comedia em 2 actos, 4 homens e 3 senhoras. . . 200
Na bocca do lobo, comedia em 2 actos, 5 homens e 3 senhoras . . . 240
O sonequinho, cançoneta para homem, 2.ª edição 100
O arenque secco, monologo para homem, 2.ª edição 100
Não . . . [illegible], menina ? … monologo para homem 100

d to
date
red
ied